UMA NOITE ESCURA

A DARK NIGHT'S WORK

ELIZABETH GASKELL

PEDRAZUL EDITORA

UMA NOITE ESCURA

ELIZABETH GASKELL

Copyright © 2017 *by* Pedrazul Editora Ltda.

Todos os direitos reservados à Pedrazul Editora.

Texto adaptado à nova ortografia da Língua Portuguesa, Decreto n° 6.583, de 29 de setembro de 2008.

Direção Geral: Chirlei Wandekoken

Direção de arte: Eduardo Barbarioli

Tradução: Taynée Mendes

Revisão ortográfica: Silvia Pereira

Cotejo: Marcia Bock Belloube

Comissão de capa: Fabiana Petrucci Swingler, Fernanda Huguenin, Marcia Bock Belloube, Taynée Mendes e Tamires de Carvalho.

Reservados todos os direitos desta tradução e produção. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa da Pedrazul Editora, conforme Lei n° 9610 de 19/02/1998.

www.pedrazuleditora.com.br

UMA NOITE ESCURA

Por: Elizabeth Gaskell

Tradução: Taynée Mendes

Edição dedicada a Jessica Torres Dias, Rio de Janeiro - RJ.

CAPÍTULO I

Há cerca de quarenta anos, vivia em um vilarejo de certo condado um tal Mr. Wilkins, um advogado de reputação ilibada.

O certo condado não passava de uma pequena comarca, e seu vilarejo principal abrigava, estima-se, apenas quatro mil habitantes. Portanto, ao mencionar que Mr. Wilkins era o advogado mais importante de Hamley, digo muito pouco, a menos que acrescente a informação de que ele conduzia todo o trâmite jurídico da pequena nobreza em um raio de 32 quilômetros.

Seu avô iniciara as relações; seu pai as consolidara e fortalecera e, de fato, por sua conduta sábia e digna, assim como por suas habilidades profissionais, ele adquiriu para si a posição de confidente de muitas das distintas famílias que viviam nas redondezas. Transitava entre elas de um modo que nenhum mero advogado havia logrado antes: jantava à mesa – é preciso observar que sozinho, sem a companhia de sua mulher –, comparecia às caçadas eventualmente, como por acaso, ainda que bem equipado como qualquer escudeiro do grupo, e era às vezes convencido (após uma curta observação amabilíssima do tipo “tenho compromissos profissionais” e “preciso voltar ao escritório”) a campear com seus clientes. Imagine que, às vezes, ele esquecia a costumeira prudência e era o primeiro a presenciar a captura do animal. E cavalgava de volta para casa com a cauda.

Todavia, em termos gerais, conhecia sua posição social, conforme esta deveria ser naquele condado aristocrático e naquela época. Não se deve supor, porém, que ele era de certa forma um bajulador. Respeitava a si mesmo demais para isso. Seria capaz de dar o parecer mais desagradável, se necessário. Aconselharia uma redução generosa de despesas a um sujeito extravagante. Recomendaria um abatimento de orgulho familiar, se isso possibilitasse alguns casamentos felizes em certos casos. E ainda se valeria do que havia de mais ofensivo há 40 anos a fim de defender um inquilino injustamente acusado. E tudo isso com tanta sabedoria e boas intenções, em boa hora e na dose certa, que mais de uma vez ganhava a discussão.

Tinha um filho, Edward. O garoto era o júbilo secreto, o orgulho do coração do pai. Aos seus olhos, ele não era dos menos ambiciosos, mas tinha dificuldade, isso sim, em admitir que seu próprio negócio era lucrativo demais, rendia altos honorários demais, para transferi-lo às mãos de um estranho, como o faria, a menos que alimentasse sua ambição no próprio filho ao dar-lhe estudo e tornar-

lhe um advogado. Tal determinação para o lado prudente do raciocínio ocorreu quando Edward estava em Eton, uma escola para garotos na Inglaterra. O garoto tinha, talvez, a maior mesada em dinheiro de bolso de todos os outros da escola. E pretendia estudar em Christ Church, uma universidade de renome em Oxford, com seus colegas, filhos dos escudeiros e dos nobres empregadores de seu pai. Foi uma grave decepção para ele descobrir que seu destino tinha mudado, que ele teria que voltar a Hamley para receber aulas do pai e assumir uma posição hereditária e subserviente aos meninos que outrora surrara no recreio e espancara nas aulas.

O pai tentou compensar o sofrimento oferecendo-lhe todos os prazeres que o dinheiro podia comprar. A cavalaria de Edward era ainda mais vistosa que a de seu progenitor. Seu gosto literário era mantido e estimulado com o consentimento do pai para formar uma vasta biblioteca; e para tal propósito foi adicionado um nobre cômodo à casa já espaçosa de Mr. Wilkins nos subúrbios de Hamley.

Após um ano de estudos jurídicos em Londres, seu pai o mandou fazer o *grand tour*, com algo muito similar a uma carta branca para despesas, a julgar pelos embrulhos enviados à casa de várias partes do continente.

Enfim, voltou à casa – voltou para ser sócio do pai em Hamley. Era um filho de se orgulhar, e plenamente orgulhoso estava o velho Mr. Wilkins de seu menino culto, lindo e talentoso. Edward não chegou a ficar mimado pela contínua complacência pela qual passara. No mínimo, se por ventura lhe causou algum dano, tais efeitos eram, no tempo presente, desconhecidos à vista. Não apresentava falhas vulgares. Era, decerto, refinado até demais para a sociedade à qual seria provavelmente atirado, mesmo supondo que aquela sociedade consistia dos mais altos empregadores de seu pai. Letrado, era um artista despretensioso. Acima de tudo, “seu coração estava no lugar certo”, conforme costumava observar seu pai. Nada poderia exceder a admiração que o pai sempre demonstrou ao filho. Sua mãe há muito havia morrido.

Não sei se foi a ambição própria de Edward ou os desejos do pai orgulhoso que o levaram a frequentar as reuniões sociais de Hamley. Presumo o segundo caso, pois Edward tinha muito bom gosto para desejar ingerir-se em qualquer grupo social. Na opinião de todo o condado, nenhuma sociedade tinha mais razões para se considerar exclusiva exceto pelo fato de se reunir toda lua cheia no salão de festas de Hamley, uma proeminência construída na principal

hospedaria do vilarejo, com a contribuição de todas as famílias do condado. Dentro daquele recinto seleto e misterioso, nenhuma pessoa da vila poderia entrar, nenhum profissional poria seus pés ali, nenhum oficial de infantaria jamais viu o interior do baile ou o salão de jogos. Os antigos contribuintes teriam de bom grado feito um homem provar seus dezesseis costados[1] antes que este pudesse reverenciar a dama da noite.

Mas os antigos fundadores das reuniões de Hamley foram sumindo, minuetos desapareceram com eles, danças típicas esvaíram-se. As contradanças estavam na moda – imagine, alguns dos mais ilustres magnatas do condado tentavam introduzir a valsa, assim como a viram em Londres, onde estreou com a visita de monarcas aliados no momento em que Edward Wilkins fez seu *début* naqueles palcos. Esteve em muitas reuniões suntuosas no exterior, mas o antigo e minúsculo salão de baile anexo à hospedaria do George, em sua cidade natal, ainda era para ele um lugar grandioso e mais respeitável que os mais magníficos salões que vira em Paris ou Roma. Ria de si mesmo por tal admiração descabida Apesar disso, lá ela era real.

Jantara na casa de um dos menores da pequena nobreza, que tinha obrigações consideráveis com seu pai e oito filhas feias, bocudas e que dificilmente imporia muita resistência aristocrática ao desejo claramente implícito do velho Mr. Wilkins de que Edward fosse apresentado nos salões onde ocorrem as reuniões de Hamley.

Porém, à introdução de Wilkins, o filho do advogado, nos recintos sagrados, os olhares de muitos cavaleiros reagiram furiosos e ameaçadores. E talvez houvesse muito mais aflições que prazeres para o jovem naquela reunião, não fosse por um incidente que ocorreu mais tarde, à noite. Uma vez a cada estação, o *Lord-Lieutenant*[2] do condado comparecia às reuniões de Hamley geralmente com uma grande comitiva. E esta noite esperava-se por ele acompanhado de uma elegante duquesa e de suas filhas. Mas o tempo foi passando e eles não apareciam. Por fim, com sussurros e ruídos, surgia rapidamente a comitiva majestosa. Por alguns minutos, a dança parou, o conde conduziu a duquesa ao sofá, alguns conhecidos vieram falar com eles e então as contradanças foram interrompidas abruptamente. Na sequência, uma dança típica, da qual nenhum membro da comitiva do *Lord-Lieutenant* participou.

Então houve uma consulta, um pedido, uma inspeção dos dançarinos, uma mensagem à orquestra e a banda começou a tocar uma valsa. As filhas da

duquesa voaram ao som da música e mais algumas moças rapidamente as imitaram. Porém, ai de mim, não havia cavalheiros acostumados com a dança do momento. Um dos mordomos lembrou-se do jovem Wilkins, que acabara de retornar do Continente. Edward era um belo dançarino e bailou a valsa com maestria. Como sua próxima parceira, teve uma das filhas da duquesa, pois a duquesa, a quem os cavalheiros do condado e sua diminuta política e picuinhas eram um todo desconhecido, não via motivo algum para que sua adorável Lady Sophy ficasse sem um bom par, seja lá qual for seu *pedigree*, e implorou aos mordomos para apresentar-lhe Mr. Wilkins. Depois dessa noite, sua fortuna estava feita com as moças das reuniões de Hamley. Não era impopular com as *mammas*, mas grande parte dos escudeiros ainda o mirava de soslaio e seus herdeiros (os quais recebiam uma sova de Edwards em *Eton*) o chamavam de principiante pelas costas.

CAPÍTULO II

Não era uma situação agradável. Mr. Wilkins dera ao filho uma educação e gostos para além de sua posição social. Não poderia travar relações por lucro nem por prazer ou se associar com o médico ou com o cervejeiro de Hamley. O vigário era ancião e surdo, o padre-cura, um jovem bruto meio assustado ao som da própria voz. Assim sendo, em relação a matrimônio – a ideia de seu próprio casamento mal passava pela cabeça de Edward se comparada à de seu pai –, ele dificilmente poderia imaginar trazer qualquer das raparigas de Hamley a sua elegante mansão, com tantas inspirações e referências a uma pessoa culta, tão inapropriada para abrigar uma moçoila ignorante, rude e mal-educada. Mesmo assim Edward estava ciente, caso seu amável pai não estivesse, de que, de todas as jovens que o aceitavam de bom grado como par nas reuniões de Hamley, não havia uma sequer que não se sentiria ultrajada por um pedido de casamento de um advogado, filho e neto de advogados. Talvez, por ter recebido calado excesso de menosprezos e humilhações em todos esses anos, isso tenha influenciado seu caráter posteriormente. Até mesmo neste momento eles exercem seu efeito. Tinha um temperamento muito dócil para demonstrar ressentimento, como muitos homens o fariam.

Entretanto, deleitava-se em segredo com o poder que o dinheiro do pai lhe proporcionava. Compraria um cavalo caro depois de cinco minutos de conversa sobre o preço, que tinha sido pechinchado durante três semanas por um herdeiro pobre de uma das famílias mais presunçosas do condado. Seus cães provinham dos melhores canis ingleses, sem importar o custo. Suas armas eram as mais recentes e dos modelos mais aperfeiçoados e todas essas despesas em objetos eram dignas de inveja diária por parte dos escudeiros e dos filhos dos escudeiros na região. Não fazia muito caso das preciosidades de arte que, dizem as más línguas, foram sendo acumuladas na mansão de Mr. Wilkins. Mas cobiçavam sim os cavalos e os cães que possuía, e o jovem sabia disso e se alegrava.

Em dado momento, arranjou um matrimônio, que, como é de se esperar de

tais cerimônias, agradou a todos. Estava perdidamente apaixonado por Miss Lamotte. Portanto, emocionou-se quando ela consentira em ser sua mulher. O pai regozijava-se de seu regozijo e, além disso, sentiu-se afortunado ao lembrar que a mãe de Miss Lamotte fora irmã caçula de Sir Frank Holster e, apesar de o casamento ter sido repudiado por sua família – pois ele era de posição social inferior à dela –, ainda assim ninguém poderia eliminar seu nome do baronato, onde foi registrada a vida de Lettice, filha caçula de Sir Mark Holster, que nasceu em 1772, e se casou com H. Lamotte em 1799 e morreu em 1810. Ela deixou duas crianças, um menino e uma menina, pelos quais seu tio, Sir Frank, ficou responsável, pois o pai tivera um destino pior que a morte; um sujeito fora da lei cujo nome nunca era pronunciado.

Mark Lamotte fazia parte do Exército. Lettice tinha uma posição dependente na família do tio. Não intencionalmente mais dependente do que obrigavam as circunstâncias, mas ainda subordinada o bastante para incomodar uma garota sensível, cujo melindre natural a desapreços era redobrado ao se lembrar constantemente da desgraça do pai.

Como bem sabia Mr. Wilkins, Sir Frank estava consideravelmente envolvido. Mas foi com bastante hesitação que ouviu ao pedido de casamento que proporcionaria a sua paupérrima sobrinha um lar confortável, para não dizer luxuoso, e um jovem bonito e talentoso, de caráter imaculado como marido. Disse algumas palavras mordazes e insolentes a Mr. Wilkins, mesmo enquanto dava seu consentimento ao matrimônio. Assim era seu temperamento, orgulhoso e daninho. Mas ele estava de fato satisfeito com a união, muito embora, vez por outra, se virasse contra o marido da sobrinha e o afligisse com um insulto dissimulado em virtude da origem e da posição inferior que carregava, esquecendo-se, ao que parece, de que seu próprio cunhado e pai de Lettice poderia estar a qualquer momento perante o tribunal de justiça caso tentasse voltar a sua terra natal.

Edward irritara-se com tudo isso. Lettice ressentia-se. Amava seu marido com ternura e sentia-se orgulhosa dele, pois tinha discernimento suficiente para ver como ele era superior em tudo aos seus primos, os jovens Holsters, que pegavam emprestados os cavalos de Edward, bebiam seus vinhos e puxaram o hábito do pai de zombar da profissão de advogado.

Lettice desejava que Edward se contentasse com uma vida puramente doméstica, que largasse a companhia da nobreza rural do condado e achasse seu

descanso a seu lado, na farta biblioteca ou na sala de visitas espaçosa, repleta de estátuas brancas e reluzentes e quadros preciosos. Entretanto, talvez isso fosse esperar demais de qualquer homem, especialmente daquele que se sentia preparado para brilhar de muitas formas na sociedade e que era social por natureza. Sociabilidade naquele condado e naquela época significava jovialidade. Edward não ligava para vinho, mas ainda assim era obrigado a beber – e, a certa altura, chegou a se vangloriar como *sommelier*.

Seu pai, nessa época, já havia morrido. Morreu um velho contente, com um coração satisfeito – seu negócio ia de vento em popa, os vizinhos mais pobres o amavam, os mais ricos o respeitavam, seu filho e nora seguiam mais apaixonados e dedicados do que nunca e sua consciência sã em paz com Deus.

Lettice poderia ter vivido para sua família. Edward diariamente carecia mais e mais do incentivo da sociedade. Sua mulher não se conformava com o fato de ele aceitar convites para jantares de pessoas que o tratavam como “Wilkins, o advogado, um sujeitinho muito cordial”, quando o apresentavam a estrangeiros, mas não chegariam a apreciar o gosto, o talento e a natureza artística e impulsiva que ela tanto admirava. Lettice esquecia que, ao aceitar tais convites, Edward, às vezes, travava relações não apenas com pessoas muito convencionais, mas também com as de alto cunho intelectual. Isso quando certa dose de vinho tivesse dissipado seu complexo de inferioridade de classe e posição. Aí ele se tornava um orador brilhante, um homem a ser ouvido e admirado até mesmo por um político londrino, um profissional de jantares ou qualquer grande escritor que possa vir a ser um visitante em uma casa de campo no condado.

Deveria tê-lo feito desistir da soberba de seu coração, deveria tê-lo aconselhado a evitar as tentações que o levavam às extravagâncias pecaminosas. Ele começou a gastar mais do que deveria, não em artefatos intelectuais – embora fosse errado –, mas em coisas puramente sensuais. Seus vinhos e sua mesa deveriam ser tais que nenhuma carteira ou paladar de escudeiro pudesse botar defeito. Seus jantares – pequenos em número, com pratos de qualidade rara e delicada, enviados à mesa por um cozinheiro italiano – deveriam ser tais que até as celebridades de Londres notariam com admiração. Deixaria Lettice se vestir do material mais fino, com a renda mais delicada. Joias, dizia ele, estavam fora do seu alcance, ao olhar de relance, com humildade ressentida, os diamantes das senhoras e o ouro folheado das moças. Conseguiu, porém, gastar tanto nas rendas de sua mulher quanto compraria vários conjuntos de joias menores. Lettice ficou majestosa. Se, conforme se falava, seu pai fosse apenas um

aventureiro francês, os traços de sua natureza eram evidentes em sua graça, delicadeza e no jeito elegante e fascinante de fazer todas as coisas. Lettice foi feita para a sociedade. E, contudo, odiava isso. E, um dia, deixou tudo isso para trás e para sempre.

Estava bem pela manhã quando Edward saiu para o seu escritório em Hamley. Ao meio-dia, recebeu mensageiros trêmulos e apressados. Quando chegou à casa sem ar e desnorteado, ela já não mais falava. Um relance de seus lindos olhos negros amorosos demonstraram que ela o reconheceu de forma ardente e apaixonada, uma das características de seu amor durante a vida. Não houve palavras entre os dois. Ele não pôde falar, nem ela. Ajoelhou-se ao seu lado. Ela estava morrendo. Estava morta e ele de joelhos, imóvel.

Trouxeram-lhe sua filha mais velha, Ellinor, em absoluto desespero sobre o que fazer para despertá-la. Não atentaram para os efeitos na criança, até agora enclausurada no berçário durante este dia repleto de confusão e alarme. A menina não fazia ideia do que era a morte e seu pai, ajoelhado e sem lágrimas, um objeto que despertava tanta surpresa ou interesse quanto sua mãe, que jazia imóvel e pálida e que não se virava sorrindo para sua bem-amada.

— Mamãe! Mamãe! — gritava a pequenina, aterrorizada. Mas a mãe já não se movia mais e o pai afundava o rosto com mais força nos lençóis a fim de abafar o choro, como se uma faca afiada perfurasse seu coração. Impetuosa, a menina empurrou os criados e correu para a cama. Sem se deter pelo vírus mortal ou pelo corpo inerte sem vida, ela beijou os lábios da mãe e acariciou seus cabelos negros oleosos, murmurando palavras doces de amor irrestrito, como acontecia muitas vezes entre mãe e filha na ausência de testemunhas. E assim parecia quase fora de si em uma agonia de amor e terror.

Edward levantou-se e carregou-a nos braços de modo delicado, levando a pequena, que ficou como morta (de tão exausta que estava pela emoção terrível que acometera seu coração pueril), para o seu gabinete – um pequeno cômodo que dava para a imensa biblioteca, onde, em noites alegres que nunca mais voltarão, o casal costumava se recolher para tomar chá junto e então, talvez, fazer um passeio ao ar livre para fora da porta de vidro, entre os arbustos, nos campos – que jamais serão pisados novamente por aqueles pés graciosos.

Ninguém pode dizer o que se passou entre pai e filha naquela reclusão. Mais tarde, à noite, prepararam a ceia de Ellinor e os criados que a trouxeram puderam

ver a criança deitada como morta nos braços do pai. Antes que ele a deixasse, observaram o patrão deles alimentá-la, uma menina de seis anos, com tanto zelo como se ela fosse um bebê de seis meses.

CAPÍTULO III

A partir daquele momento, o laço entre pai e filha se fortaleceu e cresceu em cuidado naturalmente. Ellinor, é verdade, dividia sua afeição entre sua irmã mais nova e seu papai. Ele, porém, com pouco jeito com bebês, sentia apenas uma estima teórica por sua caçula, pois a mais velha absorvera todo o seu amor. Todos os dias em que jantava em casa, Ellinor era colocada na mesa de frente para ele enquanto jantava tarde da noite. Sentava-se no lugar de sua mãe durante a refeição, embora já tivesse jantado e até ceado pouco antes em seu quarto rudimentar. Era ao mesmo tempo lamentável e divertido observar o jeito sóbrio e cuidadoso da menina e seu modo de falar, como se tentasse agir conforme a dignidade de seu lugar como companheira do pai. Às vezes, sua cabecinha pendia de sono na hora de cecear palavras de sabedoria. “Menina carcomida”, assim as amas a chamavam, e profetizavam que ela não viveria muito tempo por causa disso.

No entanto, em vez do cumprimento da profecia, o bebê corpulento e saudável foi acometido por convulsões e ficou bem, depois doente, e morreu em apenas um dia! O luto de Ellinor era algo preocupante, por seu silêncio e encobrimento. Esperava até ficar sozinha – como pensava – à noite para então soluçar e chorar de raiva, gritando “bebezinho, volte para mim... volte”, até que todos temessem pela saúde da frágil menina cujo sentimento inocente teve de aguentar dois choques como esses.

Seu pai deixou de lado todos os negócios, todos os prazeres de qualquer tipo, com o objetivo de livrar sua querida do luto. Nenhuma mãe poderia ter feito mais, nenhuma ama por mais amável que fosse poderia ter feito metade do que Mr. Wilkins fez por Ellinor. Se não fosse por ele, ela teria morrido de tristeza.

Como de costume, ela superou – mas lenta e exaustivamente – ao não se permitir amar alguém por algum tempo, como se temesse de forma instintiva que todo o seu intenso apego resultaria em uma morte súbita. Seu amor – antes restrito a um espaço pequeno – finalmente rompeu as barreiras e transbordou em

direção ao pai. Foi uma recompensa significativa para ele por todo zelo que demonstrava com ela, e apreciava – talvez de um jeito egoísta – todas as maneiras sutis que ela sempre encontrava de convencê-lo, como se precisasse, de que ele era sempre o primeiro em sua vida.

A ama dissera ao pai que cerca de meia hora antes do horário em que geralmente ele chegava, à noitinha, Miss Ellinor começava a arrumar suas bonecas, preparando o tesouro inanimado para dormir. Então ela se sentava e escutava com muita atenção seus passos. Enquanto a ama imaginava qual seria a distância da qual Ellinor poderia ouvir a aproximação do pai, dizendo que ela mesma tentara ouvir, mas não escutava nenhum som, Ellinor respondia:

— Claro que você não pode ouvir. Ele não é seu papai!

Em suma, quando ele saía de manhã, depois de tê-la beijado, Ellinor corria até a janela de onde poderia avistá-lo seguindo pela alameda, ora escondido atrás da cerca viva, ora ressurgindo no campo aberto, novamente fora de vista, até chegar à grande faia, uma árvore muito antiga, onde por mais um instante podia vê-lo. E assim desviava da janela com um suspiro, às vezes, para acalmar seus medos velados, como se dissesse para si mesma:

— Ele voltará esta noite.

Mr. Wilkins gostava de sentir que a filha dependia dele para se divertir. Ficava até com um pouco de ciúmes de quem a mimasse ou lhe desse um presente ou que as primeiras novidades não viessem dele ou por meio dele.

Enfim, era necessário que Ellinor tivesse mais instrução do que sua boa e velha ama poderia lhe proporcionar. Seu pai não se preocupou em fazer-se de professor, o que anteviu que exigiria culpa eventual e um exercício ocasional de autoridade, o que poderia possivelmente tornar-lhe menos idolatrado por sua pequena. Então incumbiu a Lady Holster a responsabilidade de escolher uma dentre suas muitas *protégées* para ser a governanta de sua filha. Agora, Lady Holster, que mantinha um tipo de cartório amador no condado, ficou muito contente em poder ser útil desta maneira. Mas quando inquiriu um pouco mais sobre o tipo de pessoa solicitada, tudo o que conseguiu extrair de Mr. Wilkins foi:

— A senhora sabe muito bem o tipo de educação que uma dama deve ter e escolherá, tenho absoluta certeza disso, uma governanta para Ellinor melhor do

que eu poderia apontar. Só, por favor, escolha alguém que não se casaria comigo e que mantenha o hábito de Ellinor de preparar meu chá e de fazer tudo o que ela gosta, pois já é tão boa que ninguém precisa tornar-lhe melhor, apenas ensinar-lhe o que uma dama precisa saber.

Miss Monro foi escolhida – uma mulher de 40 anos modesta, inteligente e comedida – e era difícil decidir se era ela ou Mr. Wilkins que se esforçava mais em evitar um ao outro. E, no que diz respeito a Ellinor, eram como água e óleo: quando um entrava, o outro saía. Miss Monro já trabalhara o bastante na vida e em muitos lugares para não valorizar o prazer de ter as noites só para ela, uma aula confortável, chás silenciosos e aconchegantes, livros e a possibilidade de escrever cartas até mais tarde. Por mútuo consentimento, ela não interferia com os hábitos e ocupações de Ellinor nas noites em que a menina não tinha o pai como companheiro. E essas ocasiões se tornaram cada vez mais frequentes com o passar dos anos, e a escuridão espessa que invadira seu lar pela visita inesperada da morte foi sendo clareada.

Como disse antes, ele sempre foi um homem popular nos jantares. Raro era seu teor de inteligência e habilidade no condado e, se fosse necessário mais vinho que o usual para conduzir a conversa até o ponto desejado de classe e brilhantismo, uma garrafa não seria poupada ou desprezada nos passadios locais. Vez por outra, seu trabalho o levava a Londres. Apressadas como costumavam ser essas viagens, ele nunca retornava sem um novo jogo, um novo tipo de brinquedo, para “deixar a casa mais aprazível para sua donzela”, conforme se expressava.

Ele gostava também de se inteirar sobre arte e literatura. E, como fazia pedidos extensos de qualquer coisa que admirava, era quase certo que ao seu lado seguiriam a Hamley um ou dois pacotes ou embrulhos. A chegada e a abertura deles começaram logo a formar uma época agradável na vida sisuda, porém feliz de Ellinor.

A única pessoa da mesma estirpe com quem Mr. Wilkins mantinha relações em Hamley era o novo clérigo, um bacharel de quase a mesma idade, um homem estudado, um colega da faculdade, cuja primeira coisa a chamar a atenção de Mr. Wilkins foi o fato de que viajava pela universidade e, consequentemente, esteve no continente mais ou menos durante os dois anos em que Mr. Wilkins estivera lá. E, embora nunca tenham se encontrado, tinham muitos conhecidos e lembranças em comum para conversar durante esses anos, que, afinal das contas,

foram os mais radiantes e esperançosos na vida de Mr. Wilkins.

Mr. Ness tinha um pupilo eventual. Ou melhor, nunca foi contra obter alunos, mas nunca recusava súplicas que, às vezes, eram feitas a ele para que preparasse um jovem para a faculdade, permitindo que o dito jovem residisse e estudasse com ele. “O garoto de Ness” tinha boa reputação, pois o tutor, muito indolente para encontrar trabalho para si, orgulhava-se em desempenhar bem o papel que lhe deram.

Ellinor tinha quase 14 anos quando o jovem Mr. Corbet veio ser pupilo de Mr. Ness. Seu pai sempre acompanhava as leituras do jovem com o clérigo e o convidou para ir a sua casa. Com o tempo, sua hospitalidade perdeu o requinte e a extravagância, mas era sempre generosa e, na maioria das vezes, abundante. Além disso, era de sua personalidade gostar mais da companhia alegre e relaxada dos jovens do que a dos idosos, dada a mesma quantia de refinamento e cultura em ambos.

Mr. Corbet era um jovem de boa família de um condado distante. Se não fosse tão sério e cauteloso, seus anos lhe permitiriam ser chamado de menino, pois tinha apenas 18 anos quando veio estudar com Mr. Ness. Muitos homens de 25, porém, nunca refletiram de forma tão profunda como o jovem Mr. Corbet. Ponderara e quase amadurecera seu plano de vida. Determinara quais objetivos que mais desejava conseguir em um futuro distante, o que é para muitos da sua idade apenas um nevoeiro sem forma, e decidira sobre planos de ação constantes pelos quais tais objetivos seriam provavelmente garantidos. Filho caçula, suas relações e interesses familiares arrumaram-lhe de antemão uma carreira jurídica, e isso foi segundo seus próprios talentos e preferências. Mas tudo o que seu pai desejava para ele era que conseguisse ter renda o suficiente para um cavalheiro.

Difícil seria chamar o velho Mr. Corbet de ambicioso. Se fosse, sua ambição limitava-se ao futuro do filho mais velho. Mas Ralph pretendia ser um advogado ilustre, não tanto para almejar à Câmara dos Lordes – presente, acredito, na imaginação de todo advogado iniciante como um grandioso exercício intelectual – e seu consequente poder sobre a humanidade, que advogados ilustres podem sempre possuir se quiserem. Uma cadeira no Parlamento, a diplomacia e todo o vasto escopo para mentes ativas e poderosas presentes em cada lado da carreira – tais eram os objetivos que Ralph Corbet propunha diante de si. Conquistar a excelência acadêmica era o primeiro passo e, para isso, Ralph convenceu seu pai por argumentos, não por persuasão – um reles instrumento desprezado por Ralph

–, a pagar a boa soma prevista por Mr. Ness para ter um pupilo.

O escudeiro velho e bondoso estava bastante necessitado de dinheiro. Entretanto, se ouvisse um argumento antes de tirar a soneca após o jantar, aceitaria qualquer coisa. Mas ainda era pouco para Ralph. Seu pai deveria ser racionalmente convencido do valor do próximo passo, assim como seu ponto fraco cederia. O escudeiro escutou, ficou sério, suspirou; falou da extravagância de Edward e das despesas das meninas, ficou com sono, disse “verdade”, “é razoável, com certeza”, olhou para a porta e pensou quando seu filho terminaria essa conversa e iria à sala de visitas; e, a certa altura, acabou escrevendo a tão desejada carta a Mr. Ness, aquiescendo em tudo, termos e tudo o mais.

Mr. Ness nunca tivera um pupilo mais competente, um a que ele pudesse tratar como igual intelectualmente. Mr. Corbet, como Ralph era sempre chamado em Hamley, estava determinado em seu próprio desenvolvimento. Até excedia as solicitações de seu tutor. Ansiava por informação nas horas que não eram dedicadas absolutamente aos estudos. Mr. Ness gostava de lhe dar informações, mas, sobretudo, apreciava as árduas discussões sobre todas as questões metafísicas e éticas nas quais Mr. Corbet com prazer o engajava. Moravam juntos de maneira equânime e feliz, tendo assim muito em comum. Na essência, porém, eram diferentes, apesar de partilhar muitas semelhanças. Mr. Ness era abnegado, na medida em que ideia de abnegação verdadeira contemplasse certa inclinação para o comodismo e a indolência; já Mr. Corbet era radical e profundamente mundano, embora pudesse se privar de todos os prazeres inconsequentes e naturais da juventude com o objetivo de alcançar seus objetivos.

O instrutor e seu pupilo com frequência permitiam-se relaxar, isso na companhia de Mr. Wilkins. Mr. Ness costumava passar no escritório depois de seis horas de leitura intensa – deixando Mr. Corbet ainda apoiado sobre a mesa, de livro aberto – para verificar quais eram os compromissos de Mr. Wilkins. Caso não tivesse nada a fazer naquela noite, ele era convidado a jantar em seu presbitério, ou ele, com sua hospitalidade desatenta, convidava-os para jantar com ele e Ellinor, a formar um quarteto à mesa, pelo menos quanto às cadeiras, mesmo que já tivesse jantado mais cedo com Miss Monro.

A menina era pequena e muito magra para sua idade e seu pai parecia nunca entender como ela estava abandonando a infância. Se na estatura parecia uma criança, no intelecto, no caráter enérgico, na força em se apegar, era uma mulher.

Talvez existisse muito da simplicidade de uma criança nela, pouco de garota incompleta, variando dia a dia como o céu de abril, sem se importar para qual caminho seu próprio espírito inclinava-se.

Então os dois jovens sentaram-se com os mais velhos e ambos apreciavam a companhia na qual foram lançados assim de forma prematura. Mr. Corbet falava tanto quanto os dois cavalheiros, opondo e contestando qualquer dos lados, como se para descobrir o quanto conseguiria contra-argumentar opiniões recebidas. Ellinor sentava-se em silêncio. Seus olhos negros reluziam com entusiasmo de quando em quando – às vezes com indignação fervorosa caso Mr. Corbet, apontando uma lança a todo mundo, se arriscasse a atacar seu pai. Ele percebeu como tal conduta a despertava e até gostava de buscar essa consequência. Pensava que só ele se divertia.

Outro momento em que Ellinor e Mr. Corbet foram levados a ficar juntos ocasionalmente foi este: Mr. Ness e Mr. Wilkins liam o mesmo jornal *The Times* e era tarefa de Ellinor verificar se o mesmo tinha sido levado da casa do pai até o presbitério. Seu pai gostava de perder tempo com isso. Até o momento em que Mr. Corbet viera morar com ele, Mr. Ness nunca tinha ligado para o horário em que o jornal chegaria às suas mãos, mas o jovem se interessou muito por todos os acontecimentos públicos e em especial o que era dito sobre eles. Ficava impaciente quando o jornal não chegava e iria atrás dele, às vezes encontrando Ellinor penitente e sem ar no longo caminho entre Hamley e a casa de Mr. Wilkins. No início, ele costumava receber uma desculpa impetuosa e ríspida:

— Oh! Desculpe-me, Mr. Corbet, mas papai só terminou de ler agora.

Depois de ter o decoro de lhe dizer que não era nada, em dado momento ele se virava de costas para dar-lhe algum conselho sobre o jardim ou as plantas, já que sua mãe e suas irmãs eram jardineiras experientes e ele, como a si próprio definia, era “um ótimo médico consultor de plantas doentes”.

Em todas essas ocasiões sua voz, seus passos nunca avivaram o rubor na menina para um tom mais forte, nunca fizeram o coração dela no mínimo bater mais rápido, conforme fazia o mais sutil dos sinais de que seu pai se aproximava. Ela aprendeu a confiar nos conselhos de Mr. Corbet por um pouco de afinidade ocasional e por muita atenção condescendente. Ele também lhe atribuía mais culpa do que todo o resto do mundo e, curiosamente, parecia grata por isso, pois era de fato humilde e desejava melhorar. Ele gostava da atitude de superioridade

que a situação proporcionava e o direito exercido que foi dado a ele. No momento, eram apenas bons amigos. Nada além disso.

Até aqui relatei somente a vida de Mr. Wilkins e como ficou em relação à filha. Mas há ainda muito mais a ser dito. Após a morte da esposa, afastou-se da sociedade por alguns anos de uma maneira mais positiva e determinada do que é usual aos viúvos. Foi durante esse isolamento que monopolizou o pequeno coração da filha de tal forma a influenciar todo o seu futuro.

Quando voltou a sair novamente, era fácil perceber – se alguém se importou em notar – o quanto as personalidades diferentes de seu pai e sua esposa o influenciaram e o mantiveram manso. Não que tenha enveredado por uma conduta imoral, mas concedeu ao lazer tempo que tanto o velho Mr. Wilkins quanto Lettice sutilmente o teriam induzido a passar no escritório, supervisionando seu negócio. O prazer em caçar, e em todos os esportes, tinha sido até o momento somente eventual. A partir de então, tornou-se um hábito, enquanto as estações permitiam. Dividiu um terreno na Escócia com um dos Holsters um ano, convencendo-se de que o ar fortificante era bom para a saúde de Ellinor. Mas no ano seguinte adquiriu outro, desta vez em parceria com um estranho se for comparar, e nesse terreno não havia uma casa adequada para trazer uma criança e seus criados. Estava convencido de que poderia compensar sua ausência em Hamley fazendo viagens frequentes. Mas viagens custam dinheiro e ele estava quase sempre fora do escritório quando negócios importantes exigiam sua presença.

Havia um boato sobre a chegada de um novo advogado em Hamley e que seria apoiado por algumas das mais influentes famílias do condado, que achavam Wilkins não tão atencioso quanto seu pai. Em nome de sua relação, Sir Frank Holster contou-lhe sobre o projeto e ao mesmo tempo falou em termos gerais da vida insensata que Mr. Wilkins levava. Insensata com certeza, de tal forma que Mr. Wilkins começou a reconhecê-lo em segredo. Mas quando Sir Frank, contendo-se, começou a falar da presunção do seu ouvinte em participar das caçadas, ao imitar o estilo de vida e os divertimentos da pequena nobreza, Edward inflamou-se. Sabia o quanto Sir Frank estava endividado e, fazendo comparações com a quantia considerável que seu próprio pai havia deixado a ele, disse poucas e boas a Sir Frank, que nunca o perdoou. E desde então não mais houve relações entre as casas Holster Court e Ford Bank – este era o nome que Mr. Edward Wilkins tinha batizado a residência de seu pai quando retornou pela primeira vez do Continente.

A conversa resultou em duas consequências, além da rixa imediata. Mr. Wilkins procurou por um funcionário leal e responsável para conduzir seus negócios sob sua supervisão. E também escreveu ao *Heralds' College*[3] para perguntar se não pertencia à família de mesmo nome no sul do País de Gales – que antes reassumiu seu nome antigo de De Winton.

Ambas as solicitações foram respondidas favoravelmente. Um funcionário de meia-idade, habilidoso e experiente, foi recomendado a ele por um dos principais escritórios de advocacia em Londres, o qual se ocupou de vir a Hamley sem demora, impondo suas próprias condições, que eram bem elevadas. Entretanto, como bem dizia Mr. Wilkins, qualquer quantia valia a pena para desafogar a constante responsabilidade que tal negócio como o dele implicava. Alguns até comentavam que ele nunca, ao que parece, sentiu muito a responsabilidade até agora, pois testemunharam sua ausência quando estava na Escócia e nos mais variados compromissos sociais em Hamley. Era bem diferente, assim diziam, nos tempos de seu pai.

O *Heralds' College* detinha as expectativas de filiação à família do sul do País de Gales, mas demandaria tempo e dinheiro abrir a sindicância e confirmar a solicitação. Hoje, já eram numerosos os lugares em que não se contestaria o direito de um homem em declarar-se membro desta ou daquela família ou mesmo em assumir seus brasões. No entanto, não era assim naquele condado. Todo mundo era bem informado em genealogia e em heráldica,[4] e surrupiar um nome ou linhagem era considerado um pecado muito pior que os mencionados nos Dez Mandamentos. Havia ainda aqueles que duvidariam e contestariam até a decisão do *Heralds' College*. Mas com tal resolução, caso fosse a seu favor, Mr. Wilkins ficaria satisfeito. E assim respondeu à carta para dizer que sim, que estava ciente que tal sindicância demandaria uma grande quantia de dinheiro, mas mesmo assim desejava iniciar o processo, e rapidamente.

Antes do fim do ano, ele foi até Londres para comprar uma carruagem (para fazer Ellinor sair em dias chuvosos, dizia ele, mas como sempre ficava indisposta em uma carruagem fechada, era ele quem mais usava, principalmente para ir às festas) com o brasão *De Winton Wilkinses* asseadamente ornado em xairel e metal. Até então, sempre transitava em um docar – uma carroça de cão, descendente imediato do cabriolé obsoleto do seu pai.

De tudo isso, os escudeiros, seus clientes, apenas gargalhavam e não o tratavam com o menor respeito.

Mr. Dunster, o novo funcionário, era um sujeito quieto, de aparência respeitável. Por suas maneiras, ninguém o chamaria de cavalheiro, mas também ninguém diria que era plebeu. Seu semblante não se alterava. Era sempre de profunda reflexão sobre um dado assunto, fosse qual fosse, o que se encaixaria muito bem na profissão de médico ou de advogado, e era o aspecto exato para ambas as profissões. Algumas vezes, um lampejo de súbita inteligência iluminava seus olhos absortos, mas era rapidamente sufocado por certa repressão interna, e a expressão habitual, pensativa e reprimida, retornava ao seu rosto. Assim que assumiu o posto, começou primeiro a arrumar os documentos com tranquilidade e depois os negócios que estavam à vista, em uma ordem mais metódica que a anterior desde a morte do velho Mr. Wilkins. Pontual, encarava com surpresa e reprovação quando os funcionários subalternos vinham cambaleando meia hora mais tarde pela manhã. Seu olhar era ainda mais efetivo que os dizeres de muitos homens e, depois disso, os subordinados chegavam cinco minutos antes da hora marcada para abrir o escritório. Mas, ainda assim, Mr. Dunster sempre chegava antes deles.

Mr. Wilkins retraía-se diante da eficiência e pontualidade do novo funcionário. Caso Mr. Dunster erguesse a sobrancelha e contraísse os lábios em virtude de alguma confusão nos negócios do escritório, aquilo irritava Mr. Wilkins muito, mas muito mais que qualquer opinião expressa livremente, e para isso ele poderia ter se explicado e inventado desculpas como gostava. Uma aversão secreta e respeitosa cresceu no âmago de Mr. Wilkins contra Mr. Dunster. Estimava-o, valorizava-o, porém não conseguia suportá-lo. Ano após ano, Mr. Wilkins tornava-se cada vez mais influenciado pela emoção e cada vez menos pela razão. Apreciava mais que reprimia sua ojeriza pelos tons ríspidos e articulados da voz de Mr. Dunster, o qual emitia sons nasais provincianos que ofendiam os ouvidos sensíveis de seu empregador. Incomodava-o também um casaco verde vestido pelo seu novo funcionário e o observava ficar deteriorado com certo prazer infantil.

Outro dia, porém, Mr. Wilkins descobriu que, por algum capricho de gosto, Mr. Dunster sempre estava com o casaco dessa cor odiosa, de domingo a domingo, e saber disso não diminuiu sua irritação velada. O pior disso tudo era o fato de Mr. Dunster ser realmente inestimável de muitas formas: “um tesouro perfeito”, como o denominava Mr. Wilkins ao falar dele após o jantar. Mas, por tudo isso, ele acabou por odiar seu “tesouro perfeito”, conforme sentia que aos poucos Dunster se tornara tão indispensável aos negócios que sua autoridade não resistiria sem ele.

Os clientes repetiam as palavras de Mr. Wilkins e comentavam que Mr. Dunster era inestimável para seu chefe, um tesouro completo, a verdadeira salvação dos negócios. Nunca tinham sido atendidos tão bem, nem mesmo na época do velho Mr. Wilkins; que mente iluminada, que domínio do Direito, um homem de palavra e de justiça, sempre em seu posto. O rangido da voz, o sotaque arrastado, o casaco verde-garrafa não eram nada para essa gente; na verdade, imperceptíveis se comparados aos hábitos perdulários de Wilkins, o dinheiro que gasta em vinhos e cavalos, o absurdo de reivindicar parentela com os galeses Wilkinses e a carruagem comprada para dirigir pelas vielas do condado, e que vai se desfazer em pedaços sobre as pedras de pavimentação ásperas e redondas dali.

Todos esses comentários não chegavam a perturbar a vida de Ellinor. Para ela, seu querido pai era a primazia da humanidade; tão tenro, tão bom, tão gentil, tão charmoso ao conversar, tão repleto de conquistas e conhecimento!

De mente sã e ditosa, sempre enxergava o lado bom das pessoas. Adorava Miss Monro, todos os criados e, em especial, Dixon, o cocheiro. Ele brincava com seu pai quando criança e, com todo o respeito e admiração ao patrão, a intimidade entre eles na infância nunca foi inteiramente perdida. Dixon era bonito e robusto, e era harmonioso com seus patrões na mesma medida em que Mr. Dunster era discordante. Dessa forma, o homem era um dos favoritos e tinha a liberdade de dizer muitas coisas que soariam impertinentes se fossem ditas pelos outros criados.

Ele era o grande confidente de Ellinor em seus muitos planos e projetos, coisas que ela não ousaria falar com Mr. Corbet, que, depois de seu pai e Dixon, era seu próximo melhor amigo. A intimidade com Dixon desagradava Mr. Corbet. Mais de uma vez ele insinuou que não achava apropriado Ellinor conversar com tamanha familiaridade com um criado – de classe totalmente diferente – como o Dixon. Ellinor não entendia bem indiretas – todos sempre falaram abertamente com ela até então. Portanto, Mr. Corbet deveria ser franco.

Então, pela primeira vez, ele a viu furiosa, mas ela era tão menina, tão pueril para expressar seus sentimentos com muitas palavras. Só conseguia dizer inícios entrecortados de frases como: “Que pena! O amável e bom Dixon, que é leal, verdadeiro e gentil como qualquer nobre. Acho que gosto mais dele do que do senhor, Mr. Corbet, e falarei com ele sim.” E então saiu correndo às lágrimas e não voltou para se despedir de Mr. Corbet, apesar de saber que não mais o veria

por muito tempo, pois no dia seguinte ele retornaria à casa de seu pai e de lá seguiria para Cambridge. Aborreceu-se com o resultado do bom conselho que pensou que tinha a obrigação de dar a uma menina sem mãe, sem ninguém a instruí-la sobre os bons costumes nos quais suas próprias irmãs foram criadas. Partiu de Hamley arrependido e descontente.

Ellinor, quando descobriu no dia seguinte que ele tinha ido embora – sem voltar a Ford Bank para ver se ela não estava arrependida de suas palavras malcriadas, sem dizer ou ouvir um adeus –, trancou-se no quarto e chorou amargamente como nunca antes, porque a raiva de si mesma vinha misturada com o remorso por perder o amigo. Por sorte, seu pai jantaria fora, senão perguntaria qual era o problema da sua filha querida. E ela tentaria explicar o que não podia ser explicado.

Como era de costume, sentou-se com as costas à contraluz durante o chá de aulas e depois, quando Miss Monro iniciou a aula de espanhol, Ellinor saiu secretamente, com a intenção de chorar novamente por causa de sua própria rebeldia e também pela partida de Mr. Corbet. Mas a noite de agosto estava serena e calma, chegando a envergonhar sua mágoa impetuosa, acalmando-a – ela e as outras criaturinhas, inclinadas calmamente a descansar em virtude do clima tranquilo do dia e da luz branda do céu.

Havia um gramado ao redor do jardim de flores, que não era uma moita, nem uma floresta, nem uma horta – apenas um pequeno gramado, de onde um grupo de árvores antigas despontava. As raízes erguiam-se acima da grama. As folhas caíam no outono em demasia, deixando a relva desigual e gasta na primavera, mas, para compensar, nunca houve lugar melhor para florescer Galanthus.[5]

Nas raízes dessas velhas árvores eram onde Ellinor mais gostava de brincar. No vão entre duas raízes era a cozinha de sua boneca, e ali a sala de estar e por aí vai. Mr. Corbet desdenhava essas invenções de menina de casinha de boneca, portanto, ela não o levava lá com frequência, mas Dixon se divertia, inventava e planejava tudo com a vivacidade de uma criança de 6 anos e não de um adulto de 40. Naquela noite, Ellinor foi até lá e havia toda uma nova coleção de ornamentos para a sala de estar da Senhorita Boneca, feitos de feixes de pinheiro, da maneira mais delicada e habilidosa possível. Sabia que era obra de Dixon e disparou procurando por ele para agradecer.

— Qual é o problema, lindinha? — perguntou Dixon, assim que terminou o

alegre processo de agradecer e de receber agradecimentos e ele teve tempo de olhar seu rosto marcado por lágrimas.

— Ah, não sei! Deixe para lá — disse ela, ruborizando.

Dixou ficou em silêncio por alguns minutos, enquanto ela tentava desviar sua atenção com sua conversa infantil.

— Não há nenhum mal-entendido que eu possa desfazer? — perguntou ele, após alguns minutos.

— Ah não! Não é nada, nada mesmo. É só que Mr. Corbet foi embora sem me dizer adeus, foi só isso. — E parecia que ia chorar novamente.

— Isso não é nada educado — disse Dixon, num tom decidido.

— Mas foi minha culpa — respondeu Ellinor, contestando a condenação.

Dixon observou com atenção sua beleza sob as sobrancelhas espessas e desiguais.

— Ele ficou me dando sermões e dizendo que eu não fazia o que suas irmãs faziam, como se fosse para eu tentar ser quem não sou e fiquei furiosa e corri.

— Então foi a senhorita quem não deu adeus. Não são modos, mocinha.

— Mas, Dixon, não gosto de receber sermões.

— Acho que você não entendeu direito. Mas, de verdade, lindinha, sinto a obrigação de dizer que Mr. Corbet tinha razão, pois, veja bem, o patrão é ocupado. Miss Monro é extremamente culta e sua pobre mãezinha já se foi. E você não tem ninguém para lhe ensinar como uma dama deve se comportar. E, pelo que dizem, Mr. Corbet vem de uma boa família. Ouvi falar que o pai dele tem a melhor coutada[6] em Shropshire e não gasta dinheiro nisso e que suas irmãs foram muito bem educadas. Seria bom para minha lindinha saber como elas fazem.

— Querido Dixon, você não faz ideia do tipo de sermão que recebi e não lhe contarei. Só digo que Mr. Corbet pode ter um pouco de razão, mas tenho certeza de que estava muito errado também.

— Mas não fique preocupada, não agora, minha pequena, pois o patrão não gosta e isso vai atormentá-lo. E ele já tem problemas o bastante além dos seus olhos vermelhos, Deus o livre!

— Problemas de papai, problemas! Ah Dixon, o que você quer dizer?! — exclamou Ellinor. Seu rosto em um minuto assumiu toda a intensidade de expressão de uma mulher.

— Imagina, não sei de nada — disse Dixon, evasivo. — Só que não fui com a cara daquele camarada Dunster e acho que ele faz o patrão perder tempo com bobagens.

— Odeio Mr. Dunster — afirmou Ellinor. — Não falarei uma palavra com ele quando vier jantar com papai.

— A senhorita vai fazer o que seu papai gosta — disse Dixon, repreendendo-a.

E assim a dupla de “amigos” partiu.

CAPÍTULO IV

No verão seguinte, Mr. Corbet veio estudar novamente com Mr. Ness. Não percebeu mudança alguma em si mesmo e, de fato, seu caráter precocemente amadurecido não progrediu muito durante os últimos doze meses, independentemente das conquistas intelectuais que tenha feito. Portanto, para ele foi surpreendente ver a mudança de Ellinor Wilkins. Crescera muito, de uma garotinha frágil para uma moça alta e esbelta, a revelar grande beleza no rosto, no qual, há um ano, apenas a formosura dos olhos era marcante. Sua aparência era clara, embora sem cor – há dois anos ele a teria chamado de pálida –, suas bochechas lisas como mármore, os dentes brancos e nivelados e o sorriso infrequente deixava aparecer covinhas adoráveis.

Encontrou-se com seu antigo amigo e crítico tímida e séria, pois bem se lembrava de como fora sua partida e pensava que ele dificilmente a perdoara. Muito menos esquecera seu afastamento repentino e impetuoso. Mas a verdade é que, depois de ofendido por algumas horas, ele parou de vez de pensar nisso. Ela, coitada, a fim de provar seu arrependimento, deu duro para corrigir seus modos rudes de menino para mostrar a ele que, embora não tenha desistido de seu querido amigo mais velho Dixon, por sua admoestação ou de qualquer outra pessoa, ela de fato empenhava-se para tirar proveito de suas críticas com bom senso. Por conseguinte, Ellinor de repente era para ele uma dama digna e elegante, em vez da menina bruta da qual se recordava. Por baixo da etiqueta um pouco formal, ainda escondia o espírito selvagem de outrora, que podia ser percebido claramente após uma observação mais apurada. Ele quis ver aquela vivacidade e, fazendo-a lembrar-se da época de todas as suas travessuras, tentou temperar suas maneiras e falas contidas com um pouco mais da antiga originalidade.

E nisso foi bem-sucedido. Ninguém, nem Mr. Wilkins, nem Miss Monro e nem Mr. Ness perceberam o que acontecia com aquele jovem casal. Nem mesmo eles sabiam, mas, antes do fim do verão, estavam perdidamente apaixonados, ou

melhor, Ellinor estava perdidamente apaixonada por ele. Ele, apaixonado como poderia estar por qualquer pessoa, porém, naquele rapaz a razão era mais forte que paixões ou sentimentos.

As causas da cegueira alheia eram estas: Mr. Wilkins ainda via Ellinor como uma menininha, como seu animal de estimação, sua queridinha, mas nada além disso. Miss Monro preocupava-se apenas com seu próprio aperfeiçoamento. Mr. Ness trabalhava na nova edição do poeta Horácio, que seria publicado com comentários. Creio que Dixon haveria sido mais perspicaz, mas Ellinor o manteve longe de Mr. Corbet por razões óbvias – eles eram seus melhores amigos, mas sabia que Mr. Corbet não gostava de Dixon e suspeitava que o sentimento fosse mútuo.

A única mudança de circunstâncias entre este ano e o anterior consistiu no desenrolar da atração entre os jovens. Fora isso, tudo continuava como sempre. Para Ellinor, o dia era mais ou menos assim: levantava cedo e ia ao jardim até a hora do desjejum, quando fazia chá para seu pai e Miss Monro na sala de jantar, sempre com a gentileza de deixar um pequeno ramalhete com flores recém-colhidas ao lado do prato do pai. Depois do desjejum, quando a conversa era sobre assuntos genéricos e indiferentes, Mr. Wilkins se recolhia ao seu gabinete. Abria-se por uma passagem entre a sala de jantar e a cozinha, no lado esquerdo do saguão. Correspondendo à sala de jantar, no outro lado do saguão estava a sala de visitas, com a janela lateral servindo de porta para uma estufa e novamente dando para a biblioteca. O velho Mr. Wilkins havia acrescentado uma sacada semicircular para a biblioteca, que era iluminada por uma cúpula superior, exibindo as esculturas italianas compradas pelo filho.

A biblioteca era de longe o cômodo mais impressionante e agradável em toda a casa. Como consequência, a sala de visitas raramente era usada e tinha um aspecto de desconforto frio, comum a apartamentos pouco ocupados. O gabinete de Mr. Wilkins, do outro lado da casa, foi também uma consideração posterior, construído apenas há alguns anos e projetado a partir da regularidade do muro externo. Uma pequena passagem de pedra ligava-o ao saguão, pequena, estreita e escura, para qual nenhuma porta abria.

O gabinete era um hexágono, com um lado de janela, outro com uma lareira e os outros quatro lados de portas; duas já foram mencionadas, outra ao pé de uma escadaria estreita e sinuosa, que levava direto ao quarto de Mr. Wilkins acima da sala de jantar; e o quarto lado levava a um caminho através dos

arbustos à direita do jardim de flores se olhar a partir da casa. Esse caminho continuava pela estrebaria, depois por um pequeno atalho em direção a Hamley e deixava perto do escritório de Mr. Wilkins. Era por essa via que ele sempre ia e voltava do trabalho. Usava o gabinete principalmente para fumar e passar o tempo, embora sempre falasse do lugar como conveniente para comunicações confidenciais com alguns clientes, que não gostam de discutir seus problemas em um local em que seja possível chegar aos ouvidos dos funcionários do escritório. Pela porta externa, pode-se também chegar à estrebaria e ver se seus cavalos favoritos e valiosos estão recebendo cuidado adequado.

Pela manhã, Ellinor o seguia até o quarto de estudos, ajudando-o com o sobretudo, ajustando suas luvas, falando alegremente sobre nada; e então, segurando em seu braço, ela o acompanhava em suas visitas à estrebaria, indo até os cavalos mais arredios, acariciando-os e afagando-os e os alimentando enquanto seu pai conversava com Dixon. Quando ele finalmente partia – e às vezes após um longo tempo –, ela retornava aos estudos com Miss Monro e empenhava-se ao máximo nas lições. Mas ela não dispunha de muito tempo para se dedicar. Se o pai se importasse com seu progresso, ela poderia e certamente iria empenhar-se mais em seu estudo ou objetivo, mas Mr. Wilkins, um adorável homem tranquilo, não desejava dar uma de pedagogo, como assim o pensaria, caso alguma vez questionasse Ellinor com o propósito real e constante de averiguar seu progresso intelectual. Já era o suficiente a inteligência geral de Ellinor acrescida de leitura variada e sem propósito, o que a tornavam uma companhia agradável para quando ele queria relaxar.

Ao meio-dia em ponto, Ellinor com gosto deixava os livros de lado, beijava Miss Monro e perguntava se podiam fazer uma caminhada, e sempre mostrava-se agradecida quando ficava decidido que o melhor seria passear no jardim – uma decisão muito frequente, pois Miss Monro evitava a fadiga, odiava lama, detestava confusão e temia a chuva; tudo isso eram desgraças que bem poderiam ocorrer numa caminhada pelo campo. Então Ellinor dançava pelo jardim, cuidava diligentemente das flores, brincava entre as raízes das árvores, e, quando dava, persuadia Dixon a ir até o jardim de flores para conversar sobre os cães e os cavalos. Essa era, pois, uma de certas regras severas do pai: Ellinor nunca iria à estrebaria se não estivesse com ele. Então esses *tête-à-têtes* com Dixon sempre aconteciam no jardim de flores ou nas pequenas áreas de floresta ao seu redor. Miss Monro sentava e tomava sol perto do relógio de sol, que compunha o centro enfeitado com canteiro de flores, que era a vista das janelas da sala de estar e do gabinete.

À uma hora, Ellinor e Miss Monro almoçavam. Miss Monro precisava de uma hora para sua digestão. Ellinor ficava ao ar livre e, às três da tarde, as aulas recomeçavam e iam até as cinco. Em seguida, arrumavam os preparativos para o chá às cinco e meia. Depois do chá, Ellinor fazia o dever do dia seguinte, mas todo o tempo ela ouvia os passos do pai. No momento em que os ouvia, fechava o livro e voava pelo quarto para recebê-lo com um beijo.

Às sete horas, era o jantar. Quase nunca jantava sozinho. De fato, costumava jantar em casa quatro dias por semana e quando não tinha nenhum compromisso para sair, gostava de ter alguém para lhe fazer companhia. Mr. Ness quase sempre, Mr. Corbet, se ele estivesse em Hamley, outro amigo ou um dos seus clientes. Às vezes, com relutância e quando percebia que não poderia evitar a atenção sem ofender, Mr. Wilkins chamava Mr. Dunster. E então os dois sempre iam com Ellinor até a biblioteca, bem cedo, como se o assunto da conversa *tête-à-tête* já estivesse acabado. Com todos esses visitantes, Mr. Wilkins sentava-se por um muito tempo – muito mesmo; com Mr. Ness, porque se interessavam pela conversa de cada um; com outros, porque o vinho era bom e o anfitrião odiava poupá-lo.

Mr. Corbet costumava deixar seu tutor e Mr. Wilkins para passear na biblioteca. Ali ficavam Ellinor e Miss Monro ocupadas com seus bordados. Ele pegava um banquinho para ficar ao lado de Ellinor perguntando e provocando, despertando seu interesse, e ficavam completamente distraídos um com o outro. O senso de etiqueta de Miss Monro ficava em paz levando em consideração que Mr. Wilkins deveria ter lá seus motivos para deixar um rapaz ficar assim tão íntimo com sua filha, que, no final das contas, não passava de uma criança.

Ultimamente, Mr. Corbet obteve o hábito de ir até Ford Bank para pegar o *The Times* todos os dias, lá pelo meio-dia, e descansava no jardim até uma da tarde; não exatamente com Ellinor ou Miss Monro, mas com certeza mais à disposição de uma do que da outra.

Miss Monro achava que ele se sentiria honrado de ficar e jantar com elas, mas nunca o convidou, e ele não poderia ficar sem sua expressa aprovação. Ele contava a Ellinor tudo sobre sua mãe e irmãs e seus modos de se comportar, e falou delas e de seu pai como pessoas que um dia Ellinor certamente conheceria e de forma íntima. A menina não questionava ou duvidava de seu ponto de vista; simplesmente concordava.

O rapaz hesitava se deveria ou não falar com Ellinor e assim garantir a promessa de que ela seria sua antes de retornar a Cambridge. Não gostava da formalidade de pedir permissão a Mr. Wilkins, o que, afinal, seria a conduta apropriada e direta a seguir com uma garota da sua idade – que mal tinha 16 anos. Não que antevisse qualquer empecilho da parte de Mr. Wilkins. Seu consentimento de intimidade – que na idade deles levaria, com certeza, a uma afeição – ficou tão evidente quanto possível por meio de ações sem palavras. Entretanto, deveria comunicá-lo a seu próprio pai, que não tinha noção do relacionamento e que certamente trataria tudo isso como coisa de menino. Como se aos 21 anos Ralph não fosse um adulto tão lúcido e deliberativo em se conhecer, resoluto como nunca em decidir sobre o destino do esforço rumo à independência e à fama, como se isso se conquistasse por puro intelecto e força de vontade.

Não. Com Mr. Wilkins ele não falaria por mais um ano ou dois.

Mas deveria revelar a Ellinor de forma direta seu amor, sua intenção em se casar com ela?

Novamente, tendeu para o lado mais prudente do silêncio. Não temia qualquer mudança em seus próprios sentimentos; deles tinha certeza. Mas encarou a situação da seguinte forma: se fizesse uma declaração formal, ela se veria obrigada a contar ao seu pai. Não a amaria ou a respeitaria tanto se ela não lhe contasse. E ainda tudo isso implicaria conversas, discussões e menções ao seu próprio pai, o que tornou o apelo direto a Mr. Wilkins um passo prematuro para ele.

Considerando que tivesse certeza do amor de Ellinor por ele, como se ela houvesse proferido todos os votos próprios a uma mulher, Ralph sabia, muito mais que ela, como aquele coração inocente de menina era completamente dele. Estava bastante orgulhoso para temer certa inconsistência de Ellinor por um momento.

Além disso — pensava consigo mesmo, como para se certificar duas vezes —, quem mais ela conhecia? Os estúpidos Holsters, que deveriam estar muito orgulhosos em ter uma garota como prima, mas ignoravam sua existência, e falavam vagamente do seu pai na última vez que jantara lá.

“As pessoas da vila neste condado imbecil caçoam de mim porque meu pai

vai até os Plantagenetas[7] em busca de sua árvore genealógica, e negligenciam Ellinor. Só aturam o pai porque o velho Wilkins era filho de sei lá quem. Muito pior para eles, mas melhor para mim nesse caso. Estou acima desses preconceitos bobos e antiquados e ficarei feliz quando o momento apropriado chegar de fazer Ellinor minha mulher. Afinal, a filha de um advogado próspero não deve ser considerada um par inadequado para mim, filho caçula que sou. Ellinor será uma mulher estonteante dentro de três ou quatro anos, exatamente o tipo que meu pai admira. Que corpo, que braços torneados. Serei paciente, darei tempo ao tempo, e atentarei para as oportunidades e tudo vai dar certo."

Portanto, despediu-se de Ellinor da forma mais relutante e afetuosa possível, embora tenha se declarado no meio do mercado de Hamley, e diferiram pouco do que disse a Miss Monro. Mr. Wilkins meio que esperava uma revelação do amor que suspeitava ser da parte do jovem, e quando esta não veio, preparou-se para uma confidência da parte de Ellinor. Mas ela não tinha nada a lhe dizer, como bem percebeu pela maneira desinibida da criança quando eram deixados sozinhos após o jantar. Declinou um convite e dispensou Mr. Ness para ter um *tête-à-tête* com sua garotinha sem mãe; mas não havia nada a ser dito. Ficou meio irritado, mas percebeu que, apesar de triste, ela estava tão em paz consigo mesma e com o mundo que ele, sempre um otimista, começou a pensar se o jovem tinha sido sábio em despedaçar um botão de rosas de seus sentimentos prematuramente.

Os próximos dois anos transcorreram mais ou menos da mesma maneira – ou assim pensaria um espectador desatento. Dizem que se você olhar um regimento avançando com passos constantes em uma planície em dia de inspeção, não dá para saber se estão apenas marcando o tempo em um determinado ponto, a menos que compare a posição deles com a de outro objeto a fim de observar o progresso, de tão regular que é a repetição do movimento. E, assim, as infelicidades do futuro deste pai e filha passaram quase despercebidas em seu avanço contínuo. E por meio da monotonia e uniformidade vazia daqueles dias, a melancolia veio a marchar sobre eles como um homem armado. Muito antes de Mr. Wilkins reconhecer sua sombra, ela aproximava-se dele – como, a rigor, aproxima-se de todos nós neste exato momento: você, leitor, eu, escritora, temos uma imensa melancolia a nos pressionar. Ela pode estar além do ponto mais ofuscado de nosso horizonte, mas na calada da noite nossos corações se apertam ao ouvir seus passos acercando-se. Bem, isso se aplica no caso daqueles que caem nas mãos de Deus e não nas mãos dos homens. Mas o pior de tudo é para aquele que tem misturado no futuro o amargor do remorso com o cálice que lhe é

reservado pelo destino.

Mr. Wilkins mantinha seu bem-estar e prazeres cada vez em maior intensidade ano após ano. Não que a qualidade desses deleites tenha melhorado, como acontece com pessoas egoístas. Não se importava mais com qualquer livro que esfalfasse sua mente, nem com gravuras ou esculturas, talvez só com quadros. Gastava de maneira extravagante em seus cavalos, “pensava em comer e beber”. Não havia vício algum em tudo isso para que qualquer tentação horrível ao crime viesse sobre ele e o alarmasse a respeito de seu modo de viver e pensar; metade das pessoas ao seu redor agia da mesma forma, na medida em que suas vidas eram evidentes a sua observação estouvada. Mas a maioria de seus associados tinha deveres a cumprir e os fazia com o coração e a mente, nas horas em que ele não estava em sua companhia. Sim! Chamo-as de deveres, embora alguns proviessem de autoimposição ou da sociedade. Eram compromissos nos quais se engajaram, seja tacitamente ou por palavras, e isso cumpriam. De Mr. Hetherington, o Mestre dos Cães de Caça, que se levantava a ninguém sabe que horas para descer ao canil e ver se os homens faziam seu trabalho bem, até o rígido e velho Sir Lionel Playfair, o magistrado correto, o senhorio solícito e cuidadoso – faziam o trabalho conforme seu entendimento.

Havia poucos preguiçosos entre aqueles com quem Mr. Wilkins se relacionava no campo ou à mesa de jantar. Mr. Ness – embora como ministro não estivesse tão ativo como antes –, até mesmo Mr. Ness trabalhava incansavelmente com seus alunos e em sua nova edição de um dos clássicos. Somente Mr. Wilkins, insatisfeito com sua posição, era negligente em cumprir seus deveres. Tentava imitar o lazer, ansiava pelo tempo livre daqueles ao seu redor; ócio que imaginava mais valioso nas mãos de um homem como ele, repleto de bom gosto e realizações intelectuais, do que esbanjado por caipiras idiotas, escudeiros sem cultura e sem viagens, a cuja companhia, no entanto, seja dito, ele nunca recusava.

Além disso, dia após dia Mr. Wilkins afundava-se de um homem intelectual para um homem sensual e egoísta. Deitava-se tarde e odiava a olhadela expressiva de Mr. Dunster para o relógio do escritório quando anunciava ao seu chefe que tal cliente já estava esperando há mais de uma hora pelo compromisso marcado.

— Por que o senhor não os atende, Mr. Dunster? Tenho certeza de que o faria tão bem quanto eu — respondia Mr. Wilkins, às vezes, com o desejo parcial de

dizer algo agradável ao homem que detestava e temia.

Mr. Dunster sempre respondia em tom prático e humilde:

— Oh, senhor, eles não gostariam nada de tratar de seus assuntos com um subalterno.

E todas as vezes que dizia isso ou algum discurso do gênero, a ideia tornava-se cada vez mais evidente na cabeça de Mr. Wilkins sobre como seria ótimo fazer de Dunster seu sócio e assim jogar toda a responsabilidade do trabalho pesado e enfadonho sobre os ombros do seu funcionário. Clientes importunos, que marcam reuniões em horários improváveis e inflexíveis, poderiam confiar em seu sócio, mas não em um funcionário. Objeções importantes seriam, antes de mais nada, a forte repulsa de Mr. Wilkins em relação a Mr. Dunster – a repugnância a sua companhia, a sua vestimenta, a sua voz e ao seu jeito – tudo isso irritava seu empregador em um nível que seus sentimentos em relação a Dunster puderam ser chamados de antipatia. Outra razão seria o fato de Mr. Wilkins saber perfeitamente que todas as ações e palavras de Mr. Dunster eram cuidadosamente selecionadas a fim de promover o grande desejo velado de sua vida: ser sócio onde apenas era um empregado.

Mr. Wilkins sentia certo prazer pernicioso em provocar Mr. Dunster com tais discursos como o que mencionei anteriormente, os quais sempre pareciam aberturas ao tão desejado objetivo, mas ainda por muito tempo nunca foi levado adiante. Mesmo assim, com o passar do tempo, tal destino tornava-se cada vez mais certo e, finalmente, foi alcançado.

Mr. Dunster sempre desconfiou que o empurrãozinho final viesse de uma circunstância externa, alguma reprimenda por negligência, alguma ameaça de retirada do negócio que seu empregador possa ter recebido, mas disso não tinha certeza. Tudo o que sabia era que Mr. Wilkins lhe propusera parceria da forma mais indelicada possível; uma descortesia que, no final das contas, teve pouco efeito no assunto em questão e que Mr. Dunster poderia esquivar-se com um risinho de escárnio, enquanto aproveitava todos os benefícios tangíveis que estavam agora diante dele.

O amor de Mr. Corbet por Ellinor foi formalmente revelado antes disso. Ele terminou a faculdade, entrou no *Middle Temple*[8] e já trabalhava com Direito. Achava-se bem-sucedido. Ellinor seria “apresentada” nas próximas reuniões em

Hamley e seu amado começou a sentir ciúmes de potenciais admiradores que sua beleza estonteante e conversa interessante pudessem atrair. Pensou que já era hora de garantir o sucesso de seu pedido de casamento com palavras e promessas concretas.

Ele não precisava ficar alarmado até mesmo para dar o próximo passo, se fosse capaz de entender o coração de Ellinor tão bem quanto entendia sua aparência e conversa. Ela nunca sentiu falta da ausência de palavras e promessas formais. Considerava-se compromissada com ele, empenhada a se casar com ele e mais ninguém antes da pergunta final, como o fez depois. Ficou surpresa com a necessidade das seguintes palavras decisivas:

— Ellinor, querida, você… você quer se casar comigo?

E sua resposta foi dada com um rubor intenso, devo registrar, e em um sussurro brando:

— Sim, claro que sim, nunca pensei em nada diferente.

— Então posso ou não falar com o seu pai, querida?

— Ele sabe, tenho certeza, e gosta muito de você. Ah, como estou feliz!

— Mesmo assim, devo falar com ele antes de partir. Quando posso vê-lo, minha Ellinor? Preciso voltar à cidade às quatro horas.

— Ouvi a voz dele na estrebaria bem antes de você chegar. Deixe-me ir e descobrir se ele já foi ao escritório.

Não! Certamente não tinha ido. Estava em silêncio fumando um charuto em seu gabinete, sentado numa poltrona perto da janela, passando os olhos pelos anúncios no *The Times*. Odiava ir ao escritório desde que Dunster se tornou sócio. O camarada assumiu ares investigativos e repreensivos.

Levantou-se, tirou o charuto da boca e puxou uma cadeira para Mr. Corbet, sabendo bem o motivo pelo qual entrou no gabinete assim tão formal com um…

— Posso ter um minuto de conversa com o senhor, Mr. Wilkins?

— Claro, querido amigo. Sente-se. Quer um charuto?

— Não. Nunca fumo.

Mr. Corbet dispensava todos esses tipos de agrado e foi um pouco severo em sua recusa, mas sem intenção, porque, embora estivesse agradecido por não ser como qualquer outro homem, não era a pessoa que se incomodaria sem necessidade com o bem-estar alheio.

— Quero falar com o senhor sobre Ellinor. Ela diz que o senhor deve saber que gostamos um do outro.

— Bem — disse Mr. Wilkins, retomando seu charuto, em parte para dissimular a perturbação que sabia que estava por vir. — Creio que tenho minhas suspeitas. Não faz muito tempo que fui jovem. — E suspirou pela lembrança de Lettice e sua juventude vivaz e promissora.

— E espero, senhor, como tem estado ciente e nunca se manifestou contra, que não me negue seu consentimento, consentimento que agora eu peço... solicito para o nosso casamento.

Mr. Wilkins não falou por alguns instantes – um toque, um pensamento, uma palavra a mais o levaria às lágrimas, pois às últimas achou difícil dar o consentimento que o separaria de sua única filha. De repente, pôs-se de pé, segurou as mãos do apaixonado ansioso (pois seu silêncio deixou Ralph ansioso até o ponto de ficar perplexo, não entendia nas entrelinhas se ele iria ou não consentir) e disse:

— Sim! Que Deus os abençoe! Dar-lha-ei algum dia, só que carece de tempo primeiro. Agora vá, volte para ela, pois não aguentarei muito tempo.

Mr. Corbet voltou para Ellinor. Mr. Wilkins sentou-se e afundou sua cabeça com as mãos. Então foi para a estrebaria e selou o cavalo Fogaréu para uma boa galopada pelo campo. Mr. Dunster esperou por ele em vão no escritório, onde um cavalheiro ancião e obstinado de uma parte distante do condado ignorava a existência de Dunster como sócio e de forma pertinaz demandava ver Mr. Wilkins para resolver um assunto importante.

CAPÍTULO V

Após alguns dias, o pai de Ellinor lembrou que deveria haver mais comunicação entre ele e o pretendente de sua filha sobre a aprovação da família dele em relação ao noivado. Assim, de acordo, escreveu uma carta digna de um cavalheiro, dizendo que, claro, confiava que Ralph tinha informado seu pai acerca do noivado; que Mr. Corbet era bem conhecido de Mr. Wilkins por sua reputação, detendo a posição que ele tinha em Shropshire, mas como Mr. Wilkins não reivindicou tal condição, Mr. Corbet pode nunca ter ouvido falar nele, embora em seu próprio condado tenha sido conhecido por gerações como o principal tabelião e corretor de imóveis do tal condado; que sua mulher era membro da antiga família de cavaleiros Holsters e que ele descendia de uma família jovem do Sul do País de Gales, os De Wintons, ou Wilkins; que Ellinor, sua filha única, herdaria naturalmente todas suas propriedades, mas que nesse meio tempo, é evidente, algum acordo sobre ela deveria ser feito, cuja natureza poderia ser decidida próximo à data do casamento.

Era uma carta muito direta e bastante adequada ao propósito ao qual Mr. Wilkins sabia que seria aplicada: ser encaminhada ao pai do rapaz. Poderiam pensar que o noivado não era tão desproporcional em termos de posições para provocar grande discórdia; mas, infelizmente, Capitão Corbet, filho mais velho e herdeiro, acabara de ficar noivo de Lady Maria Brabant, filha de um dos condes mais altivos do condado, que sempre se ofendia com a aparição de Mr. Wilkins no campo como um insulto à região e ignorava sua presença em toda mesa de jantar em que se encontravam. Lady Maria estava de visita na casa dos Corbets no exato momento em que a carta de Raph, e em anexo a de Mr. Wilkins, alcançou os corredores paternais e ela meramente repetiu a opinião do pai quando Mrs. Corbet e suas filhas perguntaram-lhe quem eram esses Wilkinses. Lembraram-se do nome nas cartas de Ralph em outra ocasião. O pai era amigo de Mr. Ness, o ministro com quem Ralph tinha aulas. Achavam que Ralph costumava jantar com esses Wilkinses, às vezes, junto com Mr. Ness.

Lady Maria era uma menina boa e não teve intenção maldosa ao repetir as palavras do pai. Ficou incomodada, e isso é verdade, pelo que ela mesma sentia em relação à aliança íntima proposta, o que a faria cunhada de uma filha de um "advogado emergente", "não recebido bem no condado", "sempre tentando se inserir em um grupo superior", "reivindicando conexão com os De Wintons do Castelo tal, que, obviamente, apenas gargalhavam quando Mr. Wilkins era mencionado e acrescentavam que eram mais cheios de parentescos do que eles pudessem perceber", "um tipinho que papai não gostaria que ela conhecesse, seja lá qual for seu parentesco".

Esses pequenos discursos foram ditos de forma contrária à intenção da menina. Mrs. Corbet e suas filhas discordavam violentamente da tolice de Ralph. Não chamavam isso de noivado. Discutiam, argumentavam, contestavam até que o escudeiro, ansiando por paz a qualquer preço, e sempre sob o domínio das pessoas ao seu redor – embora parecessem mais irracionais que distraídas, ainda que tivessem a sabedoria de Salomão ou a prudência e sagacidade do seu filho Ralph –, escreveu uma carta abespinhada dizendo que, como Ralph já era adulto, é claro que tinha todo o direito de seguir seu caminho, portanto, o que seu pai poderia dizer era que o noivado não era o que ele e sua mãe esperavam ou desejavam; que era uma degradação à família aliar-se com um alguém da linhagem de Jaime I[9]; que, claro, Ralph deveria fazer o que quisesse, mas caso se casasse com esta garota, ele nunca deveria esperar que ela fosse recebida pelos Corbets na mansão dos Corbets como uma filha. O escudeiro ficou satisfeito com sua escrita e mostrou-a para sua mulher, que não achou incisiva o suficiente e adicionou uma pequena observação:

"Querido Ralph,

Apesar de, como segundo filho, você ter direito a Bromley quando eu morrer, ainda assim posso deixar a propriedade sem qualquer valor. Até agora, senão fosse por você, já teria dado prosseguimento à venda de madeira e etc., o que aumentaria a porção de suas irmãs. Levarei a cabo tal medida justa caso persevere nessa tolice. A desaprovação do seu pai é sempre motivo suficiente a alegar."

Ralph ficou aborrecido ao receber essas cartas, embora tenha apenas sorrido após trancá-las na gaveta da escrivaninha.

"Querido velho pai!

Que algazarra! Quanto à mamãe, ela será mais plausível quando eu falar com ela. Depois que lhe der uma ideia definitiva de quanto será a fortuna de Ellinor, veremos se cortará a madeira – uma ameaça com a qual me intimida desde criança e que sei que é ilegal há dez anos – e ela voltará atrás. Sei melhor que ninguém como Reginald preparou os contratos pós-óbito, e quanto aquela vulgar Lady Maria, nascida em berço de ouro, de quem são tão orgulhosos, é uma égua dos Flandres comparada à minha Ellinor e não tem nem um tostão furado para se benzer, aliás! Vou esperar o tempo certo, queridinhos."

Não achava necessário responder a essas cartas imediatamente, muito menos fazer menção do conteúdo a Ellinor. Mr. Wilkins, que estava muito satisfeito com sua própria carta ao rapaz e pensava ser de mútuo consentimento, não tinha a menor suspeita de qualquer desacordo, porque nenhuma concordância sobre o noivado da parte dos amigos de Mr. Ralph Corbet fora comunicada a ele.

Quanto a Ellinor, a garota cintilava de felicidade. Que verão para o desabrochar das flores e a colheita dos frutos como jamais visto por anos! Era como se a natureza amável e abundante quisesse encher o seu cálice de alegria a ponto de transbordar e como se todos os seres, animados ou inanimados, compartilhassem sua felicidade. Seu pai estava bem e aparentemente contente. Miss Monro estava muito afável. A manqueira de Dixon desaparecera por completo. Apenas Mr. Dunster arrastava-se pela casa, sob o pretexto de trabalho, a procurar pelo seu pai, atrapalhando todo seu lazer com seu rosto aflito, da cor de pó de pergaminho, e perturbando o fluxo sereno do seu dia a dia todas as vezes que ela o via.

Ellinor apresentou-se nas reuniões de Hamley, mas com menos brilho que o pai e o pretendente esperavam. Sua beleza e graça naturais foram admiradas por aqueles que conseguiam discriminá-las, mas para a maioria havia (como o chamavam) um "desejo de estilo" – desejo de elegância que de fato não existia, pois seu feitio era perfeito e, embora andasse tímida, caminhava bem. Talvez não fosse um bom lugar para uma correta apreciação de Miss Wilkins. Algumas das viúvas velhas achavam presunçoso o fato de ela estar ali em primeiro lugar – mas Lady Holster (que recordava da rixa entre seu marido e Mr. Wilkins e que ignorava Ellinor quando esta se aproximava) ressentia-se com essa opinião.

— Miss Wilkins descende da família de Sir Frank, um dos mais velhos do condado. A objeção podia ter sido feita há anos ao seu pai, mas como ele foi recebido, ela não entendia por que Miss Wilkins era tida como uma intrusa.

O grande contentamento de Ellinor naquela noite foi ouvir as palavras do pai, depois que tudo terminou, enquanto voltavam para casa de carruagem.

— Hum, acho que minha Nelly era a garota mais linda da festa e sei de alguém que teria dito o mesmo se pudesse.

— Obrigada papai — disse Ellinor, apertando a mão do pai. Achou que a alusão era a Ralph, que estava ausente, e seria a pessoa que teria concordado com ele se tivesse tido a oportunidade de vê-la. Não, ele raramente pensava nos ausentes, mas ficou bastante lisonjeado ao ver Lord Hildebrand pegando uma taça com o propósito evidente de observar Ellinor.

— As suas pérolas também estavam tão belas quanto qualquer outra da sala, filha, mas precisamos renová-las. Esses enfeites em forma de ramos estão fora de moda agora. Posso pegá-las amanhã e enviar a Hancock.

— Papai, por favor, prefiro deixar como estão, assim como mamãe as usava.

Ele ficou emocionado por alguns instantes.

— Muito bem, querida. Fico feliz que tenha pensado nisso.

Pediu, porém, um conjunto de safiras para ela usar no próximo baile.

Esses bailes não deixavam Ellinor intoxicada com o sucesso, nem encantada pelo esplendor. Havia grandes festas em diferentes casas do campo na vizinhança. Quando os recursos trazidos se exauriam, geralmente havia algumas danças destinadas a amigos mais íntimos da mesma posição. Ellinor foi com o pai e juntou-se a uma viúva anciã que estava jogando cartas com ajuda de uma aia.

A dita viúva tinha antigas obrigações de negócios com a firma dos Wilkins e pediu perdão a todos os seus conhecidos por sua própria condescendência em relação à fraqueza de Mr. Wilkins, ao desejar apresentar sua filha à sociedade acima de sua esfera natural. Foi ela a autora do discurso que mencionei antes sobre Lady Holster ter se rebaixado com a linhagem da mãe de Ellinor. Mas, apesar de a viúva anciã ter retraído um pequeno embaraço com a resposta, como consequência ela não prestava mais atenção em Ellinor. Deixava que Mr. Wilkins trouxesse sua filha para sentar no sofá carmesim ao seu lado; falava com ela eventualmente no intervalo antes que a melhor de três fosse iniciada no salão

de jogos; convidava a menina para acompanhá-la naquela distração sóbria e, diante da recusa de Ellinor – que preferia ficar com o pai –, a viúva saía com um sorriso dócil em seu semblante roliço e de consciência limpa em algum lugar da sua figura corpulenta, garantindo-lhe que fizera tudo o que se poderia esperar dela em relação à “filha boazinha de Wilkins”.

Ellinor permaneceu ao lado do pai assistindo ao baile e grata pela chance ocasional de dançar. Enquanto ela estava sentada com sua aia, Mr. Wilkins deu uma volta no salão, deixando de lado o pequeno fato de que a presença de sua filha, pensava ele, era a semente que possivelmente daria frutos de clientes. E alguns vieram porque gostavam de Mr. Wilkins, outros convidaram Ellinor porque já tinham dançado com seus respectivos pares e queriam se divertir. Portanto, a garota geralmente tinha uma média de um convite a cada três danças e assim seguiu até o final da noite.

Mas, considerando sua beleza intrínseca e o cuidado que o pai sempre teve com sua aparência, ela não atendeu por muito pouco às expectativas de admiração. Admiração com a qual não se importava, mas com os parceiros de dança sim, e às vezes sentia-se torturada quando deveria sentar ou ficar em silêncio durante a primeira parte da noite. Se não fosse pela vontade do pai, ficaria em casa, mas, contudo, conversava até com a velha viúva apática e com seu pai quando estava por perto, porque não queria que ele imaginasse que não estava se divertindo.

E, de fato, ela estava tão satisfeita com o andamento de sua vida que, ao olhar para trás mais tarde, não conseguia imaginar algo mais radiante. O deleite em receber as cartas do amado; a ventura ansiosa em respondê-las (sempre um pouco temerosa em não expressar seu interior e seu amor na medida exata de uma donzela); o amor do pai e seu orgulho com ela; a prosperidade serena de todo o lar. Tudo era prazeroso naquele momento e, em retrospecto, era como um sonho.

Vez por outra Mr. Corbet vinha para visitá-la. Nessas ocasiões, sempre dormia na casa de Mr. Ness, mas ficava em Ford Bank durante a maior parte do dia, entre as duas noites que se permitia desfrutar, devido à extensão de suas visitas. Até mesmo essas pequenas olhadelas não eram tão frequentes. Trabalhava duro com o Direito: lutava com unhas e dentes, organizava sua vida inteira a fim de promover seus objetivos ambiciosos. Sentia certa satisfação em superar e dominar seus colegas – que começaram a corrida ao mesmo tempo. Lia

as cartas de Ellinor milhares de vezes e mais nada, além dos livros de Direito.

Percebeu um amor reprimido pelas expressões veladas na escrita de sua amada, sendo um pouco divertida a tentativa de disfarçá-lo. Ficou feliz em saber que seu divertimento não foi tão entusiasmado, que ela não tinha sido muito admirada, embora tenha ficado um pouco indignado pelo interesse dos cavalheiros do condado. Mas, se outros admiradores tivessem ousado de forma mais proeminente, ele deveria ter tomado mais passos decisivos para afirmar seus direitos, mais do que fez até então, pois fez com que Ellinor expressasse o desejo ao seu pai de que o noivado não fosse muito comentado até próximo da data mais prudente para o casamento. Refletiu que essa percepção, sendo o único passo precipitado e imprudente que já pensou em tomar em toda sua vida, poderia ir de encontro a sua busca por sabedoria, caso o fato viesse à tona enquanto ainda era apenas um estudante. Mr. Wilkins ficou um pouco pensativo, mas concordou, como sempre faz diante de qualquer dos pedidos de Ellinor. Mr. Ness era um confidente, claro, e algum conhecido de Lady Maria ouviu falar sobre o boato, mas logo esqueceu. E, como sempre acontecia, ninguém estava assim tão interessado em Ellinor para averiguar o fato.

Durante todo esse tempo, Mr. Ralph Corbet manteve uma atitude bastante quieta e resoluta diante de sua família. Estava compromissado com Miss Wilkins e tudo o que poderia dizer era que lamentava a oposição dos familiares. Apenas não podia se casar no momento e, até lá, acreditava que sua família olharia a situação de maneira mais razoável e receberia Ellinor como sua esposa com todo o respeito e amor de direito. Isso era, em essência, o que repetia de diferentes formas ao responder as cartas irritadas do pai.

Finalmente, sua determinação inflexível abriu espaço para com o pai. Os trovões paternais foram domados e transformados em um estrondo distante no céu. Assim, atualmente a inquirição era sobre quanta fortuna teria Miss Wilkins; quanto gastaria com o matrimônio; quais as probabilidades eventuais. Agora era sobre esse ponto que o próprio Mr. Ralph Corbet desejava se informar. Não pensou muito sobre isso ao ficar noivo. Era muito jovem ou estava muito apaixonado. Mas a filha única de um rico advogado deveria receber algo considerável e uma boa pensão suficiente para que o jovem casal iniciasse seu lar em uma parte boa do vilarejo, o que seria uma vantagem para ele em sua carreira. Portanto, respondeu ao pai habilmente sugerindo que a carta contendo certas modificações sobre a inquirição – que foi descrita sem exatidão na última carta de Mr. Corbet – deveria ser enviada a ele, a fim de que ele próprio possa

assegurar da parte de Mr. Wilkins quais eram as perspectivas de Ellinor em relação a sua fortuna.

A carta desejada chegou, mas não de tal forma que ele pudesse repassá-la a Mr. Wilkins. Preferiu fazer citações e até essas foram alteradas e temperadas antes de serem passadas adiante. O ponto principal da carta a Mr. Wilkins foi o seguinte: afirmou que tinha a esperança de estar em breve numa posição de oferecer a Ellinor uma casa; que previa um progresso contínuo em sua carreira e, por conseguinte, em sua renda; mas que contingências poderiam surgir, como o seu pai constatou, que o privariam de ganhar seu sustento, talvez quando fosse mais necessário que seria à primeira vista; que era verdade que, após a morte de sua mãe, uma pequena porção de terra em Shropshire seria dele como segundo filho, e, claro, Ellinor receberia o benefício desta propriedade, assegurada a ela legalmente, assim como bem pensou Mr. Wilkins – algo para ser discutido depois –, mas que agora seu pai estava preocupado, como é possível ver pelo trecho em que menciona a possibilidade de que Mr. Wilkins possa assegurá-lo da eventualidade de ter a viúva de seu filho e possíveis filhos jogados em suas mãos ao dar a Ellinor um dote; e se for este o caso, o que foi gentilmente insinuado, quanto seria a quantia do mesmo.

Quando Mr. Wilkins recebeu a carta, esta o despertou de seu devaneio feliz. Gostava de Ralph Corbet e todas as suas relações o suficiente para lhe dar a sua permissão para o noivado. E, às vezes, ficava contente de pensar que o futuro de Ellinor estava garantido, e que ela teria um protetor e amigos depois que ele falecesse. No entanto, não queria que os dois assumissem responsabilidades tão cedo. Não contemplou claramente o casamento como um evento provável de ocorrer antes de sua morte. Não conseguia entender como sua própria vida seguiria sem ela. Ou por que ela e Ralph Corbet não podiam continuar exatamente como estavam no presente. Foi para o desjejum com a carta nas mãos. A julgar pelo rubor de Ellinor ao notar a caligrafia, ele sabia que ela já tinha recebido a carta do seu amado na mesma postagem. Pelo seu carinho delicado – dado como para compensar a dor que a perspectiva de deixá-lo causaria –, ele tinha certeza de que ela estava ciente do conteúdo da carta. Mesmo assim, colocou no bolso e tentou esquecê-la.

Fez isso não meramente por sua relutância em acrescentar qualquer medida que pudesse facilitar o casamento de Ellinor. Havia outra preocupação. Suas finanças por certo tempo vinham apresentando complicações. Apesar de reconhecer o problema, como sempre o fazia, ele vivia além de sua renda e os

gastos estavam em um ponto crítico. Não fazia contas regulares, concluindo por si – ou, talvez, devo dizer convencendo a si mesmo – que não havia grande necessidade para uma contabilidade regular, quando ganhava um salário estável advindo de sua profissão, além dos juros de uma grande quantia deixada por seu pai; e como tinha casa própria, perto da vila onde os provimentos eram baratos, sua despesa com sua pequena família – somente uma filha – nunca poderia atingir nada além da renda provida pelos recursos já mencionados. Entretanto, criados, cavalos, vinhos seletos, fruteiras raras e o hábito de comprar qualquer livro ou qualquer gravura que o agradasse, independentemente do preço, consumiram todo o seu dinheiro, mesmo tendo apenas uma filha.

Há alguns anos, Mr. Wilkins ficou preocupado e estabeleceu um sistema de redução de despesas radical – economia que durou apenas cerca de seis semanas – causado pela explosão repentina de uma bolha especulativa na qual ele investira uma parte das economias do pai. No entanto, tão logo a mudança de hábitos, imprescindível devido a suas novas economias, tornava-se enfadonha, confortava-se a si mesmo com uma recaída em seu antigo estilo de vida fácil e extravagante ao lembrar-se que Ellinor estava noiva do filho de um homem de grandes propriedades, e que, apesar de Ralph ser apenas o segundo filho, ele deveria receber as terras de sua mãe, como Mr. Ness já mencionara quando soube do noivado pela primeira vez.

Mr. Wilkins não tinha dúvidas de que poderia facilmente conceder um subsídio apropriado a Ellinor, ou até pagar o dote requerido, mas isso exigiria uma análise sobre a real situação dos seus negócios, o que seria uma importunação. Não fazia ideia de quanto mais surgiria além do aborrecimento temporário após a investigação. Até que o exame fosse feito, decidiu sozinho que não mencionaria o assunto da carta com Ellinor. Então, nos dias seguintes, ela ficou na expectativa, vendo pouco seu pai. E, durante o curto período em que esteve com ele, percebeu seu pai nervoso, mantendo a conversa mais sobre amenidades do que o que ela tinha em mente.

Como já disse, Mr. Corbet tinha escrito para ela na mesma postagem em que enviou a carta para o seu pai, contando-lhe do conteúdo da mesma e implorando-lhe (por meio daquelas palavras suaves que só os apaixonados sabem como usar) que apressasse seu pai em seu favor – dele, seu amor –, que andava solitário e cabisbaixo pelas multidões de Londres, já que sua amada não estava lá. Não ligava para o dinheiro, visto apenas como meio de acelerar o casamento; na verdade, se houvesse alguma renda fixa, ainda que pequena, algum tempo para

definir o casamento, ainda que distante, ele poderia ser paciente. Não queria riquezas supérfluas. Tinha hábitos simples, como ela bem sabia, e o dinheiro suficiente seria deles no momento certo, ambos da sua parte de contingências e da certeza da posse finalmente de Bromley.

Ellinor procrastinou a resposta a essa carta até que o pai tivesse conversado com ela sobre o assunto. Ao perceber, porém, que ele evitava tal conversa, seu coração de menina a traiu. Começou a se culpar por desejar deixá-lo, a se criticar por ter contribuído para que o pai evitasse sua presença, como o fazia agora, o que a deixava estressada e excessivamente prudente. Tratava-se do embate usual entre pai e namorado pela possessão do amor, em vez da resignação paternal natural e educada ao curso determinado das coisas. E, como sempre, era a pobre menina que suportava todo o sofrimento sem culpa alguma, embora se assumisse como a causa do transtorno da ordem prévia dos acontecimentos.

Ellinor não tinha com quem trocar confidências além do pai e do pretendente e, quando estavam em contenda, não podia falar abertamente com nenhum, então meditou sobre a carta não respondida de Mr. Corbet e o silêncio de seu pai e ficou pálida e abatida. De vez em quando, levantava os olhos de repente e encontrava o pai olhando para ela com certa inquietação melancólica, mas, assim que percebia a situação, ele se ajeitava, de certo modo, e começava a falar alegremente sobre pequenos tópicos do dia.

A certa altura, Mr. Corbet ficou impaciente por não ter resposta nem de Mr. Wilkins nem de Ellinor e escreveu com urgência ao primeiro, informando-lhe de uma nova proposta sugerida por seu pai: uma determinada quantia deveria ser paga por Mr. Wilkins para ser aplicada nas melhorias da propriedade rural de Bromley, sob gerência dos fiduciários, gerando lucros e, sobre eles ou outras fontes provenientes das mãos do filho Corbet mais velho, deveria ser adiantada uma alta taxa de juros, o que asseguraria uma renda ao jovem casal imediatamente e aumentaria de forma considerável o valor da propriedade sobre a qual Ellinor se instalaria. Os termos oferecidos para guardar essa moeda sonante eram tão vantajosos que Mr. Wilkins ficou fortemente tentado a aderir de imediato, já que naquela manhã sua consciência pesou com a palidez de Ellinor e sua falta de apetite, e esta transferência direta de dinheiro era como um sacrifício, um bálsamo de alívio a sua autocensura. Contrabalanceava a preguiça e o desgosto com as consequências desagradáveis do ato com a fraqueza da imprudência.

Mr. Wilkins fez alguns cálculos brutos num pedaço de papel – títulos e todos os testes de exatidão estavam lá no escritório – e descobriu que poderia pagar a quantia solicitada. Escreveu uma carta aceitando a proposta e, antes de selar, chamou Ellinor ao gabinete e pediu-lhe que lesse o que tinha escrito perguntando sua opinião. Observou seu rosto tomando cor rapidamente, seus lábios tremelicarem e, mesmo antes de terminar a carta, a menina já estava em seus braços enchendo-lhe de beiljos, agradecendo-o com carícias acanhadas no lugar de palavras.

— Calminha — disse ele, sorrindo e suspirando. — Isto servirá. Por que me acha um pai cabeça dura como o pai da heroína do livro? Você esteve abatida esta última semana assim como Ofélia. Não dá para tomar decisões em um dia sobre tal soma de dinheiro, pequena. Você deveria ter deixado seu velho pai aqui ter tempo para pensar.

— Ah, papai. Só fiquei com medo de que estivesse zangado.

— Bem, se estava um pouco desorientado, vê-la assim tão desanimada e triste não era o melhor meio de me despertar. A propósito, o velho Corbet está tentando fazer uma boa barganha para seu filho. Ainda bem que nunca fui um homem extravagante.

— Mas, papai, não queremos toda essa quantia.

— Claro, claro! Tudo certo. Você deve entrar na família deles como uma garota abastada, se não pode ir como Lady Maria. Vem cá, não perturbe sua cabecinha com isso. Dê-me mais um beijo e depois vamos lá preparar os cavalos e dar uma cavalgada juntos, para aproveitar o feriado. Mereço um descanso, não mereço Nelly?

Ao passarem, pai e filha, alguns trabalhadores do campo à margem da estrada paravam para admirar a expressão feliz e radiante dos dois, e um comentou da formosura hereditária da família Wilkins (pois o velho, o pai de Mr. Wilkins, ficava muito elegante em seu calção pardo e perneiras, ganhando a pretensão habitual próprias dos trajes de um latifundiário). Outros diziam que ser bonito era fácil para os ricos. Sempre comiam à vontade, poderiam cavalgar quando cansados de andar e não se preocupavam com o dia de amanhã, pois este não lhes tirava o sono à noite. E, resignando-se com um destino tão desigual, os homens continuaram a fazer cercas e cavar buracos em silêncio.

E ainda se soubessem – se os pobres soubessem – das mazelas e tentações dos ricos, se previssem o futuro negro sobre esse pai e essa filha, se Mr. Wilkins até mesmo imaginasse tal sorte possível… Bem, havia alguma verdade no velho ditado pagão: “Não se inveja quem ainda não desceu ao sepulcro.”

Ellinor não mais passeou novamente com o pai. Não, nunca mais, muito embora tenham parado naquela tarde no ponto mais alto da região onde ventava fresco e dava vista para uma construção em ruínas, não muito longe. Confabularam se poderiam alcançá-la naquele dia, mas decidiram que era muito afastada e só daria para fazer uma inspeção apressada, e que algum dia fariam dos destroços o principal objetivo do passeio. Mas começou a chover durante algum tempo e não dava mais para cavalgar.

E, talvez por influência do tempo ou por outra preocupação ou dificuldade que o oprimia, Mr. Wilkins pareceu perder qualquer desejo por exercícios físicos. Preferiu buscar o estímulo para espírito no vinho. Isso Ellinor inocentemente ignorava. Sentindo-se inerte e exausto, ele passava muito tempo sentado, bebendo depois do jantar e sonolento. Caso os criados não o admirassem tanto por sua generosidade e benevolência de outrora, reclamariam agora, e com razão, da sua irritabilidade, pois todo tipo de coisa parecia perturbá-lo.

— Você tinha que chamar o patrão pra cavalgar contigo, senhorita — disse Dixon um dia, enquanto botava Ellinor no cavalo. — Ele não está nada bem, anda estudando além da conta no escritório.

No entanto, quando Ellinor falou com seu pai, ele respondeu de maneira brusca que as mulheres podiam muito bem cavalgar quando quisessem – os homens tinham mais o que fazer. E, então, ao olhá-la séria e intrigada, amaciou o tom abrupto ao acrescentar que Dunster vinha criando um rebuliço sobre sua ausência e assumindo grande parcela do trabalho de modo muito ofensivo, então ele pensou que seria melhor ir regularmente ao escritório para mostrar a ele quem era o chefe – o sócio principal e dono do negócio, em todo caso.

Ellinor suspirou de decepção com a aflição do pai e depois esqueceu seu pequeno arrependimento com raiva de Mr. Dunster, que pareceu o tempo todo ser um espinho na carne do pai. Ele ganhara ultimamente certo poder e autoridade sobre seu progenitor, conduta que, Ellinor não deixava de pensar, era muito impertinente da parte de um sócio iniciante, antes apenas um funcionário

assalariado, para com seu superior.

Nesse período, houve uma percepção de algo errado na casa Ford Bank por muitas semanas. Mr. Wilkins não era ele mesmo. Faziam falta seu modo animado e seus discursos inteligentes e espontâneos até nos dias em que não estava irritado. Estava, era evidente, intranquilo consigo e com tudo o que era dele. A primavera demorava-se a vir, a chuva fria e a saraiva tornavam desconfortável qualquer tipo de atividade ao ar livre em vez de um feliz evento natural ao longo do dia. Todo o som dos encantos invernais, das assembleias e reuniões, das festas joviais desapareceu, e os deleites de verão não eram ainda sequer imaginados. Mesmo assim Ellinor tinha uma fonte secreta e perene de claridade em seu coração: no momento em que pensava em Ralph, não sentia muito da opressão da atual tristeza inefável e indistinta. Ele a amava, e ah, como ela o amava! E talvez no próximo outono... mas dependia do sucesso dele na profissão. Afinal, se não fosse neste outono, seria no próximo, e com as cartas que recebia semanalmente e as visitas eventuais em que seu amado corria para Hamley para pagar Mr. Ness, Ellinor sentia-se como se quase preferisse a demora do tempo em que trocaria o teto do pai pelo teto do marido.

CAPÍTULO VI

Na Páscoa – quando os céus e a terra pareciam mais melancólicos, visto que a Páscoa veio mais cedo este ano – Mr. Corbet apareceu. Mr. Wilkins estava bastante ocupado para vê-lo muitas vezes. Reuniam-se menos que de costume, embora não estivessem menos cordiais quando se encontravam. Para Ellinor, porém, a visita era pura felicidade. Até agora, ela sempre sentiu um pequeno receio misturado ao amor por Mr. Corbet, mas os modos do rapaz foram amolecidos, as opiniões, menos decisivas e abruptas, e o tratamento reservado a ela revelava tal ternura que a jovem ficou despreocupada e divertia-se com isso. Algumas de suas conversas referiam-se à vida de casados em Londres. Portanto, a menina percebia que, embora isso fosse contra a vontade dela, seu amado não se esquecera de sua ambição. Ele tentou transmitir a Ellinor algo de sua própria ânsia por sucesso na vida, mas foi tudo em vão: ela o abraçava e dizia que não se importava em ser a mulher de um Lorde Chanceler – perucas e púlpitos não faziam parte de sua vida, somente se ele desejasse ela também desejaria.

Nos últimos dois dias da sua visita o tempo mudou. Um calor súbito irrompeu, como acontece de vez em quando por algumas horas mesmo em nossa primavera inglesa gelada. Os arbustos e as árvores de tom cinza amarronzado convertiam-se progressivamente em tenras matizes esverdeadas, um presságio do desabrochar das folhas. O céu era de um azul intenso e sem nuvens.

Mr. Wilkins voltaria do escritório mais cedo para cavalgar com a filha e o noivo, mas, depois de esperarem certo tempo por ele, ficou tarde e foram obrigados a desistir do projeto. Nada serviria de alternativa para Ellinor além de levar a mesa para fora e tomar chá no jardim, no lado ensolarado da árvore, entre as raízes onde costumava brincar quando criança. Miss Monro se opôs a esse capricho de Ellinor, dizendo que era muito cedo para refeições o ar livre, mas Mr. Corbet desconsiderou todas as objeções e a ajudou em seus alegres preparativos.

Ela sempre obedecia aos horários antecipados da sua infância, embora, como

antes, com frequência sentava-se com o pai novamente para jantar bem tarde. E esta refeição *al fresco* seria feita para ela e Miss Monro. Havia um lugar aprontado para o pai e aproveitou que ele estava vindo da estrebaria, pelo caminho de arbustos até o gabinete. De brincadeira fez dele um prisioneiro, acusando-lhe de ter desapontado o casal com o passeio e o conduziu meio sem vontade ao seu lugar à mesa. Mas ele estava quieto, quase triste. Sua presença desanimou a todos, não sabiam o porquê, pois ele não recusou nada, mas também não parecia se divertir com coisa alguma. Somente ria amarelo quando Ellinor gracejava. Tais gracejos tornavam-se cada vez mais raros conforme percebia a depressão do pai. Ela o observou ansiosamente. Ao notar que ela o fitava, tremendo daquela maneira estranha e esquisita – bem explicada pela expressão popular inglesa que diz que alguém está passando pela terra que um dia será sua cova – ele advertiu:

— Ellinor! Não é dia para chá ao ar livre. Nunca senti tanto frio na vida. Não consigo parar de tremer onde estou. Tenho que sair daqui, querida, apesar da sua comida saborosa.

— Ah papai! Mil perdões. Mas veja como os raios de sol batem intensos neste lado do gramado. Pensei ter escolhido um ótimo lugar!

Mas ele se levantou e insistiu em ir embora, só que com o pesar de estragar a festinha. Seguiu pelo caminho de pedras perto deles conversando enquanto continuou a caminhar, tentando alegrá-los.

— Está quentinho agora, papai? — perguntou Ellinor.

— Ah sim! Tudo certo. É só que aquele lugar estava tão frio e úmido. Agora estou bem aquecido.

Na manhã seguinte, Mr. Corbet foi embora. O tempo bom fora da estação passou também, e todas as coisas voltaram ao seu aspecto cinza e monótono. Mas Ellinor estava muito feliz para sentir essa tristeza. Sabia que o amor ausente existia só para ela e saber disso inconscientemente a fazia acreditar que o sol brilhava atrás das nuvens.

Escrevi que poucos ou ninguém na vizinhança imediata de Hamley, além de sua casa e Mr. Ness, sabiam do noivado de Ellinor. Em uma das raras festas à qual ela foi com o pai – era na casa da velha dama que a acompanhava nas reuniões –, ela foi convidada para jantar com um jovem clérigo que se

hospedava nas cercanias. Ele dispunha apenas de um diminuto salário que recebia de seu condado e via isso como um grande passo em sua vida. Era bondoso, inocente e um tanto pueril na aparência. Ellinor estava contente, tranquila e conversou com esse Mr. Livingstone sobre vários interesses que descobriram ter em comum: música eclesiástica e a dificuldade que tinham em fazer com que as pessoas cantassem em partes; a catedral de Salisbury, que os dois visitaram; o estilo de arquitetura das igrejas, a obra de Ruskin[10] e as escolas paroquiais, pelas quais Mr. Livingstone ficou um tanto chocado em saber que Ellinor não tinha muito interesse.

Quando os cavalheiros entraram na sala de jantar, Ellinor se surpreendeu pela primeira vez em sua vida com o fato de que seu pai bebera mais vinho que o recomendado. É verdade que a bebida se tornara um hábito ultimamente, mas como ele sempre tentava ir para o quarto em silêncio quando isso acontecia, sua filha jamais atentou para o problema, e perceber a situação agora deixou suas bochechas quentes de vergonha. A menina achou que todos deviam ter ciência do jeito alterado e da forma de falar do pai como ela tinha e depois de uma pausa de silêncio acanhado, durante a qual não dizia uma palavra, ela começou a conversar com Mr. Livingstone sobre escolas paroquiais, qualquer coisa, com redobrado vigor e interesse aparente, a fim de manter companhia, pelo menos, e tentar se esquecer do que para ela era dolorosamente tão óbvio.

O resultado de seu comportamento foi mais longe do que previa. Impediu Mr. Livingstone, é verdade, de observar seu pai, mas também fixou sua atenção nela. Durante o jantar a achava bonita e agradável, mas, depois, fascinante e irresistível. Sonhou com ela a noite toda e acordou na manhã seguinte calculando quanto seu salário lhe permitiria mobiliar sua nova residência paroquial com aquela bênção majestosa, uma esposa. Por alguns dias, ele fazia as contas e pensava em Ellinor, seu rosto ouvindo com interesse admirável seus sermões, de braços cruzados com ele a passear pela paróquia, sua voz suave ao lecionar nas escolas onde, em sua imaginação, a presença de Ellinor aparecia diante dele.

Consequência: escreveu uma proposta, que achou de composição muito mais desconcertante que um sermão. Era uma expressão verdadeira de amor, persistente em meio a todos os obstáculos, em uma explanação franca de sua perspectiva presente e esperança futura, e finalizando com a informação de que na manhã seguinte faria uma visita para saber se poderia falar com Mr. Wilkins sobre o assunto da carta. Esta chegou a Ellinor à noite, enquanto estava com

Miss Monro na biblioteca. Mr. Wilkins jantava fora, ela não sabia exatamente onde, e, como surgiu um compromisso súbito, enviou um bilhete direto do escritório – uma festa de cavalheiros, supôs ela, já que ele se vestiu em Hamley sem passar em casa.

Quando a carta foi entregue, Ellinor virou-a, como algumas pessoas fazem quando não reconhecem a caligrafia, como para descobrir pelo papel ou selo o que mais tarde se confirmaria caso abrissem a carta e vissem a assinatura. Ellinor não conseguiu adivinhar quem havia escrito a carta por nenhum sinal externo. Porém, ao ver o nome “Herbert Livingstone”, o significado da carta lhe sobreveio e ficou toda ruborizada. Deixou a carta de lado, não lida, por alguns minutos e depois arrumou uma desculpa para sair e ir lá para cima. Segura em seu quarto, leu as palavras aflitas do rapaz com um sentimento de autocensura. Como ela, compromissada com um homem, pode portar-se assim com outro se isso era o resultado de um único encontro à noite?

A reprimenda foi aplicada injustamente, mas em relação a isso não há o que fazer. Sentiu-se muito infeliz e finalmente desceu com o coração pesado para continuar lendo Dante[11] e descobrir palavras no dicionário. Para Miss Monro, durante todo o tempo, ela parecia lidar com as aulas de italiano mais diligente e tranquilamente que o normal. A menina planejava falar com o pai tão logo retornasse (e ele garantiu que não chegaria tarde) e implorar para que ele desfizesse o mal-entendido, recebendo Mr. Livingstone na manhã seguinte e explicando-lhe francamente o verdadeiro estado das coisas.

Mas ela queria ler a carta novamente, e refletir sobre tudo isso em paz. Então, deu boa-noite a Miss Monro mais cedo e foi logo para seu quarto acima da sala de estar. Contemplava do alto o jardim do caminho de arbustos que dava para a estrebaria pelo qual seu pai certamente retornaria. Lá em cima examinou a carta e tentou lembrar-se da sua conversa e conduta naquela noite infeliz – como a considerava agora – sem saber o que é infelicidade verdadeira. Sentia dor de cabeça. Acendeu uma vela e sentou-se no banco da janela, observando o jardim iluminado pelo luar, aguardando o pai. Abriu a janela, tanto para resfriar a cabeça quanto para chamar gentilmente seu pai quando este aparecesse.

A certa altura, a porta da estrebaria que dava para os arbustos estalou e abriu. Em um instante ela viu Mr. Wilkins andando pelas moitas, mas não sozinho. Mr. Dunster estava com ele e os dois conversavam de forma exaltada, mas abafada ao entrarem no gabinete de Mr. Wilkins pela porta externa.

— Devem ter jantado juntos em algum lugar. Provavelmente na casa de Mr. Hanbury (o cervejeiro de Hamley) — pensou Ellinor. — Mas que irritante esse sujeitinho vir aqui com papai justamente hoje à noite!

Por duas ou três vezes antes, Mr. Dunster visitou Mr. Wilkins à noite, Ellinor bem sabia, mas não estava muito ciente da razão de tais visitas tardias e nunca relacionou os dois fatos – como causa de consequência – que nessas ocasiões seu pai estivera ausente do escritório o dia todo e que sua presença pudesse ser necessária para administrar os negócios, cuja urgência era o motivo das visitas de Mr. Dunster. Mr. Wilkins sempre pareceu aborrecido com essas visitas tão tarde da noite e reclamava da intrusão em seu descanso. Ellinor, sem refletir, adotava o modo de pensar e falar de seu pai sobre a questão, e ficava ainda mais irritada com ele sempre que esse sócio odioso vinha tratar de negócios à noite.

Esta noite era, de todas as noites, a mais inconveniente (assim Ellinor pensava) para uma conversa a sós com seu pai! Na sua cabeça, porém, não havia dúvida sobre o que tinha que fazer. Como a hora já era avançada, o visitante inoportuno não ficaria por muito tempo. E então ela desceria, conversaria com o pai, pediria que falasse com Mr. Livingstone quando viesse na manhã seguinte e que o dispensasse com a maior gentileza do mundo.

Sentou-se no banco da janela, sonhando acordada com a felicidade vindoura. Ficava absorta em tais pensamentos, chegava a ter até receio de esquecer o porquê de estar ali. Sentia frio agora, e levantou-se para buscar um xale, no qual se envolveu, e retornou ao seu lugar. Parecia ainda mais tarde. A luz da lua cada vez mais plena sobre o jardim e a escuridão da sombra, mais espessa e vigorosa. Por certo, Mr. Dunster não poderia ter ido embora pelo caminho tenebroso dos arbustos sem nenhum barulho, mas ela o que ouviu? As vozes aumentavam em tom e vinham através da janela do gabinete: vozes iradas. Também ficou com raiva por pura empatia, pois sabia que o pai estava sendo irritado. De repente, um movimento, como de cadeiras empurradas bruscamente, depois um barulho estranho – violento, repentino. Em seguida, um leve movimento de cadeiras novamente e, por fim, uma profunda quietude. Ellinor encostou a cabeça na janela para ouvir com mais atenção, pois ficou enjoada e pálida devido a algum instinto misterioso. Nenhum som, nenhum barulho. Só em dado momento ouvia o que todo mundo ouve em tais ocasiões de audição atenta: o pulsar do seu coração, depois sentiu uma torrente de sangue espiralando pela sua cabeça. Quanto tempo isso durou? Ela nunca soube.

A certa altura, ouviu os passos apressados do pai em seu quarto, ao lado do dela, mas quando correu para falar com ele, perguntar o que havia de errado – se houve algo –, se poderia falar agora sobre a carta de Mr. Livingstone, descobriu que ele tinha se dirigido ao gabinete de estudos de novo, e quase no mesmo instante ouviu a portinha externa daquele cômodo se abrir. Alguém saiu, e depois ouviu passos apressados pelo caminho de arbustos. Pensou, é claro, que era Mr. Dunster indo embora, e voltou para pegar a carta de Mr. Livingstone. Depois de achá-la, entrou pelo quarto do pai até a escada particular, pensando que se fosse pelo caminho usual correria o risco de perturbar Miss Monro e talvez ser questionada pela manhã. Mesmo passando pela escada remota, seus passos eram suaves com medo de que alguém os escutasse.

Quando entrou no quarto, a luz intensa das velas em meio à escuridão turvou sua vista por um momento. Tremeluziam de modo desenfreado com a corrente de ar que adentrava pela janela aberta, pela qual o ar externo invadia. Por um momento, ao que pareceu, não havia ninguém no cômodo, até que viu, com estranho pavor, as pernas de uma pessoa no tapete atrás da mesa. Como se forçada, mesmo ao retroceder, ela prosseguiu para ver quem era que jazia ali, tão calmo e imóvel como se nunca fosse se mexer com sua aproximação. Era Mr. Dunster. A cabeça apoiada numa almofada, olhos abertos, fixos, dilatados. Havia um cheiro forte de conhaque e carbonato de amônia no cômodo. Um cheiro tão poderoso que nem a corrente de ar noturno, que soprava pelas duas portas abertas, conseguia neutralizar.

Ellinor não sabia dizer se foi razão ou instinto que a guiou durante aquela noite terrível. Ao pensar sobre isso depois, evitando com medo a memória horripilante que viria e a assombraria por muitos, muitos anos de vida, começou a acreditar que o cheiro poderoso do conhaque derramado a intoxicou – na prática, uma abstêmia inconsciente. Mas algo lhe deu presença de espírito e coragem não inerentes a ela. E, embora tenha aprendido a pensar que agiu com prudência, e não errônea e perversamente, ainda assim ficava impressionada, ao relembrar a ocasião, como conseguiu portar-se daquele jeito. Em primeiro lugar, desvencilhou-se do olhar pasmado ao cadáver, foi para a porta da escadaria, pela qual entrara no gabinete, e fechou-a devagar. Depois retornou e encarou-o novamente. Pegou a garrafa de conhaque e tentou sorver um pouco na boca, mas isso descobriu que não conseguiria fazer. Em seguida, molhou seu lenço na bebida e umedeceu os lábios do sujeito, tudo sem qualquer propósito, pois, como disse, o homem estava morto – morto por uma ruptura de uma artéria no cérebro e como isso ocorreu... ah eu contarei em momento oportuno.

Óbvio que todos os cuidados e esforços de Ellinor não produziram qualquer efeito. Seu pai tentara esses métodos antes – todas essas diligências vãs para trazer de volta o precioso sopro da vida! A pobre garota não suportava aqueles olhos abertos e, suave e gentilmente, tentou fechá-los, mesmo sem se dar conta de que, ao fazê-lo, estava prestando um serviço piedoso, uma cortesia, a um homem morto. Ficou sentada ao lado do corpo no chão quando ouviu passadas em um ritmo acelerado mas cauteloso pelos arbustos. Não tinha medo, mesmo com a possibilidade de serem passos de ladrões ou assassinos. O horror do momento a deixou impassível a medos comuns, mesmo não raciocinando como já era habitual e com isso teve certeza de que os pés que pisavam suave e prontamente eram os mesmos que ouvira saindo do quarto de maneira similar há apenas quinze minutos.

Seu pai entrou e se assustou, quase tombando em alguém atrás dele com o seu ressalto, ao ver a filha imóvel ao lado do homem morto.

— Meu Deus, Ellinor! O que faz aqui? — disse ele, quase furioso.

Mas ela respondeu perplexa:

— Não sei. Ele está morto?

— Shhhhh, filha. Foi inevitável.

Ergueu os olhos ao rosto solene, compassivo e aterrorizado atrás do seu pai: era o semblante de Dixon.

— Ele está morto? — perguntou a ele.

O homem deu um passo à frente, impelindo seu mestre respeitosamente para o lado. Curvou-se sobre o cadáver, examinou, escutou e então pegou uma vela que estava em cima da mesa e fez sinal para que Mr. Wilkins fechasse a porta. E Mr. Wilkins obedeceu, olhando com uma ânsia quase a ponto de desfalecer frente ao experimento e ainda assim não tinha esperanças. A chama estava imutável – imutável e impiedosamente sem movimentos, mesmo quando levada perto da boca ou do nariz. A cabeça foi erguida por um dos braços fortes de Dixon, enquanto segurava a vela com a outra mão. Ellinor percebeu que Dixon tremia e segurou firme seu punho para lhe dar a estabilidade necessária.

Tudo em vão. A cabeça foi colocada novamente na almofada. O servo

levantou e ficou ao lado do patrão, olhando triste para o corpo daquele que, quando vivo, nenhum deles gostava ou se importava, e Ellinor sentada, calada e sem lágrimas, como num transe.

— Como aconteceu, pai? — perguntou em dado momento.

Ele não tinha intenção de contar, mas questionado pelos seus lábios, suplicados pelos seus olhos em presença da morte, não pode escolher outra coisa além de falar a verdade. Falou arfando convulsivamente, cada frase um esforço.

— Ele me insultou, foi um insolente, acabou com minha paciência, não pude suportar. Dei-lhe um soco, não sei dizer como. Deve ter batido a cabeça na queda. Ah, meu Deus! Há apenas uma hora eu era inocente do sangue deste homem! — e cobriu o rosto com as mãos.

Ellinor pegou a vela novamente e, ajoelhando-se atrás de Mr. Dunster, tentou o fútil experimento mais uma vez.

— Será que um médico não poderia fazer algo? — perguntou ela a Dixon, em um tom desesperador.

— Não! — exclamou ele, meneando a cabeça e olhando secretamente para o patrão, que parecia paralisado e assustado diante da sugestão. — Receio que os médicos não possam fazer nada. Tudo o que um médico poderia fazer, acho, seria abrir a artéria e isso eu poderia fazer se minha lanceta[12] estivesse aqui. Apalpou os bolsos enquanto falava e, por sorte, a “lanceta” (ou lanceta de gado) estava em algum lugar em sua vestimenta. Tirou-a, poliu e experimentou-a no dedo. Ellinor tentou descobrir o braço do morto, mas ficou com náuseas ao fazê-lo. Seu pai o auxiliou ansiosamente e fez o que era preciso com mãos trêmulas e apressadas. Caso se importassem menos com o resultado, poderiam temer as consequências de uma operação nas mãos de alguém tão ignorante quanto Dixon. Mas, veia ou artéria, pouco importava; nenhum sangue jorrou, apenas um pequeno líquido aquoso se seguiu ao corte da lanceta. Deitaram-no de volta no seu estranho e triste leito de morte. Dixon falou em seguida.

— Mestre Ned! — chamou, pois conhecia Mr. Wilkins desde os belos dias de meninice despreocupada e quase foi transportado a essa época pelo senso de responsabilidade e proteção, conferido pela presença de espírito e sentidos apurados do criado naquela noite medonha.

— Mestre Ned! Precisamos fazer algo!

Ninguém dizia uma palavra. O que era para ser feito?

— Alguém o viu chegar? — perguntou Dixon, depois de um tempo. Ellinor virou-se para ouvir a resposta do pai, com uma esperança sem cabimento de que tudo seria velado de alguma forma. Não sabia como, nem pensava em qualquer consequência senão salvar o pai do perigo, da intriga incerta e da punição que ela sabia que viria se tudo fosse descoberto.

Mr. Wilkins parecia não ouvir. De fato, não ouvia nada além do eco surdo de suas últimas palavras, que ribombava pelo coração. *Há apenas uma hora eu era inocente do sangue deste homem! Há apenas uma hora!*

Dixon ficou de pé e encheu meio copo de conhaque puro da garrafa em cima da mesa.

— Beba, mestre Ned! — aproximando o copo dos lábios do seu patrão. — Não é nada — disse para Ellinor —, não lhe fará mal algum. Só para voltar à razão, pobre cavalheiro, está amedrontado. Precisamos de toda a nossa inteligência. Agora, senhor, por favor, responda à minha pergunta. Alguém viu Mr. Dunster vir aqui?

— Não sei — respondeu Mr. Wilkins, retomando sua fala. — Parecia um nevoeiro. Ele se ofereceu para vir comigo até em casa. Eu não queria sua companhia. Quase fui descortês com ele para evitá-lo. Não queria falar de trabalho. Para ser claro, bebi bastante vinho e algumas coisas no escritório não estavam muito em ordem e ele descobriu. Se alguém ouviu nossa conversa, deve saber que não o queria comigo. Ah, por que ele veio? Era um obstinado. Ele veio e eis aqui morto!

— Bem, senhor, o que já foi feito não pode ser desfeito, e fique certo de que a gente faria qualquer coisa para que ele voltasse à vida, até cortar os pulsos, mesmo sendo um sujeitinho extremamente maçante. Mas o que estou pensando é o seguinte: pode ser ruim para o senhor se ele for achado aqui. Podem falar. Mas não acha, senhorita, como ele não tem amigo nem parente para se sentir falta, poderíamos apenas enterrá-lo antes do amanhecer, em algum lugar? Não tem nem quatro horas de escuridão. Gostaria de colocá-lo no cemitério, mas não tem como. Mas, na minha opinião, quanto mais cedo começarmos a cavar um lugar para o coitado ficar, melhor será para todos nós no final. Posso arrancar um

pedaço de grama de onde nunca será notado e, se o patrão pegar uma pá e eu a outra, ora colocamos o corpo ali sem barulho e o cobrimos, e ninguém descobrirá.

Não houve resposta por alguns minutos. Então, Mr. Wilkins disse:

— Se meu pai tivesse vivido para ver isto! Nossa, vão me achar criminoso. E você, Ellinor? Dixon, você tem razão. Devemos ocultá-lo ou devo cortar a garganta, pois nunca conseguirei sobreviver a isso. Um minuto de cólera e minha vida foi destruída!

— Vamos, senhor — apressou Dixon. — Não há tempo a perder.

E foram procurar as ferramentas. Ellinor os seguiu com o corpo todo tremendo, mas implorando para ficar com eles e não precisar permanecer no gabinete com o…

Não iria para o próprio quarto. Temia a inércia e a solidão. Ocupou-se carregando cestos pesados de relva e esforçando-se ao máximo ao levar tudo o que era preciso, com passos rápidos e suaves.

Depois, ao passar pela porta aberta do gabinete, achou ter ouvido um ruído e um lampejo de esperança lhe sobreveio. Poderia estar revivendo? Entrou, mas um momento foi suficiente para lhe abrir os olhos: era apenas um frêmito noturno por entre as árvores. Esperança, vida, não havia nenhuma.

Cavaram o buraco bem fundo, trabalhando com energia atroz a fim sufocar o pensamento e o remorso. Às vezes, o pai pedia conhaque, o que Ellinor trazia sem uma palavra, convencida do bom efeito aparente da primeira dose. E uma vez, a pedido do pai, trouxe comida para Dixon, que estava na sala de jantar, sem fazer barulho.

Quando tudo estava pronto para receber o corpo na cova maldita, Mr. Wilkins mandou Ellinor subir para o quarto – ela fizera todo o possível para ajudá-los, o resto deveria ser feito só por eles. Sentiu que deveria e, de fato, tanto sua coragem quanto sua força estavam esmorecendo. Teria beijado seu pai, quando ele se sentou esgotado no topo da cova – Dixon encarregou-se dos preparativos para carregar o corpo –, mas Mr. Wilkins a empurrou calmamente, porém decidido.

— Não, Nelly, você nunca deverá me beijar novamente. Sou um assassino.

— Mas vou sim, meu querido papai — disse ela, envolvendo os braços no seu pescoço e cobrindo-lhe de beijos. — Eu te amo e não me importo com o que você é, mesmo se fosse um assassino vinte vezes, o que não é. Tenho certeza de que foi apenas um acidente.

— Entre, filha, entre e tente descansar. Mas vá, pois temos que terminar o mais rápido possível. A lua está baixa, logo será dia. Que milagre não haver quartos deste lado da casa. Vá, Nelly.

E ela foi, esforçando-se para não fazer barulho e desviando o olhar do cômodo que lhe causava arrepios, um lugar de morte precipitada e profana.

Já em seu quarto, trancou a porta por dentro, depois andou na ponta dos pés até a janela, como se alguma fascinação a impelisse a assistir todo o processo até o fim. Mas seus olhos doloridos mal podiam enxergar a espessa escuridão, que, nessa época do ano, precede por pouco o amanhecer. Conseguia discernir os cumes das árvores contra o céu e percebia claramente uma bem conhecida, cujo tronco ficava a uma distância mínima da cova, sobre o pequeno pedaço de relva onde há pouco ela e Ralph tomavam chá felizes e onde seu pai, assim lembrava, tremia e tiritava, como se o chão sobre o qual sua cadeira repousava fosse profético e abominável.

Aqueles ali embaixo, calmos e tranquilos em tudo o que faziam, mas cada som tinha uma interpretação terrível e significativa aos ouvidos de Ellinor. Antes que terminassem, passarinhos começaram a pipilar alegremente ao despontar do amanhecer. Então as portas se fecharam e tudo permaneceu profundamente quieto.

Ellinor jogou-se na cama ainda com a mesma roupa. Sentiu-se agradecida pela intensa e fatigante dor física que apaziguava a angústia do pensamento – angústia que, percebeu, de tempo em tempo levava à insanidade.

Logo, a manhã gelada causou-lhe arrepios talvez por instinto sob o cobertor e, uma vez lá, caiu em sono profundo e pesado.

CAPÍTULO VII

Ellinor acordou com a porta batendo. Era sua criada.

Em instantes estava completamente desperta, pois havia adormecido com um plano definitivo na cabeça, apenas um, já que todos os pensamentos e preocupações sem relação com o terrível incidente eram como se nunca tivessem existido. Todo o intento era proteger o pai de qualquer suspeita. E para isso, ela deveria controlar-se – coração, mente e corpo deveriam ser domados com esse único propósito.

Então disse a Mason:

— Deixe-me dormir por mais meia hora e peça a Miss Monro para não me esperar para o desjejum, mas em meia hora traga-me uma xícara de chá forte. Estou com uma dor de cabeça terrível.

Mason saiu. Ellinor saltou da cama, despiu-se rapidamente e voltou para a cama, a fim de que, ao voltar sua criada com chá, não houvesse qualquer indício de que a noite passada tivesse sido fora do normal.

— Você não parece nada bem, senhorita! — espantou-se Mason. — Faz bem em não levantar ainda.

Ellinor desejou perguntar se o pai já tinha acordado, mas a pergunta – tão natural em qualquer outra ocasião – parecia carregar suspeita nas atuais circunstâncias e ela não poderia se permitir pronunciá-la. A qualquer momento, tinha que se levantar e se esforçar para fazer o dia parecer como qualquer outro. Então, saiu da cama, confessou que não se sentia muito bem, mas tentaria atenuar seu estado, e quando não conseguisse pensar em nada além do terror da noite anterior, diria frases triviais. Mas não se lembrava de como se comportava em geral, pois até aqui sua vida fora simples e vivida sem qualquer muitas consequências.

Antes de ficar pronta, veio uma mensagem que dizia que Mr. Livingstone estava na sala de estar.

Mr. Livingstone! Ele pertencia à velha vida de ontem! As ondas da noite apagaram as pegadas deste homem nas areias da sua memória. Foi só com muito esforço que conseguiu lembrar quem ele era, o que queria. Pediu para que Mason perguntasse ao criado que o recebeu a quem ele queria ver.

— Perguntou pelo patrão primeiro. Mas o patrão não tinha pedido sua água ainda, então James disse-lhe que ainda não tinha acordado. Depois pensou por um minuto e perguntou se podia falar com a senhorita. Esperaria caso não estivesse livre, mas desejava, em especial, ver ou o patrão ou a senhorita. Então James falou para que se sentasse na sala de estar, que iria verificar.

Devo ir, pensou Ellinor. *Vou mandá-lo embora em pessoa. Vir pensando em casamento numa casa como esta e, além disso, hoje!*

E ela desceu apressadamente, com um mau humor severo dirigido a um rapaz cujos sentimentos por ela, assim pensava, eram como uma cabaça cultivada à noite e sem importância, uma bobagem, um impulso de menino.

Nem pensou na própria aparência – vestiu-se sem ao menos se olhar no espelho. Seu único objetivo era dispensar o suposto pretendente o mais rápido possível. Toda a timidez, embaraço ou modéstia de donzela foram extintos e superados. Ela entrou.

Ele estava de pé ao lado da lareira quando ela apareceu. Deu alguns passos à frente ao seu encontro. Depois parou, espantado, ao ver o rosto pálido e sisudo de Ellinor.

— Miss Wilkins, sinto muito, está doente! Vim muito cedo. Mas tenho que partir em meia hora e pensei… Ah, Miss Wilkins, o que fui fazer?

Ela afundou-se na poltrona mais próxima, como se puxada por tais palavras, mas, na verdade, era a opressão de seus próprios pensamentos. Mal se dava conta da presença de Mr. Livingstone.

Aproximou-se, como se desejasse tomá-la nos braços, confortá-la, protegê-la, mas ela enrijeceu, levantou e com esforço caminhou até a lareira e lá ficou, como se aguardasse o que ele diria em seguida. Mas o rapaz ficou assombrado

com seu aspecto mórbido. Quase esqueceu seus intentos, o pedido de casamento, no desejo de aliviar a dor física – assim o julgava – com a qual sofria. Foi ela quem teve que iniciar a conversa.

— Recebi sua carta ontem, Mr. Livingstone. Estava ansiosa para vê-lo hoje a fim de evitar que fale com meu pai. Não disse nada do tipo de afeição que, por ventura, o senhor sinta por mim, pessoa que viu apenas uma vez. Tudo o que quero dizer é que, quanto mais rápido esquecermos essa história, a que chamo de um disparate, melhor.

Aparentava ser uma mulher consideravelmente mais velha e mais experiente que Mr. Livingstone. Ele a achou arrogante; ela apenas estava aborrecida.

— Você está enganada — disse ele, mais calmo e com mais dignidade do que provável por sua conduta anterior. — Não permitirei que caracterize como disparate o que pode ser presunção da minha parte. Eu não tinha direito algum de me expressar tão cedo, mas, em essência, fui verdadeiro e sincero. Isso posso dizer, solenemente. É possível, embora não seja corriqueiro, um homem sentir-se tão atraído pelo charme e pelas qualidades de uma mulher, mesmo à primeira vista, para ter certeza de que ela, e somente ela, poderá fazê-lo feliz. Meu disparate, caso esteja certa, foi mesmo em sonhar que meu amor fosse correspondido ao menor grau que seja, já que me viu apenas uma vez. E estou profundamente envergonhado de mim mesmo. Não consigo exprimir o quanto estou arrependido, vendo-a forçada a vir e falar comigo mesmo tão doente.

Ellinor sentou-se com dificuldade na poltrona, pois, apesar do desejo de dispensá-lo rapidamente, foi obrigada a sentar. A mão dele estava sobre a campainha.

— Não, não vá! — pediu ela. — Espere um minuto.

Seus olhos, curvados sobre ela com profunda ansiedade, a fitaram naquele momento. Ela estava a ponto de derramar lágrimas, mas conteve-se e pôs-se de pé novamente.

— Vou embora — resolveu ele. — É a coisa mais sensata a fazer. Posso enviar uma carta? Posso arriscar-me a escrever e urgir o que tenho a dizer de forma mais coerente?

— Não — respondeu ela. — Não escreva. Já lhe dei minha resposta. Não

temos nada e não haverá nada. Estou comprometida. Não deveria ter lhe dito se não fosse tão educado. Obrigada. Mas vá agora.

O pobre rapaz ficou embasbacado, quase tão pálido como ela por um instante. Após um momento de reflexão, pegou-lhe as mãos e disse:

— Que Deus a abençoe, e a ele também, quem quer que seja! Mas caso queira um amigo, posso sê-lo, não posso? E tento provar que minhas palavras de admiração eram verdadeiras, num sentido melhor e mais elevado do que as usei pela primeira vez.

E, beijando sua mão passiva, partiu deixando-a sentada sozinha.

Mas a solidão não era algo que podia suportar. Subiu correndo as escadas e tomou uma dose forte de sal volátil, mesmo ouvindo Miss Monro chamar-lhe.

— Querida, quem era aquele cavalheiro que ficou confinado na sala de estar com a senhorita todo esse tempo?

E, sem ouvir a resposta de Ellinor, ela continuou:

— A senhora Jackson esteve aqui (era na casa de Mrs. Jackson que Mr. Dunster estava hospedado) querendo saber se poderíamos lhe dizer onde Mr. Dunster estava, pois este não voltou ontem à noite. E você estava na sala de estar com, quem disse que era?, aquele Mr. Livingstone, que poderia ter vindo em outra hora para se despedir. Ele nunca jantou aqui, não foi? Portanto, não vejo razão para ele chegar de visita, para se despedir e seu pai *não* estar acordado. Então, eu disse a Mrs. Jackson: “Posso perguntar a Mr. Wilkins, caso deseje, mas não vejo muito sentido, pois posso lhe assegurar como ninguém de que Mr. Dunster não está nesta casa mesmo.” Ainda assim nada lhe satisfazia, mas alguém deveria ir lá e acordar seu pai e perguntar-lhe sobre o paradeiro de Mr. Dunster.

— E papai sabia? — inquiriu Ellinor, com a garganta seca e voz rouca, como era de esperar.

— Não, claro que não. Como Mr. Wilkins saberia? Como disse a Mrs. Jackson: “Mr. Wilkins não deve saber onde Mr. Dunster passa seu tempo quando não está no escritório, pois não são da mesma posição na vida, minha senhora”. E Mrs. Jackson desculpou-se, mas disse que ontem os dois jantaram no bar do

Mr. Hodgson juntos, assim acreditava. E de alguma forma teimava que Mr. Dunster tinha se perdido pela rua Moor e pudesse ter caído no canal. Então pensou em passar para perguntar a Mr. Wilkins se saíram juntos do bar de Mr. Hodgson ou se seu pai o levara em casa. Perguntei-lhe por que não me contara todos esses detalhes antes, pois poderia perguntar eu mesma a seu pai quando foi a última vez em que viu Mr. Dunster. Então subi pela segunda vez para inquiri-lo, mas ele não gostou nada, pois estava ocupado vestindo-se e tive que gritar as perguntas atrás da porta e ele nunca me ouvia na primeira vez.

— O que ele disse?

— Ah, que andou uma parte do caminho com Mr. Dunster, depois cortou pela trilha do campo, até onde pude compreendê-lo atrás da porta. Ele pareceu bastante irritado ao ouvir que Mr. Dunster não passara a noite em casa, mas pediu para eu dizer para Mrs. Jackson que ele iria para o escritório assim que terminasse seu desjejum, que pediu para levar até o quarto e que não tinha dúvidas de que tudo ficaria bem, mas que ela deveria ir logo para casa. E, como lhe disse, ela pode encontrar Mr. Dunster lá na hora em que chegar. Lá, lá vem seu pai! Não perdeu um minuto com o desjejum!

No primeiro momento, Ellinor pegou o jornal *Hamley Examiner*, que estava na mesa, para cobrir o rosto, mas depois serviu a um segundo propósito, quando olhava languidamente os classificados.

— Ah! A plantação de orquídeas do coronel Macdonald está à venda. Todo o estoque da estufa e plantas tropicais em Hartwell Priory. Devo enviar James para ir à feira. Será apenas de três dias.

— Mas será que podemos ficar tanto tempo sem ele?

— Ah, claro. Melhor hospedar-se na pequena pousada lá, para ficar no local. Três dias — disse e correu para falar com o jardineiro, que estava varrendo a grama recém-cortada na frente da casa. Deu-lhe longas e precipitadas instruções, ao que parece, com o único propósito de,caso alguém estivesse suspeitando de suas palavras e ações, mandá-lo às pressas para uma vila distante, onde seria o leilão.

Depois que ele foi embora, ela respirou mais aliviada. Agora, além da árvore que presenciou a razão terrível da confusão embaixo na relva em determinado ponto numa área ao redor do jardim, ninguém provavelmente estaria naquele

lugar. Miss Monro poderia vagar por ali com um livro nas mãos, mas nunca notaria nada e era míope ainda por cima. Três dias de clima chuvoso, quente, intenso e a grama verde florescendo, exatamente como se a vida fosse como era vinte e quatro horas atrás.

No fim das contas, era como se a força e o espírito de Ellinor afundassem de uma vez por todas. Sua voz se tornou débil, sua aparência, abatida. E apesar de dizer a Miss Monro que não tinha nada, era impossível para alguém que gostasse dela não perceber que não estava nada bem. A doce governanta colocou sua aluna no sofá, cobriu seus pés cordialmente, escureceu o quarto, depois saiu de fininho, imaginando que Ellinor fosse dormir. Seus olhos estavam, de fato, fechados, mas tentando ao máximo ficar em silêncio, levantou-se em menos de cinco minutos após Miss Monro sair do quarto, e ficou andando para lá e para cá numa agonia corporal incansável advinda de uma mente sobrecarregada. Mas logo Miss Monro reapareceu, trazendo uma dose de calmante natural feito por ela, pois era muito boa em automedicação. Ellinor nem se importava em saber qual era o calmante. Bebeu sem a resistência habitual às ordens medicinais de Miss Monro. Como esta pegou um livro e mostrou-se com o propósito de ficar com sua paciente, Ellinor foi obrigada a se deitar e num instante dormiu.

Acordou à tarde com um susto. Seu pai estava em pé diante dela, ouvindo Miss Monro falar de sua indisposição. Apenas viu de relance suas feições estranhamente alteradas, escondeu o rosto no travesseiro – queria esconder da memória, não dele. Por um instante, ela deve ter presumido o que ele provavelmente deduziria de sua atitude acanhada, e ela, virando-se, envolveu os braços em seu pescoço e beijou sua face fria e apática. Em seguida, recostou-se. Mas, durante todo o momento, seus olhos não se encontraram – temiam o olhar da lembrança que deveria estar ali presente.

— Calminha, querida — disse Miss Monro. — Agora descanse até que eu traga uma canja. Está melhor, não está?

— Não precisa ir pegar a canja, Miss Monro — disse Mr. Wilkins, tocando o sino. — Fletcher poderá trazer. — Receava ficar a sós com a filha, o mesmo acontecia com ela. Ouviu uma estranha alteração na voz do pai, áspera e rouca, como se falar fosse um esforço. Os sinais físicos do seu sofrimento partiram-lhe o coração e ela ainda se perguntava como os dois poderiam estar vivos, ou, se vivos, como não estar rasgando suas vestes e berrando às lágrimas.

É verdade que Mr. Wilkins, ao que parece, perdeu o domínio de atitudes e discursos imprudentes. Desejava sair do quarto agora que sua ansiedade em relação à filha havia-se dissipado, mas mal sabia como. Foi obrigado a pensar nos mínimos detalhes, a fim de entender, com um esforço da razão, como deveria ter agido ou falado se estivesse livre da culpa pelo derramamento de sangue. Ellinor compreendeu tudo pela intuição. Mas, doravante, o entendimento não dito dos gestos ocultos de cada um tornou a presença mútua um fardo para ambos. Miss Monro era de grande ajuda. Estavam felizes com uma terceira pessoa ignorante do segredo que os aprisionava. Naquela tarde, sua ignorância gerou dor. Entretanto, após reflexão, ambos encontraram em seus discursos um motivo para se agradar.

— E Mr. Dunster, Mr. Wilkins, já apareceu?

Um minuto de silêncio, no qual Mr. Wilkins arquejou as palavras da garganta rouca:

— Não sei. Estava cavalgando. Fui resolver um negócio com Mr. Estcourt. Talvez você possa fazer a gentileza de mandar alguém na casa de Mrs. Jackson.

Ellinor sentiu-se mal ao ouvir essas palavras. Sempre fora uma garota sincera e verdadeira. Guardava-se da falsidade. E agora eis a necessidade do engodo – o ardil estendido a sua volta. Não se indignara tanto pela ação que causou a morte inesperada quanto por essas palavras do pai. Na noite anterior, na febre furiosa movida pelo medo, imaginou que ocultar o corpo era todo o necessário. Não almejava o longo e enfadonho fluxo de pequenas mentiras, a serem ditas e concretizadas, tudo implicado naquele único erro. Contudo, enquanto as palavras paternas revoltavam sua alma, a aparência de Mr. Wilkins comoveu o coração da filha. Quando ela percebeu, ele não a olhava nos olhos, nem diretamente para Miss Monro, nem para qualquer coisa materialmente visível. Os olhos baixos e vazios eram para Ellinor a visão de um homem morto diante de si. As bochechas exaustas e lívidas; o colorido saudável do rosto, resultado de anos de exercício aeróbico ao ar livre, desapareceu no desbotamento da idade. O cabelo, até para Ellinor, tinha o aspecto mais acinzentado pela noite de indescritível desgraça. Ele parou, e olhou sonhando em direção à terra, onde antes permaneceu de pé. Precisava de toda a piedade inspirada por tal observação para sufocar todo o desprezo ardente pela trama em que ela e o pai estavam emaranhados, quando o ouviu repetir as palavras ao criado que veio trazer a canja.

— Fletcher! Vá até a senhora Jackson e pergunte se Mr. Dunster já voltou. Quero falar com ele.

Com ele! Que jaz morto onde foi deixado, morto por alguém que agora pergunta por sua presença. Ellinor fechou os olhos, e deitou-se desesperada. Desejou morrer e livrar-se desse emaranhado terrível de eventos.

Dois minutos depois, viu o pai e Miss Monro saindo de fininho do quarto. Achavam que estava dormindo.

Foi até o sofá e ajoelhou-se.

— Oh Deus — disse em oração. — Tu o sabes! Ajuda-me! Não há outra ajuda além de ti!

Acho que ela desmaiou. Pois, depois de mais ou menos uma hora, Miss Monro a encontrou deitada inconsciente ao lado do sofá.

Foi carregada até a cama. Não delirava, estava apenas em letargia, que temiam levar ao delírio. Para prevenir, seu pai mandou trazer de longe médicos habilidosos, que cuidaram dela ao custo de quase uma moeda de ouro o minuto.

As pessoas comentavam o quão difícil era a situação para Mr. Wilkins, que mal suportou a fuga daquele patife do Dunster, levando o dinheiro da firma, sabe-se lá quanto, antes de sua única filha ficar doente. E, francamente, ele mesmo parecia petrificado e assustado com a calamidade. Tinha um aspecto pávido, assim diziam, como se nunca pudesse dizer, após tal experiência, de que lado as provas terríveis da incerteza da terra surgiriam, os fantasmas horrendos do perigo inesperado. Tanto rico quanto pobre, pessoas do campo ou da cidade compadeciam-se dele. Os ricos procuravam não urgir suas demandas ou seus negócios em tal momento. Nas conversas superficiais após o jantar, apenas pensavam em como um camarada tão bom quanto Wilkins pôde ser enganado por um sujeito como Dunster. Até Sir Frank Holster e sua mulher esqueceram-se da velha rixa e vieram perguntar por Ellinor, trazendo frutas cultivadas na estufa por alqueire.

Mr. Corbet portou-se como um pretendente preocupado deveria se portar. Escrevia diariamente para Miss Monro implorando pelos últimos boletins. Granjeava todas as coisas na vila que qualquer médico imaginava estar fora do mercado. Visitava-a sempre que havia a mais remota permissão de ver Ellinor.

Ele a exaltava com palavras carinhosas e carícias, até que enfim se esquivava deles, como se evitasse algo desconcertante e além de qualquer compreensão.

Mas uma noite antes, quando todas as portas e janelas permaneciam abertas para permitir que a última brisa circulasse pelo ar abafado de verão, uma criada na ponta do pé caminhara cuidadosamente até a porta aberta de Ellinor e acenara para lado de fora do quarto a fim de avisar à sempre atenta enfermeira Miss Monro.

— Um cavalheiro a procura.

Essas foram todas as palavras que a empregada ousou dizer tão perto do quarto. E, calma e suavemente, Miss Monro desceu as escadas até a sala de estar e lá viu Mr. Livingstone. Mas ela não o conhecia, nunca o vira antes.

— Viajei durante o dia inteiro. Soube que está doente, que está... morrendo. Poderia vê-la apenas mais uma vez? Não falarei, nem mesmo respirarei. Apenas deixe-me vê-la novamente!

— Peço desculpas, senhor, mas não sei quem o senhor é. E, caso se refira a Miss Wilkins, ela está muito enferma, mas esperamos que não esteja morrendo. Está muito doente, é verdade, ou melhor, em estado grave, mas agora está dormindo graças a um sonífero e de fato começamos a acreditar que…

Mas neste exato momento a mão de Miss Monro foi acolhida e, para sua infinita surpresa, foi beijada antes que pudesse se lembrar de quão impróprio tal comportamento era.

— Que Deus a ouça, senhorita. Mas se dorme, será que posso vê-la? Não lhe fará mal algum, pois a tratarei como se pisasse em ovos. E vim de tão longe… se pudesse somente ver seu lindo rosto. Por favor, senhorita, deixe-me dar apenas uma olhada. Não pedirei por mais nada.

Entretanto, pediu mais depois que seu desejo foi atendido. Subiu com cuidado as escadas seguindo Miss Monro, que tinha um olhar de reprovação e, mesmo que um rouxinol trinasse ou uma coruja piasse nas árvores lá fora, parou para dizer o seguinte, ao passar pela porta de Mr. Wilkins:

— Este é o quarto do pai. Não dorme há seis noites. Por favor, não faça qualquer barulho que possa acordá-lo.

E pela profunda quietude do quarto mudo, iluminado transversalmente por um raio de luz de um lampião escondido, como um vigia, respirando lentamente, ficou sentado ao lado da cama. E ali os cabelos escuros de Ellinor conservavam-se imóveis sobre o travesseiro branco, assim como seu rosto, e paralisado assim como seu corpo. Seria possível ouvir um alfinete cair no chão. Depois de alguns minutos, ele saiu. Miss Monro, preocupada com o barulho, o seguiu de volta à sala de estar, com os passos vagarosos de tanto cuidado ao descer as escadas. Sob a luz de velas chamejando pela corrente de ar, ela viu que havia marcas cintilantes de lágrimas em sua bochecha e sentiu pena do jovem. Como disse depois, “senti muito por ele”. Mas mesmo assim o apressou, pois sabia que precisariam dela lá em cima. Ele pegou sua mão e apertou com força.

— Muito obrigado. Parecia tão mudada, ah, como se estivesse morta. Escreva-me: Herbert Livingstone, vicariato Langham, Yorkshire. Prometa-me que vai escrever. Se pudesse fazer alguma coisa por ela, mas só posso orar. Ah minha querida, minha querida! E nem tenho o direito de estar com ela.

— Vá, já existe um rapaz muito bom — disse Miss Monro, pressionando-o mais para a porta da frente, porque temia que suas emoções o dominassem e pudesse torná-lo barulhento. — Sim, escreverei, não se preocupe! — e trancou a porta após ele sair e ficou agradecida.

Dois minutos depois, ouviu-se batidas fracas na porta. Ela abriu os ferrolhos. Lá ele estava, pálido à luz da lua.

— Por favor, não lhe conte que vim vê-la. Ela pode não gostar.

— Não, não mesmo! Pobre criatura, não está preparada para ouvir nada por enquanto. Nem mesmo o nome de Mr. Corbet.

— Mr. Corbet! — exclamou Livingstone, com a respiração pesada. Virou-se e foi embora, desta vez para sempre.

Mas Ellinor melhorou. Sabia que estava se recuperando, quando dia após dia sentiu involuntariamente a força e o apetite retornarem. Seu corpo parecia mais forte que sua vontade, pois esta a levaria se arrastando à cova, para assim fechar os olhos para sempre deste mundo tão cheio de mazelas.

Na maior parte do tempo, ficava de olhos fechados, muito calma e quieta, mas pensava com a intensidade de quem procura pela paz perdida e não

consegue achar. Começou a perceber que, se no impulso louco daquele pesadelo horrível, eles tivessem ficado mais fortes e ousassem a ser francos e abertos, confessando um grande mal-entendido, um grande desastre, um grande infortúnio – que, em primeiro lugar, dificilmente seria um crime –, o futuro, embora triste e pesaroso, teria sido simples e honesto. Mas não era seu papel desfazer o que foi feito e revelar o erro e a vergonha de um pai. Somente ela, voltando-se mais uma vez a Deus, nas vigílias solenes e silenciosas da madrugada, fez uma promessa de que em sua conduta, em sua vida pessoal, agiria leal e honestamente. E quanto ao porvir, com todos os seus terríveis acasos, ela o deixaria em Suas mãos, se, de fato, (e aqui veio o Tentador), Ele cuidasse daqueles cuja vida de agora em diante seria baseada numa mentira. Sua única justificativa, oferecida "de longe", era: "A mentira foi dita, feita e consumada, não por minha causa. Seria possível que a devoção filial tivesse que ser suplantada pelo direito à justiça e à verdade a ponto de me fazer revelar a culpa do meu pai?"

O castigo severo e violento do pai teve início. Sabia porque ela sofria, o que deixava sua força juvenil vacilar e estremecer, o que fazia sua vida parecer próxima do fim fatal. Mesmo assim ele não poderia levar seu pesar e preocupação de maneira natural. Foi obrigado a pensar em como seria interpretada cada palavra e ação. Imaginava que as pessoas o observavam com olhares suspeitos, quando nada poderia estar mais distante dos pensamentos alheios. Pois uma vez que o "público" de qualquer lugar é exposto a uma ideia, fica ainda mais difícil desalojá-la. Caso Mr. Wilkins fosse para a praça de Hamley e se autoproclamasse culpado do assassinato de Mr. Dunster – e se ainda tivesse detalhado todas as circunstâncias – o povo exclamaria: "Coitado, ficou louco ao descobrir que o homem em quem tanto confiara não valia um centavo, e não é de se admirar – tal era a coisa a ser feita – que tenha defraudado seu sócio a tal ponto e ainda tenha fugido para a América!"

Como as muitas circunstâncias pequenas, as quais não paro para detalhar, não foram suficientes para provar, como sabemos, essa suposição sem fundamento, Mr. Wilkins, conhecido de todos os moradores de Hamley por sua bela meninice e por uma vida adulta agradável até o presente momento, era objeto de empatia e respeito para todos que o viam, ao ficar velho, solitário e cansado antes do tempo, tudo por causa da conduta malévola de um sujeitinho criado em Londres, que não passava de um estranho desagradável e repugnante na concepção popular daquele vilarejo do interior.

Os próprios criados de Mr. Wilkins gostavam dele. Compreendiam as consequências de suas tentações. Se tinha sido temperamental, também fora generoso, ou melhor, devo dizer, imprudente e pródigo com seu dinheiro. E agora que foi iludido e depauperado pela delinquência de seu sócio, pensavam, se entrega à bebida nas noites solitárias que passa em casa. Não que faltassem convites. Todo mundo veio testemunhar seu respeito ao convidá-lo para suas casas. É provável que nunca tenha sido tão universalmente popular desde a morte de seu pai. Mas, como dizia, não se importava em frequentar a sociedade com a filha tão doente – não tinha ânimo para companhia.

Mas se alguém observasse atentamente sua conduta em casa, concluiria que, preocupado como estava com Ellinor, ele preferia evitar a buscar sua presença, agora que sua consciência e memória tinham sido restauradas. Nem ela perguntava por ele ou desejava estar com ele. A presença de um era um fardo para o outro. Ah, triste e miserável noite de maio, obscurecendo os próximos meses de verão com trevas e amargura!

CAPÍTULO VIII

A juventude, porém, prevaleceu sobre tudo. Ellinor ficou bem, mesmo quando teria morrido de bom grado. E veio a tarde em que saiu do quarto. Miss Monro teria feito feliz um festival por sua recuperação e a conduziria até a sala de estar desocupada. Mas Ellinor implorou para ser levada à sala de aula da biblioteca. Qualquer lugar (pensou ela) de onde não se olhasse para o jardim, que sentia em toda a sua doença como uma pressão medonha a despontar só de ver aquelas janelas, através das quais o sol da manhã brilhava até sua cama – como um anjo acusador trazendo à luz a tudo o que está oculto.

E quando Ellinor estava mais calma, quando a cadeira de rodas da cidade de Bath foi gentilmente enviada para seu uso por alguma empregada anciã gentil de Hamley, ela ainda pedia que esta ficasse na clareira ou no lado da casa que dava para a vila, longe do jardim.

Certo dia, ela quase gritou quando, ao ir até a porta da frente, viu Dixon pronto para levá-la, em vez de Fletcher, o criado que costumava fazer isso. Mas conteve suas emoções, embora tenha sido a primeira vez que o via desde que os três deram o máximo de si em um trabalho físico intenso.

E aparentava estar tão austero e mórbido! Rabugento, também, de um modo nunca visto antes.

Tão logo ficaram fora de vista imediata das janelas, ela pediu-lhe que parasse, forçando-se a falar com ele.

— Dixon, você está com uma péssima aparência — disse ela, tremendo ao falar.

— Ahh. Não pensamos duas vezes, não foi, Miss Nelly? Mas isso ainda nos levará à morte, eu acho. Envelheci bastante. Todos os meus cinquenta anos antes não passaram de brincadeira de criança se comparados àquela noite. O patrão

também. Eu poderia suportar bastante, mas o patrão anda pela estrebaria e passa por mim sem ao menos uma palavra, como se eu fosse venenoso ou uma doninha fedorenta. É isso que é pior, Miss Nelly, é isso.

E o coitado enxugou algumas lágrimas dos olhos com as costas das mãos ressecadas e cheias de rugas. Influenciada, Ellinor chorou copiosamente, soluçando como um bebê, mesmo enquanto suportava ele apertar suas delicadas mãos brancas. Ao notar sua emoção, arrependeu-se do que havia dito.

— Não, não agora — foi tudo o que conseguiu dizer.

— Dixon — disse ela a certa altura. — Você não deve se preocupar. Tente não se preocupar. Entendo que ele não goste de ser lembrado disso, mesmo ao me ver. Ele nunca fica sozinho comigo. Pobre Dixon, isso também arruinou a minha vida, pois não acho que ele ainda me ame.

Soluçava como se seu coração fosse partir e agora era a vez de Dixon confortá-la.

— Ah, querida, meu amor, ele te ama acima de todas as coisas. É só que não consegue suportar a nossa presença, não é natural. E se não quer ficar a sós contigo, sempre há quem queira e isso é um conforto nos dias maus. E não se aflija com o que eu disse antes. Fiquei confuso porque o patrão só fazia me evitar do seu caminho hoje de manhã, sem nem dizer uma palavra. Mas fui um velho tolo em te contar isso. E já esqueci por que pedi a Fletcher para passear contigo hoje. O jardineiro já deve estar se perguntando por que você não foi ver as plantas anuais e as folhagens como sempre faz em maio. E só pensei em bater um papo contigo, e então, se deixar, iríamos juntos até o jardim de flores, só para dizer que você esteve lá, sabe, saudar os velhos companheiros. É só olhar as folhagens, minha linda, e uma hora isso deve ser feito. Então venha comigo!

Ele começou a empurrar a cadeira de forma resoluta em direção ao jardim de flores. Ellinor mordeu os lábios para abafar o choro de repugnância que irrompeu. Ao parar para destrancar a porta, ele disse:

— Não é insensibilidade, nada assim. Esperei até que estivesse melhor, mas se começamos, temos que ir até o fim, e o povo pode falar. Bendito seja seu coraçãozinho corajoso, que vai suportar um bocado por causa de seu pai. E eu também, embora ainda me sinta um pouco fora disso. Quando ele acenou como se me barrasse – e eu só ia falar com ele sobre o joelho do Clipper –, mas

confesso que sonhei durante dias com o bom-dia do patrão que nunca deixou de me dar desde garoto... Bem! Agora que viu a folhagem e pode falar que está bonita, do jeito que gosta, vamos sair novamente, respirar um ar mais puro que daquela lagoa iluminada pelo sol, com suas flores perfumadas, não tão saudáveis de se cheirar quanto o bom adubo da estrebaria.

E assim o bom homem continuou a conversar, não sem o propósito de dar a Ellinor tempo para se recuperar; e em parte para suprimir suas próprias preocupações, que lhe eram mais pesadas do que poderia proferir. Mas se achou recompensado pelo agradecimento de Ellinor e pelo caloroso aperto de sua mão áspera quando ela saiu na porta da frente e deu-lhe adeus.

As cartas que ela constantemente recebia de Mr. Corbet interrompiam seus dias de monotonia exaustiva. E ainda tocava na ferida. Ficou perplexo e indignado com o desaparecimento de Mr. Dunster, ou melhor, a fuga para a América. E agora que ela estava ficando mais forte, não hesitava em expressar certa curiosidade a respeito dos detalhes, sem duvidar de que ela estava perfeitamente ciente de tudo o que ele queria saber, embora questionasse com toda a delicadeza até a questão que era a mais importante a seus olhos, isto é, até que ponto isso afetou os prospectos materiais de Mr. Wilkins; pois a versão que prevalecia em Hamley e chegou até Londres é de que Mr. Dunster tinha fugido ou sequestrado bens de extensão considerável, pelos quais Mr. Wilkins seria, é claro, responsável.

Era difícil para Ralph Corbet deixar de buscar informação direta sobre esse assunto com Mr. Ness ou, de fato, com o próprio Mr. Wilkins. Mas ele se dominava, sabendo que em agosto poderia fazer todas as suas perguntas em pessoa. Esperava se casar com Ellinor antes do final do longo verão. Era o momento planejado pelos dois quando se encontraram no início da primavera, antes da doença e do infortúnio. Contudo, agora, como escreveu ao pai, nada poderia ser arranjado em definitivo até que voltasse a Hamley para ver como andavam as coisas.

Conforme previsto, em um sábado de agosto, ele veio a Ford Bank, desta vez como visitante à casa de Ellinor, em vez de ficar no cômodo velho na casa de Mr. Ness.

A casa estava quieta como se dormisse no calor intenso do sol vespertino assim que Mr. Corbert chegou de carruagem. As persianas abaixadas, a porta da

frente escancarada, extensas camadas de heliotrópios, rosas e gerânios ficavam exatamente à sombra do saguão. Mas, por todo o silêncio, sua chegada pareceu não causar comoção. Achou estranho o desleixo e o fato de que Ellinor não veio correndo ao seu encontro. Deixou que Fletcher viesse, cuidasse de sua bagagem e o acompanhasse até a biblioteca como qualquer outro visitante matinal. Entesou-se por um momento com uma frieza furiosa. Mas desapareceu no momento em que, ao abrir da porta, viu Ellinor em pé atrás da mesa, fitando-o ansiosa e arquejante. Não pensou em nada senão na fraqueza evidente, a aparência mudada, para a qual, mesmo sabendo de sua enfermidade, não estava preparado. Pois estava branca como morta, os lábios também; e os olhos escuros pareciam maiores artificialmente, com as cavidades nos quais se encaixavam estranhamente ocas e profundas. O cabelo também fora cortado de maneira cuidadosa; geralmente não usava touca, mas com o intento de parecer mais bonita aos olhos de Ralph, pôs uma naquele dia e o resultado a fez parecer ter 40 anos. Mas um minuto após ele se aproximar, sua face pálida foi inundada de rubor e seus olhos, de lágrimas. Evitou com esforço um ataque histérico, mas sabia instintivamente como ele odiaria a cena, então se controlou a tempo.

— Oh! — murmurou ela —, estou tão feliz em vê-lo, que alívio, que prazer infinito. — E assim continuou, arrulhando as palavras, e acariciando o cabelo dele com os dedos finos enquanto ele tentava desviar os olhos. Estava com muito medo de transparecer o quanto a achava mudada.

Mas quando ela desceu, vestida para o jantar, esse senso de mudança foi amenizado para ele. Seu cabelo curto e castanho possuía uma pequena onda e estava ornamentado com um laço preto. Vestia um longo xale preto de renda – que havia sido de sua mãe – sobre um vestido de musselina delicadamente colorido; seu rosto levemente róseo, com um tom de rosa selvagem; os lábios ainda pálidos e trêmulos com movimentos involuntários, é verdade. E conforme ficaram juntos, de mãos dadas, em frente à janela, ele notou que ela apresentava uma pequena contração compulsiva a cada barulho, mesmo quando parecia contemplar tranquila o declive longo e plano da relva cortada recentemente e que se estendia até o riacho, que fluía gentilmente sobre as pedras em seu curso para o vilarejo de Hamley.

Ele sentiu uma contração mais forte que antes, mesmo seu ouvido, menos delicado que o dela, não tendo distinguido nenhum som em particular. Mais ou menos dois minutos após Mr. Wilkins entrar na sala. Aproximou-se de Mr. Corbet com um “bem-vindo” caloroso, em parte real, em parte fingido.

Conversou bastante com ele, prestando pouco ou nenhuma atenção em Ellinor, largada ao fundo e sentada no sofá ao lado de Miss Monro; pois neste dia todos iriam jantar juntos. Ralph Corbet achou Mr. Wilkins envelhecido, mas com razão, após todas as preocupações de vários tipos: a fuga de Mr. Dunster e os desfalques relatados, a doença de Ellinor, de cuja seriedade seu amado agora estava convencido em virtude de sua aparência.

Ele até gostaria de ter falado mais com ela durante o jantar que se seguiu, mas Mr. Wilkins absorveu toda a sua atenção, falando e questionando sobre assuntos que deixavam as mulheres de fora quase sempre. Mr. Corbet reconheceu o fino tino do anfitrião, mesmo quando sua persistência em falar o irritava. Tinha quase certeza de que Mr. Wilkins cismou em poupar sua filha de qualquer esforço além daquele – do qual, de fato, ela parecia ter o mesmo medo – de sentar na cabeceira da mesa. E quanto mais o pai abria a boca – como bem observou Mr. Corbet – mais quieta e deprimida Ellinor afigurava-se. Contudo, em um dado momento, compreendeu a relação inversa do divertimento ao perceber quão rápido fora Mr. Wilkins em encher novamente sua taça. E aqui, de novo, Mr. Corbet tirou suas conclusões, a partir da forma silenciosa com que, sem qualquer palavra ou sinal do patrão, Fletcher dava-lhe mais e mais vinho, que era sorvido tudo de uma vez.

Seis taças de xerez antes da sobremesa, pensou Mr. Corbet consigo. *Péssimo hábito. É por isso que Ellinor está tão séria.* E quando os cavalheiros ficaram a sós, Mr. Wilkins serviu-se com ainda mais liberdade, pelo menos sem o menor dos efeitos na clareza e no brilhantismo de seu colóquio. Sempre falou bem e de forma genuína, isso Ralph sabia, e neste poder ele agora reconhecia a tentação ao qual temia que seu futuro sogro tivesse sucumbido. E mais, ao perceber que esse dom levou à tentação, ele cobiçava isto para si mesmo, pois sabia perfeitamente que essa fluência, essa escolha feliz de epítetos, era a única coisa em que ele falhava quando começou a desempenhar mais ativamente sua profissão. No entanto, após algum tempo ouvindo e admirando, com uma pontinha de inveja à espreita em segundo plano, Mr. Corbet percebeu a crescente confusão de ideias de Mr. Wilkins e um contentamento não muito natural. E com um súbito recuo da admiração ao asco, levantou-se para ir à biblioteca, onde Ellinor e Miss Monro estavam sentadas.

Mr. Wilkins o acompanhou, gargalhando e falando meio alto. Será que Ellinor sabia do estado do pai? Disso Mr. Corbet não tinha certeza. Ela ergueu os olhos sérios e tristes ao entrarem na sala, mas sem sensação aparente de

surpresa, irritação ou vergonha. Quando seu olhar foi ao encontro do de seu pai, Mr. Corbet notou que ele parecia ter ficado sóbrio imediatamente. Sentou-se próximo da janela aberta e não falou mais, porém suspirava pesadamente de tempo em tempo. Miss Monro pegou um livro, a fim deixar os jovens mais à vontade; e depois de uma conversada sussurrada, Ellinor subiu a fim de vestir-se para um passeio pela campina à margem do rio.

Perambulavam às vezes ao agradável crepúsculo de verão, agora descansando em alguma escarpa de cerca viva coberta de grama, ou parados, contemplando as barcaças, com suas velas carmesins flutuando pelo rio preguiçosamente, criando ondas na superfície opaca e vítrea da água. Não conversaram muito. Ellinor não parecia inclinada ao esforço; e seu amado estava pensando no comportamento de Mr. Wilkins, com certa surpresa e desgosto do seu hábito que crescia de forma tão evidente.

Retornando à casa, pareciam sérios e cansados, mas certamente não pela fadiga causada pela caminhada. E Miss Monro, esquecendo-se da canção de Autólico[13] de Shakespeare, inquietou-se sobre Ellinor, perguntando-se como ela poderia estar tão pálida se só caminhou até a campina dos freixos. Para escapar desse espanto, Ellinor foi para a cama mais cedo. Mr. Wilkins saíra, ninguém sabe para onde, e Ralph e Miss Monro ficaram a sós para um *tête-à-tête* de meia hora. Ralph achava que sabia o motivo do abatimento de Ellinor se, de fato, ela percebeu tanto quanto ele o estado do seu pai quando foram à biblioteca depois do jantar. Contudo, havia detalhes demais que o deixavam ansioso para ouvir de uma pessoa, em comparação, indiferente, e assim que possível conduziu a conversa sobre a saúde de Ellinor para perguntas acerca do caso do desaparecimento de Mr. Dunster.

Após sua aflição a respeito de Ellinor, Miss Monro gostava de especular sobre o mistério envolvendo a fuga de Mr. Dunster. Pois essa foi a palavra que empregou sem hesitar, ao dar-lhe a versão do evento universalmente recebida e acreditada pelos moradores de Hamley. Como Mr. Dunster nunca caiu nas graças de ninguém; como todos lembravam que nunca poderiam olhá-lo direto no rosto; como sempre parecia esconder algo que não desejasse ser revelado; como sacou uma grande quantia (a quantidade exata é desconhecida) do banco do condado um dia antes de partir de Hamley, sem dúvida, preparando-se para escapar; como alguém disse a Mr. Wilkins que viu um homem parecido com Dunster vagueando nos diques do Porto de Liverpool mais ou menos dois dias depois de abandonar seus aposentos, mas que esse alguém estava com pressa e não parou

para falar com o homem; como os negócios no escritório estavam em péssimo estado e, é óbvio, que Mr. Dunster havia ocultado o fato – ele em quem o pobre Mr. Wilkins confiava tanto. O dinheiro se foi, ninguém sabe como ou para onde.

— Mas ele não tem amigos que possam explicar os procedimentos e os motivos para o sumiço do dinheiro, de alguma forma? — perguntou Mr. Corbet.

— Não, nenhum. Creio que Mr. Wilkins escreveu para todos os lados e todos os cantos. Sei que recebeu uma carta do parente mais próximo de Mr. Dunster, um comerciante na capital, um primo, acho, e ele não conseguiu fornecer nenhuma informação de qualquer maneira. Ele sabia que há dez anos Mr. Dunster teve muita vontade de ir para a América e leu sobre várias viagens, tudo o que um homem faria antes de ir ao estrangeiro.

— Dez anos é um longuíssimo tempo para pensar nisso de antemão — disse Mr. Corbet, em um meio sorriso. — Demonstra vingança premeditada. — Mas depois, ficando sério, disse: — Foi embora de Hamley com dívidas?

— Não, nunca ouvi falar disso — respondeu Miss Monro, meio sem vontade, pois considerava isso como lealdade aos Wilkinses, aos quais Mr. Dunster tinha prejudicado (assim ela pensava) ao difamar seu caráter tanto quanto era consistente com qualquer nível de verdade.

— Estranho — disse Mr. Corbet, pensativo.

— Não mesmo — respondeu rapidamente. — Tenho certeza de que se tivesse visto o homem, com dois tufos de cabelo penteados em cima de sua careca, como se estivesse com vergonha, os olhos que nunca olhavam para você, e seu modo de comer com a faca quando achava que ninguém o observava, ah e muitas outras coisas!, não acharia estranho.

Mr. Corbet sorriu.

— Só quis dizer que ele parecia não ter hábitos extravagantes ou depravados que explicariam o motivo do desfalque do dinheiro que faltava. Mas, claro, dinheiro em si já é uma tentação. Só que ele, sendo sócio, estava num caminho honesto de consegui-lo sem se arriscar. Mr. Wilkins tomou as providências necessárias para prendê-lo na América? Deve ser fácil fazer isso.

— Ah, meu querido Ralph, você não conhece nosso bom Mr. Wilkins! Ele

preferiria suportar o dano, tenho certeza, e toda a confusão e a preocupação implicadas a se vingar de Mr. Dunster.

— Vingar? Que bobagem! Seria apenas justiça. Justiça a ele e aos outros, para mostrar que este tipo de vilania é punida a fim de deter outros de seguir pelo mesmo caminho. Mas não duvido que Mr. Wilkins tenha agido corretamente. Ele não é homem de ficar calado diante de tal prejuízo.

— Não, com certeza! Publicou um anúncio no *Times* e nos diários do condado oferecendo uma recompensa de vinte libras esterlinas por qualquer informação sobre ele.

— Vinte libras é tão pouco!

— Pois eu disse a mesma coisa. Comentei com Ellinor que até eu daria vinte libras esterlinas para que o prenda. Ela, coitadinha, sentiu uma tremedeira e disse: “Eu daria tudo o que tenho, daria a minha vida”. E então ela ficou tão magoada e soluçava tanto que prometi que jamais tocaria neste assunto novamente.

— Pobre criança, coitadinha! Ela quer mudança de cenário. Seus nervos foram tristemente afetados pela doença.

O dia seguinte era domingo. Ellinor iria à igreja pela primeira vez desde a doença. Seu pai decidira por ela. Do contrário, ficaria longe de bom grado – não saberia dizer o porquê, até mesmo para si, mas era como se as palavras e a presença de Deus fossem lá examiná-la e descobri-la.

Foi cedo, apoiada no braço do seu amado, e tentando esquecer o passado no presente. Caminharam devagar entre as fileiras de milhos maduros para a colheita. Mr. Corbet colheu flores azuis e vermelhas, que juntas formaram um pequeno buquê para ela. Ela pegou e o prendeu no espartilho com um sorriso débil.

Antigamente igreja de Hamley fazia parte de um colegiado e, como consequência, era muito maior e mais ampla do que a maioria das igrejas dos condados. O banco reservado à casa Ford Bank era quadrado e ficava no andar de baixo; os criados sentavam-se no banco da frente na galeria, logo antes do chefe de família. Ellinor “endurecia o coração” para não ouvir, para não escutar atentamente o que poderia tocar na ferida que estava sendo cicatrizada quando

viu o rosto de Dixon bem em cima. Parecia exausto, aborrecido e amargurado em demasia. Mas concentrava-se, olhos e ouvidos, coração e alma, para ouvir as palavras solenes vindas do púlpito, como se só elas pudessem ajudá-lo a resolver seu dilema. Ellinor sentia-se exortada e humilhada.

Estava confusa quando saíram da igreja. Desejava cumprir o seu dever, mas não sabia precisar qual era. Quem poderia lhe ajudar com conselhos sábios? Seguramente o homem a quem dedicaria sua vida, seu futuro. Mas a peripécia deverá ser relatada de maneira impessoal. Ninguém, nem mesmo seu marido jamais deve saber por ela nada a respeito de seu pai. Inexperiente, Ellinor não tinha a menor noção sobre como algumas pessoas poderiam descortinar motivos e combinar frases desconexas. Começou a falar com Ralph enquanto caminhavam vagarosamente de volta para casa pela campina silenciosa:

— Imagine, Ralph, que uma garota está noiva…

— Imagino fácil, com você ao meu lado — interrompeu ele.

— Ah, mas não falo de mim mesma — respondeu ela, ruborizando. — Estou apenas pensando no que poderia acontecer. Imagine que esta garota soubesse que alguém da sua família, vamos ver, um irmão, tivesse feito algo errado, que traria escândalo sobre toda a família se fosse descoberto, embora, de fato, possa não ter sido tão errado quanto pareceu ou pareceria aos olhos do mundo… ela deveria terminar seu noivado por medo de envolver seu noivo no escândalo?

— Claro que não, não sem lhe contar o motivo.

— Ah, mas imagine que não possa. Ela não possui a liberdade de fazer isso.

— Não posso responder sobre casos hipotéticos. Preciso de fatos, se existirem, mais evidentes antes de dar minha opinião. De quem está falando, Ellinor? — perguntou-lhe, abruptamente.

— Ah, de ninguém — respondeu como num susto. — Por que estaria pensando em alguém? Quase sempre planejo o que eu faria, ou deveria fazer, se tal coisa acontecesse, assim como você lembra que costumo imaginar se eu teria presença de espírito em caso de incêndio.

— Então, no final das contas, é você a garota que está noiva e quem tem o irmão imaginário que cai no escândalo?

— Sim, acho que sim — disse ela, um pouco irritada por revelar interesse pessoal no caso.

Ele ficou em silêncio, refletindo.

— Não há nada errado com isso, não é? — perguntou, tímida.

— Acho melhor contar-me tudo o que pretende — respondeu ele, de forma gentil. — Alguma coisa aconteceu para fazer brotar essas perguntas. Você está se colocando no lugar de outra pessoa com quem tem se encontrado ultimamente? Sei que costumava fazer isso antes, quando era uma menininha.

— Não, foi uma pergunta boba, e não deveria ter dito nada sobre isso. Veja! Mr. Ness está nos alcançando.

O clérigo juntou-se a eles no calçadão que se alongava à margem do rio e a conversa evoluiu para assuntos gerais. Foi um alívio para Ellinor, que não concluiu seu final, mas que foi longe demais em revelar seu próprio interesse ao formular a pergunta. Ralph ficou mais surpreso pelo seu modo de falar do que pelas suas palavras. Estava certo de que algo ficara oculto, e tinha uma vaga ideia de que era relacionado com o desaparecimento de Mr. Dunster. Mas ficou feliz por Mr. Ness ter chegado. Deu tempo para refletir um pouco.

Ralph resolveu, por fim, que no dia seguinte, segunda-feira, iria à vila e habilmente aprenderia todo o possível sobre o caráter de Mr. Dunster e seu modo de viver. E, com ainda mais destreza, extraiu a opinião popular a respeito da natureza nebulosa dos assuntos de Mr. Wilkins, nebulosidade que era atribuída, em geral, ao desaparecimento de Dunster com uma vasta quantia que pertencia à firma cuja posse estava em suas mãos.

Contudo, Mr. Corbet pensava de forma diferente. Acostumara-se a investigar as razões básicas para a conduta dos homens e chamar o resultado dessas pesquisas de sabedoria. Supôs que Dunster recebeu uma boa soma de Mr. Wilkins para sumir do mapa, o que seria uma forma fácil de responsabilizar a loucura das contas e o prejuízo resultante, na verdade, dos hábitos extravagantes e da crescente intemperança de Mr. Wilkins.

Na segunda-feira à tarde, ele disse a Ellinor:

— Ontem Mr. Ness interrompeu uma conversa nossa muito interessante.

Você se lembra, meu amor?

Ellinor enrubesceu e manteve a cabeça ainda mais atenta, inclinada sobre um desenho que estava fazendo.

— Sim, recordo-me.

— Estive pensando. Ainda acho que ela deveria contar ao seu noivo que há um escândalo a rondar sobre ele… quero dizer, sobre a família com a qual fará vínculos. Claro, o único efeito que isso pode causar é defendê-la ainda mais por sua sinceridade.

— Ah, Ralph, mas seria algo que ela não deveria contar, o que quer que saia do seu silêncio.

— Claro, pode haver vários casos. A menos que saiba mais, não posso simular um julgamento.

A frase foi dita mais friamente. Teve o efeito desejado. Ellinor largou o pincel e cobriu o rosto com as mãos. Depois de uma pausa, voltou-se para ele e disse:

— Contar-lhe-ei isto e não me pergunte mais. Sei que é confiável. Sou a garota, você é o noivo, e a possível vergonha ronda meu pai. Se alguma coisa, oh, tão terrível — ficou pálida —, mas que não foi muito sua culpa, for descoberta...

Apesar de não ser nada além do esperado, apesar de Ralph achar que sabia o que a coisa tão terrível pudesse ser, ainda assim, ao reconhecê-la em palavras, seu coração apertou-se e por um momento ele se esqueceu do belo rosto atento e ávido que tremia perto dele a fim de ler sua expressão corretamente. Mas logo sua presença de espírito veio acudi-lo. Abraçou-a e a beijou, sussurrando palavras doces de compaixão e promessas de lealdade, imagina, e até amor maior que antes, já que necessitava ainda mais desse amor. Contudo, ficou aliviado quando a campainha tocou avisando que o jantar estava pronto. E na solidão do seu próprio quarto, ele pôde refletir sobre o que ouviu. A confissão foi um grande choque para ele, embora achasse que a pesquisa pela manhã o tivesse preparado para isso.

CAPÍTULO IX

Ralph Corbet achou muito difícil reprimir sua curiosidade nos dias seguintes. Era uma amargura ter o segredo de Ellinor a rondá-los como um fantasma. No entanto, dera sua palavra de que não lhe faria mais indagações. Achava que poderia deveras reconstituir os acontecimentos passados, embora ainda houvesse muitas conjecturas em seu pensamento que não o permitiam concentrar-se na questão. Sentiu-se inclinado a sondar Mr. Wilkins na conversa após o jantar, no qual o anfitrião era franco e negligente em muitos aspectos. Mas bastou uma menção ao nome de Dunster para que Mr. Wilkins mergulhasse em um tipo de depressão suspeita, falando pouco e com evidente cautela e, de quando em quando, lançando olhares furtivos ao seu interlocutor.

Ellinor estava decididamente inacessível a qualquer tentativa de trazer novamente à tona esta conversa que cada vez mais absorvia a mente de Ralph Corbet. Ela cumpriu com seu dever, assim o entendia, e recebeu garantias nas quais acreditava piamente de todo o coração. O que quer que acontecesse, ainda o amaria. Nem ele sabia o que poderia acontecer num futuro sombrio. Então ela fechou os olhos para o porvir (e, no final das contas, o acaso estava a seu favor) e decidiu aproveitar o hoje com todas as suas forças.

A cada dia o ânimo de Mr. Corbet esmorecia. O teor de sua conversa era, em geral, tão uniforme – nunca muito alegre e sempre a evitar qualquer assunto que pudesse provocar reações adversas nele ou em qualquer um – que poucas pessoas notaram sua mudança de humor. Ellinor percebeu, embora não admitisse. Causava-lhe um enfrentamento com o maior terror da sua vida.

Certa manhã, ele anunciou que o casamento de seu irmão se aproximava. O casamento foi apressado em virtude de um evento iminente na família do duque e a carta que recebera naquele dia convidava-o a estar no castelo de Stokely e também lhe solicitava permanecer em casa em determinada hora não muito distante, a fim de examinar os documentos legais necessários e dar seu aval em alguns deles. Deu vários motivos sobre sua partida inesperada ser absolutamente

necessária, mas ninguém duvidou. Não precisava alegar tantas justificativas repetidas vezes. A verdade era que se sentia reprimido e desconfortável em Ford Bank desde a confissão de Ellinor. Não conseguia avaliar o melhor caminho acerca de seus interesses enquanto seu amor pela menina se renovava constantemente com sua doce presença. Longe dela, poderia tomar decisões mais sábias. Tampouco alegou razões falsas para sua partida, mas voltar para casa foi um alívio tão grande que teve medo de que outros notassem. E então seguiu o rumo no qual, se alguém pudesse perscrutar sua mente, trairia a si mesmo.

Mr. Wilkins também começou a se sentir coibido com a presença de Ralph e seu ar sério e alerta. Ellinor não estava forte o suficiente para se casar, nem havia promessa de fortuna vindoura, caso o contrário. Além do mais, ter um rapaz vadiando pela casa o dia inteiro, saracoteando pelo jardim de flores, examinando cada canto e tendo uma espécie de direito de impor todo o tipo de pergunta inesperada não era nada agradável. Apenas Ellinor se apegou a sua presença, como se alguma sombra do que poderia acontecer antes que se encontrassem novamente cobrisse seu espírito. Assim que deixou a casa, ela correu para uma janela de um quarto de hóspedes com o propósito de vislumbrar pela última vez a carruagem que o levava para a vila. E, em seguida, beijou a parte da vidraça através da qual a figura do rapaz apareceu por último, dando adeus com as mãos fora da janela do veículo. E desceu vagarosamente para juntar todas as coisas em que ele tocara por último – a caneta que consertara, a flor com que brincara – e os trancou em um pequeno e distinto baú de madeira onde guardava seus tesouros desde criança.

Miss Monro foi, talvez, muito sábia em propor a tradução de um trecho complexo de Dante como forma de distrair Ellinor. A moça encarou a tarefa proposta por sua boa governanta humildemente, se não com relutância, e a certa altura sua mente ficou focada naquele afazer.

A família de Ralph não demorou muito a descobrir que sua visita a Ford Bank não transcorreu normalmente. Conheciam, pela intuição familiar, sua índole e temperamento e poderiam facilmente ter certeza até então. Entretanto, nem mesmo os ardis mais engenhosos da mãe, nem a bajulice da irmã favorita conseguiram obter uma palavra ou uma pista. E quando seu pai, o escudeiro, ouvira a opinião das mulheres da família, iniciou, com certa bazófia que lhe é peculiar, seu *tête-à-tête* após o jantar na esperança de que Ralph estivesse refletindo melhor antes de cair na armadilha do advogado abominável de Hamley. Ralph, sério, pediu-lhe explicações, pois não entendera uma só palavra.

E, então, o escudeiro, muito perplexo, esclareceu que esperava que seu filho rompesse o noivado com Miss Wilkins, mas Ralph indagou se estava ciente de que, neste caso, ele perderia todo o título de ser homem de honra e poderia ter um processo contra ele por quebrar uma promessa.

Mas a ideia estava não por último em sua mente como uma possibilidade futura.

Dentro de pouco tempo, a família Corbet foi em massa para o castelo de Stokely para o casamento. Claro, Ralph associava-se em termos iguais aos magnatas do condado, os empregadores do pai de Ellinor, e sempre se referia a ele como “Wilkins”, assim como ao mordomo, “Simmons”. Naquele ambiente, também, entre uma classe de homens acima da fofoca local e, em consequência, sem saber do seu noivado, ele ouviu a opinião popular a respeito de seu futuro sogro. Uma opinião não inteiramente respeitosa, porém mesclada com uma boa dose de gosto pessoal.

— Pobre Wilkins — assim o chamavam —, era um infeliz, perdulário demais para sua posição. Não tinha o menor direito de gastar dinheiro e agia como se fosse homem de fortuna independente.

Criticaram seus hábitos e pena, não livre de culpa, foi conferida a ele pelos prejuízos que admitiu em virtude do posterior desaparecimento de seu funcionário e a subtração de dinheiro. Mas o que se poderia esperar de um homem que preferia não ir a seu próprio negócio?

A cerimônia de casamento transcorreu como todas as cerimônias majestosas, sem obstáculo ou impedimento, segundo a norma padrão. Um ministro de gabinete honrou o casamento com sua presença e, sendo um parente distante dos Brabants, permaneceu por alguns dias após a grande ocasião. Durante esse tempo, ficou íntimo de Ralph Corbet. Tinham muitos gostos em comum. Ralph demonstrou grande interesse em debater questões políticas, o equilíbrio e a condição dos partidos, e estimava exatamente as mesmas qualidades das quais o ministro vangloriava-se. Em troca, o último sempre estava à procura de jovens promissores, que, seja pela capacidade de discursar ou escrever artigos, pudessem fazer avançar as ideias de seu partido. Ao reconhecer as aptidões que mais prezava em Ralph, não poupou esforços para agregá-lo ao seu próprio círculo partidário. Quando se separaram, foi com o pleno entendimento de que ainda se veriam bastante em Londres.

As férias que Ralph se permitiu tirar estavam passando rapidamente, mas antes de retornar ao trabalho duro no escritório, prometeu passar mais alguns dias com Ellinor. E era caminho ir direto da casa do duque até Ford Bank. Deixou o castelo logo após o desjejum luxuoso e elegante, servido por empregados que cumpriam suas obrigações com esmero e perfeição próprios de máquinas. Chegou a Ford Bank antes de o criado ter terminado a parte mais suja do trabalho matinal e aproximou-se da porta de vidro com seu casaco de algodão listrado um pouco manchado arregaçando seu mandil. Ellinor não estava forte o suficiente para levantar e recolher novas flores para os cômodos – as de ontem já estavam murchas. Em resumo, o contraste com a outra arrumação perfeita e de um frescor admirável abateu impetuosamente sobre as percepções de Ralph, que eram mais críticas que compreensivas. E como seu amor sempre foi submetido ao seu intelecto, o rosto adorável de Ellinor e sua figura graciosa correndo ao seu encontro não recebeu sua aprovação, porque seu cabelo estava com um penteado cafona, seu corpete estava muito longo ou muito curto, as mangas largas ou apertadas demais para o padrão de moda ao qual seus olhos tinham sidos acostumados ao esquadrinhar as damas de honra e as várias mulheres de alta estirpe no castelo de Stokely.

Contudo, apesar de sempre se vangloriar de conseguir discernir toda a superficialidade mundana em sua busca pelo poder, não deixou de ver e perceber a imperfeição da modéstia. Só que pensar em um casamento modesto estava se tornando para ele, aos poucos, algo repugnante.

Nem o relacionamento subsequente com Lord Bolton, o ministro de gabinete mencionado anteriormente, o inclinou a se reconciliar com a ideia de se casar tão cedo. Na casa de Lord Bolton ele conheceu a sociedade refinada e intelectual. E toda aquela lisura em servir aos mais pobres, dar-lhes de comer e beber, que pregava que a coisa certa deveria sempre estar no lugar certo na hora certa, não deveria de forma alguma impedir por um instante o banquete da inteligência ou da razão. Por outro lado, se fosse às casas de seus amigos, homens da mesma faculdade e da mesma posição que ele seduzidos a se casarem cedo, sabia, de forma desconfortável, das inúmeras inconsistências e embaraços em suas famílias. Ademais, a ideia de um possível escândalo a recair sobre a família com a qual pretendia se unir assombrava-o com a tenacidade e também o exagero de um pesadelo, sempre que se esfalfava na busca pelo conhecimento disponível e vantajoso, ou quando tinha um ataque de indigestão após os jantares primorosos que estava aprendendo tão bem a apreciar.

O Natal era, claro, para ser dedicado à família. Uma necessidade irrevogável, como disse a Ellinor, enquanto, na verdade, começava a encarar a ausência de sua noiva com certo alívio. Mesmo assim, as contendas e disparates da sua casa, mesmo coroadas com a presença de Lady Maria, fizeram-no almejar pela Páscoa em Ford Bank, com aquela antiga alegria.

Ellinor, com o fino tato propiciado pelo amor, tinha descoberto a irritação do seu amado nas várias e pequenas impropriedades com a família à época de sua segunda visita no outono anterior, e se empenhou em tornar tudo tão perfeito quanto possível antes que retornasse. Mas ela passava maus bocados. Pela primeira vez na vida havia uma grande escassez de dinheiro. Mal podia manter os salários dos empregados, e a conta das plantações da primavera era um peso em sua consciência. Pois os hábitos metódicos de Miss Monro ensinaram-lhe um grande esmero ao lidar com dinheiro.

Na ocasião, o temperamento de seu pai tornou-se bastante incerto. Evitava ficar a sós com ela sempre que possível e saber disso, além do segredo mútuo terrível – causa do estranhamento – era a razão pela qual Ellinor nunca recuperou sua exuberância juvenil após a doença. Claro que foi a doença a que o mundo exterior atribuía sua aparência mudada. Lamentavam com as cabeças e diziam:

— Ah, pobre Miss Wilkins! Que criaturinha adorável ela era antes daquela febre!

Mas a juventude é a juventude e se fará valer com certa adaptabilidade de corpo e mente. Assim, às vezes, Ellinor esquecia aquela noite medonha por algumas horas seguidas. Embora o olhar desviado do pai trouxesse tudo à tona, a menina aprendeu a formular desculpas e dissimulações, vendo a morte de Mr. Dunster como apenas a consequência inevitável de um acidente infeliz. Mas tentou afastar a memória nefasta da mente. Continuava vivendo um dia após o outro, preocupando-se apenas em causar o mínimo de irritação ao pai. Conversaria sobre o assunto que maculou a relação entres os dois. Imaginava que, desabafando, seria capaz de afugentar o fantasma ou reduzir seu terror com as devidas proporções. Assim acreditava. Mas seu pai estava determinado, era evidente, a mostrar que nunca falaria sobre o assunto e tudo o que ela podia fazer era seguir seu comando nas raras ocasiões em que ambos sentiam algo parecido com a antiga relação de confiança. No entanto, ele nunca se deixou dominar pela raiva. Mas diante dela, Mr. Wilkins com frequência falava de um jeito que lhe

causava tanto mágoa quanto pavor. Às vezes, seus olhos coléricos encontravam os dela assustados e amargurados. E então parava, com um esforço tremendo para se controlar, o que, por vezes, terminava em lágrimas.

Ellinor não compreendia que ambas as fases estavam rendendo-lhe o hábito crescente de beber mais do que devia. Considerou-os como efeitos diretos de uma consciência extremamente sobrecarregada e esforçou-se cada vez mais em planejar suas tarefas caseiras diárias, como fazer para facilitar as coisas, sem ousar qualquer passo mais repentino. Por isso, sua aparência era aflita, sisuda e envelhecida.

Miss Monro era seu grande conforto. O desconhecimento total da participação daquela dama em qualquer coisa além da superfície e ainda a averiguação completa e delicada de todos os afazeres diários fizeram com que Ellinor valorizasse ainda mais sua companhia. E não havia motivo a temer de que algum dia Miss Monro obtivesse o poder de enxergar a fundo, característica de pessoas com imaginação quando profundamente apegadas a alguém que sofre.

Havia um poderoso vínculo entre Ellinor e Dixon, apesar de quase nunca trocarem uma palavra senão sobre assuntos triviais, mas o silêncio entre eles provinha de sentimentos diversos dos que separavam Ellinor do pai.

Ellinor e Dixon poderiam falar abertamente, porque seus corações transbordavam de compaixão pelo homem defectível que ambos amavam tanto e se esforçavam em respeitar.

Assim era o estado da casa que Ralph Corbet encontrou na Páscoa. A essa altura, já devia ser conhecida em Londres sua fama de comensal brilhante, embora não tivesse recursos para desperdiçar sua vida em pompas. Calculou suas forças, concentrou seu poder ao máximo possível, limitando-se a visitar lugares onde seria mais provável conhecer pessoas que pudessem ajudar em sua carreira futura. Tinha sido convidado a passar o feriado de Páscoa em uma casa no campo que estaria repleta desses homens trampolins, mas recusou a fim de manter sua promessa a Ellinor e ir a Ford Bank. Mas não conseguia evitar enxergar a si mesmo como um mártir e talvez a visão dos próprios méritos o enfurecesse diante das maneiras irritadiças de seu futuro sogro, que se faziam evidentes até para ele. Viu-se, de maneira perspicaz, arrependido de ter se comprometido tão cedo na vida. E ao tomar conhecimento da tentação e não a

ter repelido de uma vez por todas, claro que ela voltou e voltou e gradualmente se apoderou dele.

Que proveito teria manter o noivado com Ellinor? Teria uma esposa frágil para cuidar, além das despesas comuns da vida matrimonial. Um sogro cujo caráter, na melhor das hipóteses, era respeitado apenas localmente e até isso estava se perdendo dia após dia em razão de hábitos sensuais e vulgares; um homem, também, que transitava de forma esquisita da viva jovialidade ao enfado mal-humorado. Ademais, duvidava se, no caso de evidente variação na prosperidade da família, a fortuna a ser paga na ocasião do casamento com Ellinor seria acessível. Sobretudo, e ao redor de tudo, pairava a sombra de uma desgraça não revelada, que poderia vir à tona a qualquer momento e emaranhá-lo. Achava que averiguara bem a natureza dessa possível vergonha e pouco duvidava de que o desaparecimento de Dunster, para a América ou outro lugar, acabaria sendo um plano pré-concebido por Mr. Wilkins. Embora Mr. Ralph Corbet suspeitasse da participação dele neste crime cruel (até agora removido da atitude impulsivo do pecado anterior, que o arrastava cada vez mais para o fundo do poço dia a dia), era um tipo de crime peculiarmente ofensivo para um arguto advogado, que previu como tal conduta elementar macularia a todos cujos nomes fossem mencionados, mesmo por acaso, como tendo relação com o fato.

Costumava debater-se na cama sem sono, remoendo essas coisas durante o período noturno. Atormentado por tais pensamentos, chegou a se arrepender amargamente do passado que o levou a conhecer Ellinor, desde o primeiro dia em que veio estudar com Mr. Ness até o presente. Mas ao descer pela manhã e ver a pálida Ellinor reluzir com sua beleza momentânea em reação à sua entrada na sala de jantar, e ainda quando corou ao se aproximar com uma flor colhida naquele mesmo dia – pois seu costume era colocá-la na lapela de Ralph quando descia para o desjejum – , sentiu-se como se seu lado bom fosse mais forte que a tentação, e como se fosse seu dever ser um homem honesto e um noivo honrado, mesmo contra sua vontade.

Conforme o decorrer do dia, a tentação se fortalecia. Mr. Wilkins desceu e, enquanto estava no ambiente, Ellinor sempre parecia absorvida pelo pai, que não se importava muito em receber sua atenção. Em seguida, houve um queixume acerca da comida, que não combinava com o paladar deletério de alguém que exagerou na bebida na noite anterior. E, possivelmente, a reclamação estendeu-se aos criados, cujas incapacidade e imperfeição foram trazidas com proeminência aos olhos de Ralph, que teria preferido comer migalhas de torradas

em silêncio ou até ficar sem o desjejum se pudesse ter tido uma conversa intelectual de ordem superior a presenciar uma discussão grosseira sobre uma das melhores iguarias e o cuidado requerido na preparação.

No momento em que o desjejum terminou, Ellinor parecia ter 30 anos e seu ânimo abalou-se pelo dia todo. Ficou difícil para Ralph contrair sua mente aos pequenos interesses domésticos de Ellinor. E ela, por sua vez, não tinha muito a falar agora que o garoto dava respostas rudes a todas as perguntas sobre ele e estava cansado de professar um amor que deixava de sentir e proferir todas as besteiras ardorosas, típicas na maioria das conversas de apaixonados. Os livros que lia eram clássicos, cujo lugar na literatura já não mais admitia discussões aferradas. Os pobres com quem ela se importava seguiam bem e, se pudessem ilustrar uma teoria, ouvi-los poderia até ser de bom proveito, mas era simplesmente um fardo ouvir dia após dia sobre o reumatismo de Betty Palmer e sobre o bebê de Mrs. Kay. Não havia como falar sobre política com Ellinor, tão ignorante que sempre concordava com tudo o que ele dizia.

Até começou a achar os almoços e Miss Monro variedades não tão desagradáveis às suas conversas monótonas. Depois, a caminhada, em geral até a vila para buscar Mr. Wilkins no escritório e, por algumas vezes, era bastante evidente como ele empregava suas horas. Um dia em particular seu andar estava tão instável e seu modo de falar tão obtuso que Ralph só podia se indagar como era possível que Ellinor não tivesse percebido a causa. Mas ela estava muito aflita com a dor de cabeça da qual seu pai reclamara para atentar a todas as indulgências anteriores que provocaram o atual estado.

Naquela mesma tarde, por puro azar, o Duque de Hinton e um cavalheiro, que Ralph conhecera na cidade por onde Lord Bolton cavalgou, reconheceram-no. Viram Ralph ajudando um homem embriagado com um vigor solícito e silencioso que ficava claro a todos os passantes que se tratavam de amigos. No caminho de volta para a casa, Mr. Corbet ficou irado e estarrecido com o incidente infeliz. Estava completamente mal-humorado antes de chegar em Ford Bank, mas tinha demasiado domínio próprio para deixar isso transparecer. Virou pelo caminho de arbustos, deixando que Ellinor levasse o pai até o silêncio de seu quarto para se deitar e se livrar da dor de cabeça.

Ralph seguia melancólico, ruminando sobre que atitude tomar. Como poderia se libertar do infeliz embaraço no qual tinha se colocado agindo por impulso? Quase antes de perceber, uma mãozinha percorreu seus braços cruzados e os

olhos meigos e tristes de Ellinor foram ao encontro dos seus.

— Coloquei papai para descansar por uma hora antes do jantar — disse ela. — Sua cabeça deve estar doendo de forma terrível.

Ralph ficou em silêncio e desgostoso, esforçando-se para ser desagradável, mas achando muito difícil diante de tão ingênua confiança.

— Lembra-se de nossa conversa no último outono, Ellinor? — começou finalmente.

A cabeça da menina afundou. Estavam próximos ao banco do jardim e ela sentou-se muda, sem uma palavra.

— Sobre algum escândalo que imaginava pairar sobre você? — Não houve resposta. — Ainda existe a possibilidade?

— Sim — sussurrou, com um longo suspiro.

— E o seu pai sabe disso, é claro?

— Sim — respondeu novamente no mesmo tom e, depois, o silêncio.

— Acho que isso o está prejudicando — disse Ralph em dado momento, decisivo.

— Receio que sim — respondeu ela, em tom baixo.

— Gostaria que me dissesse o que é — sugeriu, um pouco impaciente. — Eu poderia ajudar.

— Não, não pode. Lamento do fundo do meu coração por ter-lhe contado o que fiz, não quero ajuda. Tudo já passou. Mas queria saber se acha que alguém no meu lugar estaria correta em se casar com uma pessoa ignorante do que possa acontecer, o que espero que nunca aconteça.

— Mas se não sei a que se refere desse jeito misterioso, não percebe meu amor? Eu estou na posição da pessoa ignorante com quem fala de que não sabe se é certo casar. Por que não me diz logo o que é?

Não conseguiu disfarçar sua irritação no tom e maneiras de falar. Ela inclinou-se um pouco para frente e o encarou, como para penetrar até o âmago da verdade em seu amado. Em seguida, serena como nunca em sua vida, disse:

— Deseja cancelar nosso noivado?

Ele corou e ficou zangado por um instante.

— Que bobagem! Só porque fiz uma pergunta e um comentário! Acho que sua enfermidade deve tê-la deixado muito caprichosa, Ellinor. Com certeza nada que disse merece tal interpretação. Pelo contrário, por acaso não lhe demonstrei a solidez e a sinceridade de minha afeição passando com você por cima da… de tudo?

Ele ia dizer “por cima da oposição ferrenha da minha família”, mas parou de modo abrupto, pois sabia que a oposição da mãe apenas o deixou mais determinado a seguir seu próprio caminho em primeiro lugar e agora não pretendia revelar o que guardou em segredo até o presente: que todos os seus amigos lamentavam seu noivado imprudente.

Sentada imóvel, Ellinor olhava para as campinas, mas sem ver nada. Enfim, colocou as mãos em cima das dele.

— Confio bastante em você, Ralph. Enganei-me em duvidar. Receio ter ficado boba e caprichosa.

Teve bastante dificuldade em achar as palavras exatas, pois ela pressentiu o pensamento obscuro que assombrava a mente do rapaz quando ela o fitou tão atentamente. Ele, porém, acariciava e tranquilizava Ellinor com palavras dóceis, tão incoerentes como são, em geral, as frases dos apaixonados.

A certa altura, rumaram para a casa. Ao chegar, Ellinor o deixou e correu para ver como estava seu pai. Quando Ralph entrou em seu quarto, sentiu-se vexado consigo mesmo, tanto pelo que disse quanto pelo que não disse. Seu vigia mental não foi nada satisfatório.

Nem ele nem Mr. Wilkins estavam de bom humor com o mundo na hora do jantar e, em tais situações, é preciso pouco para condensar e transformar a atitude temperamental em uma direção particular. Enquanto Ellinor e Miss Monro permaneciam na sala de jantar, um tipo de paz taciturna foi preservada, as

mulheres conversando sem cessar sobre trivialidades cotidianas, com a consciência instintiva de que, se não tagarelassem, algum dos cavalheiros diria algo que seria desagradável aos ouvidos do outro.

Assim que Ralph fechou a porta atrás deles, Mr. Wilkins foi ao aparador e pegou uma garrafa que não havia aparecido antes.

— Quer um pouco de conhaque? — perguntou, com um ar de indiferença, ao encher a taça de vinho. — É um ótimo antídoto para dor de cabeça e este clima sombrio e detestável tem me dado uma dor de cabeça torturante durante o dia todo.

— Sinto muito — disse Ralph. — Eu gostaria de falar com o senhor sobre negócios… sobre meu casamento, na verdade.

— Então desembucha! Estou tão sóbrio como qualquer um, se é o que insinua.

Ralph curvou-se em reverência, um pouco desdenhoso.

— O que eu queria dizer era que anseio por ter tudo pronto para meu casamento em agosto. Ellinor está tão melhor agora, de fato, tão forte que acho que sua posição se adaptaria muito bem a uma mudança para viver em Londres.

Mr. Wilkins arregalou os olhos sem rebuços, mas não falou de imediato.

— É claro que espero ter todos os documentos redigidos nos quais, conforme previamente combinado, você adiantaria certa parte da fortuna de Ellinor com a finalidade de ser transferida, como concordamos ano passado, quando eu esperava ter-me casado em agosto.

Um pensamento perpassou pela cabeça confusa de Mr. Wilkins: era impossível brotar os milhares necessários sem recorrer a empréstimos de pessoas que já estavam criando dificuldades e cobrando juros usurários pelos empréstimos outrora concedidos. E ele, de forma insensata, tentou diminuir a quantia que foi originalmente proposta para dar a Ellinor. “De forma insensata”, porque poderia ter compreendido melhor a expressão do rosto de Ralph em vez de supor que ele cederia facilmente a qualquer redução sem um bom motivo ou sem alguma promessa de benefícios compensatórios no futuro pelo sacrifício presente solicitado a ele. Mas Mr. Wilkins, entorpecido como estava pelo vinho,

pensou que poderia alegar um bom motivo, pois redarguiu:

— Você não deve ser tão rígido comigo, Ralph. Essa promessa foi feita antes… antes que eu soubesse a situação exata dos meus negócios!

— Antes do desaparecimento de Dunster, na verdade — completou Mr. Corbet, cravando o seu olhar impassível e penetrante nas feições de Mr. Wilkins.

— Sim, exato… antes do desaparecimento de Dunster… — resmungou Mr. Wilkins, vermelho e confuso, sem terminar a frase.

— A propósito... — continuou Ralph, pois com as maneiras imprudentes de Mr. Wilkins, pensou que poderia extrair algo sobre a realidade do escândalo iminente de seu companheiro, no estado segundo o qual se encontrava; e se pelo menos soubesse mais acerca deste perigo poderia se prevenir contra ele, resguardar outros, proteger a si mesmo. — A propósito, tem notícias de Dunster desde que partiu para… América, como dizem?

Ele ficou espantado e sem conseguir dominar-se pela mudança instantânea produzida por sua pergunta em Mr. Wilkins. Os dois levantaram-se abruptamente. Mr. Wilkins, pálido, trêmulo e tentando dizer algo, mas sem conseguir formar uma frase sensata.

— Meu Deus! Senhor, o que aconteceu? — perguntou Ralph, alarmado pelos sinais de sofrimento físico.

Mr. Wilkins sentou e rechaçou a aproximação do rapaz sem usar palavras.

— Não é nada, apenas essa dor de cabeça que me acomete às vezes. Não olhe para mim, senhor, deste modo. É muito desagradável ter os olhos de outro homem fixos em você o tempo todo.

— Peço perdão — disse Ralph, frio. Suas condolências de pouca duração, assim rechaçadas, deram lugar à curiosidade. Esperou, porém, alguns minutos sem se atrever a recomeçar a conversa do ponto em que pararam; se interrompido por desconforto físico ou mental da parte de seu companheiro, disso ele não tinha certeza. Enquanto Ralph matutava sobre como retomar o assunto, Mr. Wilkins pegou uma garrafa de conhaque e encheu a taça novamente, sorvendo o álcool como se fosse água. Depois tentou encarar Mr. Corbet com um olhar tão pertinaz quanto pôde, mas muito diferente da mirada

incisiva e vigilante que recebeu tentando desvendá-lo.

— De que falávamos? — perguntou Ralph em dado momento, com a maior naturalidade, como se tivesse se esquecido do assunto de interesse não debatido a contento.

— De uma coisa que… que… é melhor para o senhor ficar calado — rosnou Mr. Wilkins, com voz carrancuda e densa.

— Senhor! — exclamou Ralph, ficando de pé com raiva de ser repreendido assim pelo “Wilkins, o advogado”.

— Pois não — continuou ele. — Cuidarei dos meus próprios problemas e não permitirei qualquer intromissão ou questionamento. Disse uma vez antes, e eu não estava disposto, e digo novamente agora. Se o senhor vem aqui e fica fazendo perguntas impertinentes e me encara como fez nessa última meia hora, ora, que saia desta casa, o quanto antes melhor!

Ralph deu meia volta, levou a sério sua palavra e foi de uma vez; mas aí pensou em “dar outra chance a Ellinor”, frase formulada em seus pensamentos; mas foi sem qualquer espírito de conciliação que ele disse:

— Já tomou muito disto, senhor. Não sabe o que está dizendo! Se soubesse, eu deveria ir embora de uma vez para nunca mais voltar!

— Você acha isso, não acha? — perguntou Mr. Wilkins, tentando se levantar, parecendo honrado e sóbrio. — Digo que, senhor, se ousar novamente a falar e me encarar do jeito que fez esta noite, ora, senhor, tocarei o sino e mandarei os criados lhe mostrarem o olho da rua. Esteja avisado, estimado rapaz!

Sentou-se, gargalhando feito um tolo, em um riso triunfal. Em um minuto, seu braço estava detido firme, porém gentilmente por Ralph.

— Ouça, Mr. Wilkins — começou, um pouco rouco. — Nunca precisará dizer novamente o que me disse esta noite. Doravante seremos como estranhos. Quanto a Ellinor — seu tom de voz amoleceu um pouco e suspirou —, não acho que seríamos felizes. Ficamos noivos quando éramos muitos jovens para nos conhecermos, mas eu teria cumprido meu dever, mantido minha promessa; mas foi o senhor que rompeu a nossa relação com sua insolência hoje. Eu, ser posto para fora pelos seus criados!... Eu, um Corbet de Westley, que nunca me

submeteria a tais ameaças nem de um membro da nobreza, mesmo que estivesse assim tão bêbado!

Já estava fora da sala, quase fora da casa, antes de proferir suas últimas palavras.

Mr. Wilkins sentado imóvel, primeiro irado e feroz, depois atônito e, por último, consternado e sereno.

— Corbet, Corbet! — gritou em vão. De imediato, ergueu-se e foi até a porta, abriu-a, e examinou o saguão bastante iluminado. Tudo tão quieto ali que era possível ouvir as vozes baixas das mulheres da sala de estar conversando. Pensou por um instante, foi até chapeleira e deu por falta do chapéu de palha de copa baixa de Ralph.

Em seguida, foi sentar-se mais uma vez na sala de jantar e tentou compreender exatamente o que ocorrera. Mas não poderia acreditar que Mr. Corbet chegara a uma resolução final e permanente quanto a romper o noivado e quase retornou ao seu estado anterior de indignação perante a impudência e a injúria quando Ellinor entrou, pálida, apressada e ansiosa.

— Papai, o que significa isto? — perguntou-lhe, colocando um bilhete em sua mão. Ele pôs os óculos, mas as mãos tremiam de modo que mal conseguia ler. O bilhete era do presbitério para Ellinor; apenas três linhas enviadas pelo criado de Mr. Ness que veio buscar as coisas de Mr. Corbet. Escrevera três linhas em consideração a Ellinor, mesmo em seu primeiro acesso de raiva contra o seu pai e, é preciso confessar, de alívio devido a sua própria liberdade, assim trazida à tona pelo ato de outrem e não do seu próprio empenho, o que limpou parcialmente sua consciência. O bilhete dizia:

“Querida Ellinor,

Seu pai e eu discutimos e fui obrigado a partir desta casa, receio, para nunca mais voltar. Escreverei mais detalhes amanhã. Mas não se angustie muito, pois não sou e nunca fui bom o suficiente para você. Deus a abençoe, minha querida Nelly, embora a veja pela última vez.

R.C.”

— Papai, o que é isto? — gritou Ellinor apertando as mãos juntas, enquanto

seu pai ficava em silêncio, com o olhar vago ao fogo, após terminar com o bilhete.

— Não sei — respondeu, olhando-a com pena. — É o mundo, acho. Tudo dá errado comigo e com as minhas coisas. Já deu errado antes DAQUELA noite… então, não pode ser aquilo, pode Ellinor?

— Oh, papai! — exclamou, ajoelhando-se ao seu lado, o rosto escondido em seu peito.

Ele a envolveu em seus braços languidamente.

— Quando criança, lia a tragédia *Oréstia*[14] em Eton e pensava que era tudo uma ficção pagã. Pobre garota sem mãe! — disse ele, com a mão na cabeça dela, com o gesto carinhoso como fazia quando era um bebê. — Você o amava muito, Nelly? — sussurrou, com a bochecha contra ela. — Por algum motivo, ultimamente, penso que ele não era bom o suficiente para você. Ele tinha uma suspeita de que algo andava errado e estava muito inquisitivo… devo admitir que me questionou de maneira implacável.

— Oh papai, receio que foi minha culpa. Disse algo há muito tempo sobre um possível escândalo.

Ele a empurrou, levantou-se e a encarou com os olhos dilatados, em parte medrosos, em parte furiosos, como um animal em apuros. Nem notou que seu movimento abrupto quase a jogou prostrada no chão.

— Você, Ellinor! Você… você…

— Oh, querido pai, escute-me — suplicou, sentindo calafrios nos joelhos e por isso esfregava-os com as mãos. — Eu contei como se fosse um caso hipotético, de outra pessoa… mas ele imediatamente associou a nós e me perguntou se o escândalo estava sobre mim, ou a vergonha… esqueci as palavras que usou… que pairava, e o que eu poderia dizer?

— Qualquer coisa… qualquer coisa para desviá-lo da pista. Deus me acuda, estou perdido, traído pela minha própria filha!

Ellinor caiu de joelhos e cobriu o rosto. Todos feriram aquele pobre coração. Depois de algum tempo, seu pai falou novamente.

— Não foi minha intenção. Não é agora. Ellinor, você deve me perdoar, minha filha! — Ele parou, a levantou e a pôs sentada em seu colo, separando com carinho seus cabelos da sua testa fervendo. — Lembre-se, filha, o quão infeliz eu sou e me perdoe. Ele não aceitava o que disse e ainda deve ter me visto bebendo.

— Bebendo, papai! — disse Ellinor erguendo a cabeça e o encarando com uma triste surpresa.

— Sim. Bebo agora para tentar esquecer — respondeu ele, confuso e ruborizado.

— Quão infelizes nós somos! — gritou Ellinor, derramando-se em lágrimas. — Muito infelizes! É como se Deus tivesse se esquecido de nos consolar!

— Shhhh — sussurrou ele. — Um dia sua mãe disse que rezava para que se tornasse religiosa. Você deve ter fé, filha, porque ela orou tanto por isso. Pobre Lettice, como estou aliviado de você ter morrido! — E começou a chorar como uma criança. Ellinor o confortou com beijos em vez de palavras. Ele a afastou depois de alguns instantes e perguntou: — O quanto ele sabe? Tenho que ter certeza. O que contou a ele, Ellinor?

— Nada... nada, decerto, papai, além do que acabei de lhe contar.

— Conte-me novamente… as palavras exatas!

— Vou tentar… mas foi em agosto. Só disse assim: “É certo para uma moça casar-se sabendo que um escândalo paira sobre ela e não contar nada para o seu noivo?”

— Foi só isso? Tem certeza?

— Sim. Imediatamente, ele aplicou ao meu caso… ao nosso.

— E ele nunca quis saber qual era o escândalo que o ameaçava?

— Sim, quis.

— E você contou?

— Não, nem mais uma palavra. Voltou ao assunto hoje nos arbustos, mas não lhe disse mais nada. Você acredita em mim, não acredita, papai?

Apertou-a contra o peito, mas sem uma palavra. Depois pegou o bilhete novamente e leu-o com o máximo de cuidado e atenção que pôde recobrar com o seu espírito agitado.

— Nelly — disse, finalmente. — Ele diz a verdade, não é bom o suficiente para ti. E retrocede diante da iminência do escândalo. Você deve ficar sozinha e pagar os pecados do seu pai.

Ao proferir tais palavras, tremia tanto que Ellinor teve que deixar de lado qualquer sofrimento e concentrar seus pensamentos em levar o pai para a cama de imediato. Sentou-se ao seu lado até que dormisse e então pôde deixá-lo e ir para o quarto a fim de encontrar paz e deslembrança, bênçãos inestimáveis.

CAPÍTULO X

Mr. Corbet era tão bem conhecido no presbitério pelos dois velhos criados que não teve a menor dificuldade para, ao sair de Ford Bank, conseguir um quarto de hóspedes preparado para ele, mesmo tarde da noite e na ausência do patrão, que tirou alguns dias para ir pescar agora que a Quaresma e a Páscoa passaram. Enquanto seu quarto estava sendo arrumado, Ralph solicitou roupas e, pelo mesmo mensageiro, despachou um pequeno bilhete a Ellinor. Mas havia a carta que lhe prometera ainda a ser escrita e era quase seu dever noturno dizer o suficiente, mas não muita coisa, pois, como disse a si mesmo, já era meio caminho andado, e asneira seria voltar atrás, visto que já causara muito sofrimento tanto a ele quanto a Ellinor até ali, e era seu dever tornar a separação definitiva. Ainda mais após os dizeres de Mr. Wilkins naquela noite… mas foi cândido o suficiente em reconhecer que, por mais ofensivos que fossem, se tivessem ficado sozinhos, talvez fossem mais lenientes.

A carta era a seguinte:

"Querida Ellinor (pois é muito querida e acredito que sempre será),

O bom senso me guiou por um caminho de muita dor, uma dor maior do que possa imaginar. Estou convencido de que é melhor que nos separemos, pois circunstâncias surgiram desde que formamos nosso noivado que, embora eu não esteja ciente do que sejam, posso ver que lhe sobrecarregam e têm afetado substancialmente o comportamento de seu pai. Acho que, depois desta noite, posso meio que dizer que seus sentimentos mudaram completamente em relação a mim. Sobre quais seriam tais circunstâncias sou ignorante, além do que sei da sua confissão de que podem levar a algum escândalo futuro. Agora, pode ser minha culpa, pode ser meu temperamento ansioso para obter e possuir grande reputação, acima de todas as coisas terrenas. Só tenho a dizer que é assim e deixar que me culpe por minha fraqueza o quanto quiser. Mas qualquer coisa que surja entre mim e esse objeto, reconheço, seriam mal toleradas; o simples pavor de tal obstáculo me paralisaria. Eu me tornaria irritadiço e, do jeito que é

e sempre será profunda minha afeição por você, não poderia lhe prometer uma vida feliz e tranquila. Sempre seria assombrado pela ideia do que poderia acontecer caso a vergonha fosse descoberta. Estou mais convencido disso em razão de observar o temperamento alterado de seu pai – uma mudança que, relembro, foi na época em que presumi sobre o tal segredo ao qual você se referiu. Em suma, é por sua causa, minha querida Ellinor, muito mais que por mim, que me sinto compelido a selar um significado final às palavras do seu pai dirigidas a mim noite passada, quando desejou que partisse dessa casa para sempre. Que Deus lhe abençoe, minha Ellinor, pela última vez minha Ellinor. Tente esquecer o mais rápido possível o laço desafortunado feito entre nós por um momento com alguém tão inapto… creio, devo dizer, não merecedor de você…

Ralph Corbet.”

Ellinor preparava o desjejum quando a carta chegou até ela. Segundo o costume dos criados do presbitério e de Ford Bank, o homem perguntou se havia resposta. Tratava-se apenas de um costume, pois não queria fazê-lo. Ellinor foi até a janela para ler a carta; o homem a esperar respeitosamente por sua resposta. Foi até a mesa de escrever e redigiu o seguinte:

“Tudo bem… está tudo bem. Eu deveria ter pensado nisso em agosto. Não acho que me esquecerá facilmente, mas rogo-lhe que nunca se culpe em qualquer momento no futuro. Espero que seja feliz e bem-sucedido. Creio que nunca lhe escreverei novamente, mas sempre estará em minhas orações. Papai está muito arrependido por ter-lhe proferido palavras iradas. Queira perdoá-lo… há uma grande carência por perdão no mundo.

Ellinor.”

Refletiu bastante apenas para prolongar o prazer de escrever para ele pela última vez. Selou o bilhete e entregou-o ao homem. Então se sentou e esperou por Miss Monro, que foi para a cama na noite anterior sem esperar que Ellinor retornasse da sala de jantar.

— Estou atrasada, querida — justificou Miss Monro ao descer. — Mas estou com uma dor de cabeça terrível e sabia que estava em boa companhia.

Então, ao olhar ao redor, percebeu a ausência de Ralph.

— Mr. Corbet não desceu ainda! — exclamou. E então Ellinor teve que lhe contar os fatos que em pouco tempo seriam públicos; que Mr. Corbet e ela decidiram terminar o noivado; que Mr. Corbet, portanto, foi para o presbitério; e que não esperava voltar a Ford Bank. Irrestrito foi o espanto de Miss Monro. Continuou falando sobre todas as pequenas circunstâncias que notara durante sua última visita, apenas ontem, na verdade, que ela não conseguia se conformar com a ideia de que os dois, aparentemente tão afeiçoados um ao outro há apenas algumas horas, estariam agora e para sempre separados como estranhos. Ellinor passava mal com a tortura. Pois que ainda parecia como uma tortura em sonho do qual haveria de acordar e obter alívio. Sentiu-se como se não pudesse ouvir mais, embora ainda tivesse mais coisas para ouvir.

Seu pai acabou ficando muito doente. Passou a noite toda assim. Teve evidentemente algum tipo de ataque no cérebro, se apopléctico ou paralítico, os médicos diriam. Na pressa e agonia deste dia de aflição atrás de aflição, ela quase se esqueceu de imaginar se Ralph estava ainda no presbitério – ainda em Hamley. Foi apenas na visita noturna do médico que soube que ele tinha sido atendido por Dr. Moore quando tomava seu assento no trem matutino para Londres. Dr. Moore aludiu ao nome pensando em animar e confortar a frágil menina durante sua vigília ao lado da cama do pai. Mas Miss Monro saiu de fininho atrás do médico para alertá-lo sobre o assunto para a próxima vez, chorando amargamente ao falar da posição solitária de sua querida, chorando como Ellinor nunca conseguiu chorar; embora todo o tempo, com orgulho do próprio sexo, ela tinha o firme propósito de persuadir o médico de que tinha sido decisão unicamente de Ellinor, e o melhor e mais sensato a fazer, já que ele não era bom o suficiente para ela, apenas um pobre advogado tentando se manter. Assim como as pessoas de bom coração, ela caiu na estupidez de diminuir o caráter moral daqueles que desejaria muito exaltar. Mas Dr. Moore conhecia Ellinor muito bem para acreditar em tudo o que Miss Monro disse. Ela nunca agiria por interesse e seria ainda mais inclinada a se apegar a um homem porque era triste e malsucedido. Não! Houve uma briga de namorados e não poderia ter acontecido em momento pior.

Em junho, antes que as rosas desabrochassem por completo, Mr. Wilkins faleceu. Deixara um testamento feito há alguns anos passando a guarda de sua filha para Mr. Ness, mas o velho contraiu uma febre reumática com suas pescarias de Páscoa e não pôde sair da estalagem galesa para onde foi levado ao ficar doente e voltar para a casa.

Desde seu último mal-estar, a mente de Mr. Wilkins fora muito afetada. Com frequência falava de maneira estranha e tempestuosa, mas tinha raros intervalos de quietude e consciência. Em um desses momentos, escreveu um bilhete a lápis inacabado, que sua enfermeira encontrou em seu leito de morte e o entregou a Ellinor. Com os olhos marejados, ela leu as palavras fracas e vacilantes:

"Estou muito enfermo. Às vezes, acho que nunca vou me recuperar, então desejo pedir-lhe perdão pelo que disse antes de ficar doente. Receio que minha fúria causou um mal-entendido entre você e Ellinor, mas creio que perdoará um moribundo. Caso volte e deixe tudo ser como antes, pedirei o perdão que exigir. Se eu partir, ela ficará sem amigos e eu confiei que cuidaria dela desde que…" Logo após havia um trecho ilegível e incoerente, e terminava: *"Do meu leito de morte, imploro que continue sendo amigo dela. Peço perdão de joelhos por qualquer coisa…"*

E então a força lhe faltou. O papel e o lápis foram largados para ser retomados na ocasião em que a cabeça estivesse mais clara e a mão mais firme. Ellinor beijou a carta, dobrou-a com reverência e guardou-a entre os seus tesouros secretos, ao lado da costura inacabada de sua mãe e um pequeno cacho de cabelo loiro pertencido à sua irmã caçula.

Mr. Johnson, um advogado respeitável no condado e que foi um dos fiduciários do pacto pré-nupcial de Mrs. Wilkins, e Mr. Ness foram indicados como inventariantes do testamento e tutores de Ellinor. O testamento em si foi feito há muitos anos, quando se imaginava dotado de grande fortuna, a maioria a ser herdada por sua única filha. Pelo pacto pré-nupcial da sua mãe, Ford Bank seria mantida em fideicomisso[15] para os filhos do matrimônio e, como fiduciários, Sir Frank Holster e Mr. Johnson. Havia uma herança aos inventariantes; uma pequena pensão a Miss Monro, na expectativa expressa de que ela continuasse a viver com Ellinor, conquanto a última estivesse solteira. Todos os criados foram lembrados, especialmente Dixon e com bastante liberalidade.

O que restou da imensa fortuna nas mãos do testador? Os inventariantes perguntaram em vão. Não havia nada. Dificilmente poderiam compreender em que a fortuna havia se tornado, tamanha a confusão das contas, tanto as pessoais quanto as oficiais. Nem a pena da órfã impediu Mr. Johnson de ter asco pela execução do testamento. Mr. Ness passou da abstração acadêmica ao labor de examinar livros, pergaminhos e documentos, tudo por Ellinor. Sir Frank Holster

declarou a si mesmo apenas como fiduciário de Ford Bank.

Enquanto isso, Ellinor seguia vivendo em Ford Bank sem saber da situação dos negócios do pai, mas mergulhada numa melancolia profunda e lamentosa, que afetou sua aparência e tom de voz de tal modo que perturbou Miss Monro sobremaneira. Não foi porque a boa dama não reconhecia o grande motivo pelo qual sua aluna sofria – largada pelo noivo, o pai morto –, mas porque não suportava os sinais externos que essas amarguras deixaram em Ellinor. Seu amor pela pobre menina era infinitamente desolado por ver seu ânimo consumido e em constante depressão. Por fim, tornou-se impaciente pela dor constante decorrente da empatia. Se Miss Monro pudesse ter feito algo para aliviar o pesar de Ellinor, tenderia a ralhar menos com a menina por se entregar desse jeito.

Chegou o tempo em que Miss Monro pôde agir. E, depois disso, não houve mais irritação por parte dela. Quando toda a expectativa de que Ellinor adquira algo além da casa e do jardim de Ford Bank se esvaiu, quando ficou provado que toda a herança deixada por Mr. Wilkins não poderia nunca ser paga, quando veio à tona até que ponto os belos quadros e outros objetos de arte na casa não eram propriedade legal de credores insatisfeitos, comunicou-se a situação dos negócios de seu pai a Ellinor, de modo delicado como Mr. Ness sabia fazê-lo.

Ela estava abatida com suas tarefas – sempre esmorecia agora – e largou a costura para ouvi-lo, encostando a cabeça sobre o braço estendido na mesa. Não falou quando ele terminou sua declaração. Em seguida, ficou em silêncio por alguns minutos. Ele continuou a falar de pura agitação e desalinho.

— Foi tudo obra daquele velhaco do Dunster, não tenho dúvidas — disse ele, tentando explicar a perda total da fortuna de Mr. Wilkins.

Para sua surpresa, a menina levantou o rosto pálido e sem expressão e disse vagarosa e francamente, mas com certa calma solene:

— Mr. Ness, nunca culpe Mr. Dunster por isso!

— Querida Ellinor, não deve haver dúvidas quanto a isso. Seu próprio pai sempre falou dos prejuízos causados pelo desaparecimento de Dunster.

Ellinor cobriu o rosto com as mãos.

— Deus, perdoe-nos! — disse ela e recaiu no velho silêncio insuportável.

Mr. Ness ocupou-se de conversar sobre os seus planos futuros e foi obrigado a continuar.

— Agora, minha querida filha, conheço-a desde garotinha, você sabe. Devemos tentar não nos entregar aos sentimentos — ele sentia falta de ar, ela estava bem quieta —, mas concentre-se no que precisa ser feito. Você precisa alugar esta casa e temos uma boa oferta, um inquilino com um contrato de sete anos por cento e vinte libras esterlinas ao ano…

— Nunca deixarei esta casa — declarou, levantando-se de repente, como se o estivesse desafiando.

— Não deixar Ford Bank! Por quê? Não entendo... posso não ter sido claro… Ellinor, o aluguel desta casa é tudo o que você tem para sobreviver!

— Não posso fazer nada, não posso sair desta casa. Ah, Mr. Ness, não posso sair desta casa.

— Minha filhinha, não precisa se apressar… Sei o quão difícil estão as coisas para você (e desejo, de todo o meu coração, nunca mais ter que ver Corbet!) — isso foi quase para si mesmo, mas ela deve ter ouvido, pois agitou-se toda —, mas deixe esta casa. Precisa comer e o aluguel desta casa pagará por sua comida. Precisa vestir-se e não há nada além do aluguel para comprar-lhe roupas. Ficarei feliz de hospedá-la em meu presbitério pelo tempo que quiser, mas, na verdade, as negociações com Mr. Osbaldistone, o cavalheiro que se ofereceu para ficar com a casa, estão quase no fim…

— É minha casa! — exclamou Ellinor, furiosa. — Sei que é meu direito.

— Não, querida. Foi transferida em fideicomisso para você por Sir Frank Holster e Mr. Johnson, assim usufruirá de todo o dinheiro e benefícios advindos dela — explicou gentilmente, pois quase sentia náuseas —, mas lembre-se de que não tem idade suficiente e Mr. Johnson e eu temos plenos poderes.

Ellinor sentou-se, desamparada.

— Saia — ordenou enfim. — O senhor é muito gentil, mas não sabe de nada. Não consigo suportar mais conversas agora — completou, debilmente.

Mr. Ness abaixou-se e beijou-lhe a testa. Em seguida, retirou-se sem uma

palavra. Foi falar com Miss Monro.

— Então, como ela está? — essa foi sua primeira pergunta, após os cumprimentos habituais. — É realmente muito triste vê-la se entregar. Eu falo e falo e digo como ela está negligenciando todas as suas responsabilidades e isto não lhe fará nada bem.

— Ela teve de suportar ainda mais uma aflição hoje — disse Mr. Ness. — Da parte de Mr. Johnson e eu, tenho um doloroso dever a desempenhar com a senhorita, assim como com ela. Mr. Wilkins morreu insolvente. Lamento dizer que não há qualquer esperança de que receba a sua anuidade!

Miss Monro ficou pálida. Muitas imagens alegres sumiram naquele curto momento. Então, levantou-se e disse:

— Tenho apenas 40 anos. Ainda vou trabalhar mais uns quinze, graças a Deus. Insolvente! Quer dizer que não deixou dinheiro algum?

— Nem um centavo. Os credores devem ficar agradecidos se receberam suas dívidas na íntegra.

— E quanto a Ellinor?

— Ellinor terá que alugar esta casa, a qual é dela por direito transmitido pela mãe para viver.

— E quanto seria?

— Cento e vinte libras.

Os lábios de Miss Monro estavam prontos para um assobio. Mr. Ness continuou:

— Ela, no momento, não quer deixar a casa, coitada. Nada mais natural, mas não tem poder no assunto, mesmo se houvesse qualquer outra opção. Só posso dizer que fico feliz e honrado caso as senhoritas queiram me pagar uma visita no presbitério.

— Onde está Mr. Corbet? — perguntou Miss Monro.

— Não sei. Depois de terminar o noivado, escreveu-me uma longa carta explicativa, como a chamou; justificativa, como eu a chamo. Respondi, curto e grosso, dizendo que lamentava o término de um compromisso que sempre me foi caro, mas que ele deve estar ciente de que, devido a minha intimidade com a família em Ford Bank, seria estranho e desagradável para ambas as partes se mantivéssemos a mesma relação. Quem está passando pela janela? Ellinor cavalgando?

Miss Monro foi até a janela.

— Sim! Como fico grata em vê-la no lombo de um cavalo novamente. Foi nesta manhã que lhe aconselhei a dar uma cavalgada!

— Pobre Dixon! Vai sofrer também. Sua porção também não poderá ser paga mais que os outros e não serão muitas as senhoritas que ficarão contentes como Ellinor em ter um cavalariço tão antiquado.

Assim que Mr. Ness saiu, Miss Monro dirigiu-se para sua escrivaninha e escreveu uma carta enorme para alguns amigos que ela tinha na cidade catedral de East Chester, onde vivera anos felizes. Seus pensamentos voltaram-se para aquela época à medida que Mr. Ness discursava, pois era o lugar onde seu pai vivera e foi depois de sua morte que a inquietude em buscar subsistência começou. Entretanto, as lembranças dos anos pacatos lá eram mais fortes que a recordação das semanas de aflição e ansiedade e, como o casamento de Ellinor era provável, fizera pequenos planos de retornar a sua terra natal e viver do ensino diário que poderia encontrar, e o amigos para quem estava escrevendo agora tinham prometido ajudar. Pensou que, como Ellinor teria que sair de Ford Bank, um lar mais longe podia ser-lhe agradável e continuou planejando que poderiam morar juntas, se possível, com o seu salário e a pequena renda que seria de Ellinor.

Miss Monro amava profundamente sua pupila. Se só sua vontade fosse consultada, esta vida projetada seria ainda mais ditosa para ela que se a herança de Mr. Wilkins a deixasse independente, com Ellinor longe dela, casada e com interesses dos quais sua ex-governanta pouco participaria.

Assim que Mr. Ness a deixou, Ellinor tocou a campainha e surpreendeu o criado que a atendeu com um ávido desejo súbito de ter os cavalos à porta o mais rápido possível e avisar a Dixon para se preparar para ir junto.

Sentiu que devia falar com ele e, em seu estado de nervos, queria estar longe da ampla área comum, onde ninguém pudesse notar ou comentar sua conversa. Fazia tempos que não cavalgava e muitos pensamentos afloraram pelo movimento súbito na cozinha e na estrebaria. Mas Dixon aprumou-se sério, sem nada a declarar.

Campearam rápido até a charneca do Monge, um lugar ermo, dez ou onze quilômetros distante de Hamley. Ellinor calculou previamente que ali lhe contaria a proposta de Mr. Ness e ele pareceu entendê-la mesmo sem palavras. Quando puxou as rédeas, ele se aproximou e se compadeceu do seu olhar melancólico com um silêncio reflexivo.

— Dixon, dizem que devo deixar Ford Bank.

— Era isso que temia de tudo o que ouvi dizer na vila desde a morte do patrão.

— Então ouviu dizer... então você sabe… que papai não deixou dinheiro algum… meu caro Dixon. Você não terá sua herança e eu nunca tinha pensado nisso antes!

— Não se preocupe — disse ele, impaciente. — Eu não teria tocado mesmo que estivesse disponível, pois aceitá-lo pareceria… — Dinheiro sujo, era o que ia dizer, mas se calou a tempo. Ela entendeu o significado, embora não a palavra que ele teria usado.

— Não é isso — cortou ela —, o testamento foi escrito anos antes. Mas, oh, Dixon, o que devo fazer? Vão me forçar a sair de Ford Bank, entendi. Acho que os fiduciários já deixaram quase tudo pronto.

— Mas suponho que terá o aluguel? — questionou, ansioso. — Ouvi dizerem muitas vezes que era para a patroa primeiro e depois para você.

— Oh, sim, não é isso, mas você sabe debaixo daquela faia…

— Ai de mim! — disse ele, severo. — Com frequência penso nisso acordado e acho que não tem uma só noite em que eu não tenha sonhado com isso.

— Mas como posso ir embora? — gritou Ellinor. — Eles podem fazer centenas de coisas… podem cavar o caminho de arbustos. Ah! Dixon, sinto

como se fossem descobrir com certeza! Ah! Dixon, não posso aguentar que culpem mais papai… vai me matar… e que coisa terrível também!

O semblante de Dixon voltou a ostentar as rugas de dor habituais que assumira nos últimos anos quando pensava e se lembrava de algo.

— Não tem motivo para falar mal dos mortos, isso com certeza — disse ele. — Os Wilkinses foram respeitados em Hamley durante toda minha vida e a vida do meu pai antes de mim e… certamente, mocinha, há formas e meios de impedir o inquilino de alterar o que está na casa e fora dela. Se eu fosse você, eu pediria aos fiduciários, ou o que quer que eles se chamem, para serem bastante meticulosos, e para não tocarem em nada, seja na casa, no jardim, na campina ou na estrebaria. Acho que, com uma palavra da sua boca, eles me manteriam na estrebaria e eu poderia cuidar um pouco das coisas. E o Dia do Juízo virá enfim, quando todos os segredos serão conhecidos sem termos problema ou vergonha de contá-los. Estou ficando cansado deste mundo, Miss Ellinor.

— Não fale assim… — aconselhou Ellinor, ternamente. — Sei quão triste é, mas olha, lembre-se de como precisarei de um amigo quando for embora, para me orientar como você fez hoje. Não está se sentindo mal, Dixon, está? — continuou, preocupada.

— Não! Estou bem-disposto o suficiente para viver. Papai tinha 81 e mamãe acima de 70 quando morreram. É só o meu coração que passou a ser tão pesado e, quanto a esse aspecto, o seu também, isso é certo. E é um conforto para nós dois servir o seu pai mesmo morto com todo nosso cuidado, pois ele foi um homem brilhante e generoso, com um rosto tão jovial que nunca deveria conhecer a humilhação.

Cavalgaram sem mais palavras. Em silêncio, Ellinor planejava o futuro de Dixon e ele, sem esperar muito do porvir, trazia à memória o tempo em que, 30 anos antes, pela primeira vez, trabalhou para o velho Mr. Wilkins na estrebaria, e a bela Molly, a ajudante de cozinha, era seu colírio diário. A bela Molly está enterrada no cemitério de Hamley. Poucos ainda vivos, exceto Dixon, iam visitá-la em o seu túmulo.

CAPÍTULO XI

Em alguns dias, Miss Monro conseguiu uma resposta muito satisfatória às cartas com suas dúvidas sobre se uma governanta em tempo integral acharia emprego em East Chester. Desta vez, sua candidatura pareceu chegar no momento exato. Os cônegos eram, na grande maioria, homens casados com jovens famílias. Os ocupantes da casa receberam bem a ideia de dispor das instruções que Miss Monro poderia oferecer às crianças e poderia até ser uma sucessora no cargo. Foi um grande passo. Miss Monro, filha de um regente desta mesma catedral, tinha uma relutância secreta em lecionar para qualquer comerciante rico de lá. Mas ser recebida pelas famílias dos cônegos, quase a qualquer título, era como ir para casa. Ademais, além da honra vazia da coisa, havia pequenos amparos na dádiva da congregação: uma casinha de porta para a abadia, que pertencera outrora ao maceiro, mas estava agora vazia e foi oferecida a Miss Monro por um aluguel trivial.

Mais uma vez Ellinor mergulhou em seu antigo estado de depressão passiva. Mr. Ness e Miss Monro, modestos e indecisos como eram em geral, tiveram que organizar tudo para ela. Seu grande interesse parecia ser o velho criado Dixon e seu grande deleite era sentar e conversar sobre os velhos tempos – pelo menos assim os dois amigos falavam dela, pouco sabendo que o “deleite” era uma dor amarga e pungente.

Em vão, Ellinor tentou planejar como iriam levar Dixon para East Chester. Se ele fosse uma mulher, teria sido um passo plausível, mas podiam manter apenas um criado e Dixon, capaz e versátil como era, não serviria para a tarefa. Tudo isso passava na cabeça de Ellinor. Era ainda uma questão de Dixon amar sua terra natal, com todas as associações e lembranças, ou amar Ellinor, um sentimento ainda mais forte. Ele, porém, não foi posto à prova. Foi apenas avisado de que devia partir, mas ao ver o torpor extremo de Ellinor com a ideia da separação, empenhou-se em confortá-la com todos os meios ao seu alcance, relembrando-a, com palavras seletas e carinhosas, de como é necessário que ele

permaneça naquele lugar, a serviço de Mr. Osbaldistone, a fim de frustrar, a partir de qualquer influência diminuta que pudesse haver, todos os intentos de alteração do jardim que guardava o terrível segredo. Persistiu neste ponto, embora Ellinor repetisse, com pertinaz inquietação, a precaução que Mr. Johnson tomara ao elaborar o contrato, contra qualquer mudança ou alteração a ser feita na disposição atual da casa e dos terrenos.

A população ficou surpresa com a ânsia que Miss Wilkins mostrou em vender toda a mobília de Ford Bank. Até Miss Monro ficou um pouco escandalizada com essa falta de sentimento, embora não tenha dito nada sobre isso. Com efeito, justificava a medida, contando para todo mundo como Ellinor estava agindo com sabedoria, já que as mesas e poltronas largas e vistosas não cairiam bem nos cômodos apertados e de formas esquisitas da sua futura casa na abadia de East Chester. Ninguém sabia o quão forte era o instinto de autopreservação, assim pode ser chamado, que impeliu Ellinor de se livrar, à custa de qualquer dor momentânea, dos fantasmas de uma recordação horripilante. Queria morar numa casa não assombrada em um país livre, desconhecido… era como se fosse sua única chance de sanidade.

Às vezes, achava que seu juízo não voltaria até que tudo estivesse resolvido. Mas não contava a ninguém o que sentia. Pobre menina. A quem confiaria seus segredos além de Dixon? Nem para si própria conseguia descrevê-los. Tudo o que sabia era que estava à beira da loucura e se perdesse o juízo temia trair o pai. Por todo esse tempo nunca chorou ou variou sua conduta monótona e passiva. E foram lágrimas abençoadas de alívio que derramou quando Miss Monro, que também chorava amargamente, pediu-lhe que colocasse a cabeça para fora da caleça, pois, ao virar a próxima esquina, vislumbrariam pela última vez o pináculo da igreja de Hamley.

Mais tarde, numa noite de outubro, Ellinor viu pela primeira vez a abadia de East Chester, onde passaria o resto da vida. Miss Monro ia e voltava entre Hamley e East Chester mais de uma vez, enquanto Ellinor permanecia no presbitério, pois não tinha apenas orgulho de pertencer a toda uma bela cidade, mas também certo desejo de hospitalidade a dar as boas-vindas a Ellinor em sua futura casa conjunta.

— Olhe! A carruagem deve dar uma volta grande por conta de nossa bagagem, mas atrás destes muros antigos ficam os jardins dos cônegos. Aquele teto de cume elevado, com o arvoredo de saião-acre nas paredes, é a casa do

cônego Wilson, que tem quatro meninas a quem vou ensinar. Ouça! O grande relógio da catedral. Como me dava orgulho o seu estrondo forte quando era pequena! Achava todos os outros relógios agudos e mirrados comparados a este, que tinha como meu em especial. Há corvos voando para os ulmeiros na abadia. Será que são os mesmos que costumavam ficar lá quando eu era criança? Dizem que este tipo de corvo, o gralha-calva, vive por muitos anos e poderia jurar pelo jeito como crocitam. Ei, sorria Ellinor, entendo agora aqueles versos do Thomas Gray[16] que você recitava tão lindamente…

"Os ventos, sinto, que de vós soprais,

Um enlevo geral, fugaz,

E nova primavera dão."

— Agora, querida, dê uma volta. Esta alameda de lírios-roxos leva à nossa porta da frente, mas os quartos dos fundos, que são mais agradáveis, dão para a abadia, a catedral, a rua dos limoeiros, o deado e o viveiro.

Foi um mero vislumbre da casa: a cozinha estrategicamente próxima da porta da frente, reservando assim a bela vista para a pequenina sala de jantar, na qual uma porta de vidro dava para um jardinzinho murado, que tinha também uma entrada para a abadia. No andar de cima havia um quarto dianteiro, que Miss Monro escolhera para si porque, como dizia, tinha velhas lembranças com os fundos de cada casa na rua principal. Já Ellinor subiu para o quarto tranquilo acima da pequena sala de estar. Ambos davam para a imensa e solene catedral e para a nobre e plácida abadia.

A catedral de East Chester tem estilo normando, com uma torre baixa e maciça, uma nave imponente e majestosa e um balcão de coro repleto de túmulos opíparos históricos. A cidade inteira é tão calma e asseada que todos os dias os ininterruptos cânticos e hinos de louvor parecem soar a longas distâncias através dos telhados das casas. Ellinor logo se tornou membro regular em todos os cultos pela manhã e noite. O senso de veneração abrandava e apaziguava o seu coração ansioso e fatigado. E, para ser pontual aos horários da igreja, levantava-se com disciplina, como provavelmente ninguém o faria para este fim.

Finalmente, Miss Monro adquiriu muitos conhecidos; ou buscava ou era buscada por eles, velhos amigos e descendentes de velhos amigos. Os cônegos,

gentis e austeros, cujos filhos ela ensinava, visitavam-lhe com suas esposas e conversavam sobre os antigos deãos e as assembleias, assuntos sobre os quais ela tinha conhecimento pessoal e tradicional. Caminhavam e falavam sobre sua amiga tímida e de aparência delicada, Miss Wilkins, e até planejaram talvez algum presentinho colhido dos seus jardins frutíferos ou lojas fartas que tornariam a mesa de Miss Monro um pouco mais apetitosa para alguém tão frágil como Ellinor, pois o trabalho doméstico era sempre mencionado como tarefa de Miss Monro, uma pessoa ativa e proeminente.

Em certo momento, Ellinor conquistou-os, não com palavras ou feitos, mas com sua meiguice e conduta humilde, pois notaram sua frequência nos cultos da catedral. E quando ouviram falar de suas visitas constantes a uma escola paroquial e de sua atitude em carregar cestas cheias até as cabanas dos pobres, começaram a convidá-la, com palavras mais urgentes, a acompanhar Miss Monro para o chá frequente em suas casas. O velho deão, um cavalheiro cortês e bom cristão, logo se tornou um grande amigo para Ellinor. Observava a menina através das janelas de sua vasta biblioteca arqueada até vê-la emergir do jardim à abadia, e então abria a porta do deado e a encontrava. Ela ajustava gentilmente o ritmo de sua passada à dele.

O dia da sua partida de East Chester foi um grande vazio para a menina, apesar de nunca ter aceitado ou permitido que Miss Monro aceitasse seus inúmeros convites para pagar-lhe uma visita em sua casa do campo. Decerto, após experimentar pela primeira vez paz novamente na abadia da catedral de East Chester, era como se tivesse medo de se aventurar além daqueles arredores tranquilos. Todos os convites da parte de Mr. Ness para visitar o seu presbitério em Hamley foram recusados, embora fosse bem recebido na casa de Miss Monro em sua visita anual, por todos os meios possíveis. Ele dormia em uma das casas desocupadas do cônego e ficava com dois amigos, que faziam uma festividade anual envidando os melhores esforços em sua homenagem ao convidar alguns do clero da catedral que estavam a trabalho, ou caso não fossem, condescendia ao clero da cidade. Seus amigos sabiam bem que nenhum presente era tão aceitável quanto aqueles enviados enquanto Mr. Ness estava com eles; e do deão, que lhe enviou um cesto grande de frutas e flores seletas de Oxton Park, trabalhou nas mesmas escolas que Ellinor e era um excelente pescador, por isso pegou uma truta esplêndida – todos fizeram o melhor para ajudá-las a dar as boas-vindas ao único visitante que tinham.

O único visitante que tinham até onde a majestosa pequena nobreza

conhecia. Havia um, porém, que vinha sempre que seu patrão lhe concedia uma folga longa o suficiente para encarar uma viagem a um lugar tão distante, mas poucos sabiam que era um convidado na casa de Miss Monro. Apesar disso, sua recepção ali não era menos calorosa que a de Mr. Ness. Este visitante era Dixon. Ellinor o convenceu de que ficaria feliz se permitisse que, a qualquer hora, ela pudesse pagar por suas cartas remetidas para East Chester. Quando ele vinha, os dois ficavam juntos a maior parte do dia. Levava-o para todo o canto a fim de ver tudo o que achava que podia interessá-lo, mas conversaram pouco durante todo esse companheirismo. Miss Monro tinha mais a lhe dizer. Questionava-lhe sobre tudo sempre que Ellinor não estava presente. Soube que a casa em Ford Bank recebeu uma mobília esplêndida e que não foi gasto nada no jardim, que Miss Hanbury, filha mais velha, casou-se muito bem, que Brown sucedeu Jones na loja de armarinhos. Depois, hesitou um pouco antes da próxima pergunta:

— Presumo que Mr. Corbet não frequente mais o presbitério agora?

— Não, ele não. Não sei como Mr. Ness o receberia, mas eles trocam cartas às vezes. O velho Jó… lembra-se dele, madame, era o jardineiro de Mr. Ness e esperava no salão quando tinha companhia… ele disse que um dia ouviu falarem de Mr. Corbet, que agora ele é um grande conselheiro… daqueles que ficam nos tribunais e falam com uma peruca.

— Você quer dizer um advogado — corrigiu Miss Monro.

— Isso… e ele é alguma coisa mais que isso, mas não consigo lembrar o quê…

Ellinor sabia disso. Elas conseguiam o *The Times* emprestado dois dias após a publicação com um dos amigos da abadia. Ellinor, vigiando até que Miss Monro desviasse o olhar, sempre abria nas notícias dos tribunais com mãos trêmulas e coração palpitante. Ali achou, em uma primeira leitura, o nome que procurava, o nome sobre o qual discorria longamente, como se cada letra fosse um estudo. Mr. Losh e Mr. Duncombe apareceram como os demandantes, Mr. Smythe e Mr. Corbet, como defensores. Em alguns anos, aquele nome aparecia com mais frequência e, em geral, precedia o outro, seja lá qual for. Depois, em ocasiões especiais, seus discursos eram transcritos na íntegra, como se suas palavras tivessem peso. Em dado momento, viu que ele fora nomeado como um conselheiro da rainha. Foi o que soube ou ouviu falar dele. Este nome, outrora familiar, nunca saía de seus lábios, exceto na forma de sussurros apressados para

Dixon, quando vinha se hospedar com elas. Ellinor não fazia ideia, quando rompeu com Mr. Corbet, como o término entre eles seria dali em diante. Muita coisa parecia inacabada, sem explicação. Era tão difícil, no início, interromper o hábito constante de pensar nele. E por muitos anos continuou pensando que certamente algo como o destino uniria o casal novamente e toda essa mágoa e estranhamento melancólico entre eles não passaria de um pesadelo que sumiria com a luz da manhã.

O deão era um ancião, mas havia um cônego que era ainda mais velho, cuja morte era esperada e especulada por muitos, a qualquer momento por dez anos no mínimo. O cônego Holdsworth era também muito velho para ser gentil com qualquer um, mas sua vida acumulava ações zelosas e benevolentes. Mas ele foi levado e o outro deixado. Ellinor olhava o deado vazio com lágrimas nos olhos; a última coisa a fazer pela noite, e a primeira pela manhã. Mas é quase a mesma coisa que acontece com dignitários da igreja e reis: o deão está morto, vida longa ao deão! Outro sacerdote de um condado distante foi indicado e toda a abadia agitou-se para saber e ouvir cada detalhe sobre ele. Por sorte, tinha parentela final com uma das famílias na nobiliarquia. Então, em todo caso, todas as suas relações poderiam ficar sabendo, com certeza razoável, que ele tinha 42 anos, era casado e com oito filhas e um filho. O deado, antes um lar tão calmo e sereno para um ancião, estava agora repleto de barulho e folia. Cercas de ferro foram colocadas diante das janelas, evidentemente para servir de quarto para as crianças. No verão, notadamente com portas e janelas abertas, ouvia-se sempre por toda aabadia o som de carpinteiros trabalhando; e, a certa altura, carros abarrotados de móveis e carruagens cheias de pessoas começaram a chegar.

Nem Miss Monro nem Ellinor se sentiam de importância ou de posição suficiente para visitar os recém-chegados, mas estavam bem familiarizadas com as maneiras da família como se travassem contato diário. Sabiam que a mais velha, Miss Beauchamp, tinha 17 anos e era muito bonita – apenas tinha um ombro mais alto que o outro –, que ela era louca pela dança e conversava bastante no *tête-à-tête*, mas não muito quando sua mãe estava por perto e nunca abria os lábios quando o deão estava na sala. Sabiam também que a irmã mais nova era muito inteligente e tinha conhecimento de tudo o que uma governanta poderia ensinar-lhe, além de ter aulas de grego e matemática com o pai; e por aí vai, até o menino que estava em colégio particular e a menina ainda de colo. Ademais, Miss Monro poderia, de qualquer forma, ter analisado o número de criados no deado, a sua divisão de trabalho e as horas das suas refeições.

Nos últimos dias, uma jovem bela e de aparência altiva fez-se notar na abadia e no banco do deão. Como diziam, seria sua sobrinha, filha órfã de seu irmão, o General Beauchamp, e veio a East Chester para residir pelo tempo necessário antes do casamento, que seria realizado na catedral por seu tio, o novo dignitário. Mas como os visitantes do deado não viram esta noiva linda e privilegiada, e como os Beauchamps ainda não tinham intimidade habitual com quaisquer dos novos conhecidos, muito pouco se sabia sobre as circunstâncias deste casamento vindouro além das particularidades ditas aqui.

Ellinor e Miss Monro sentavam-se em frente à janela da sala de estar, um pouco escurecidas pelas cortinas de musselina, para assistir aos preparativos do casamento, que seria no dia seguinte. Por toda a manhã, cestas de frutas e flores, pacotes trazidos pela ferrovia – pois naquela época East Chester já tinha ferrovias – mensageiros de lojas, assistentes contratados passavam para lá e para cá na abadia tumultuada. Pela tarde, o alvoroço cessou, os andaimes montados, os materiais para o banquete do dia seguinte levados fora de vista. Foi concluído que a noiva eleita foi vista arrumando o seu enxoval, auxiliada pela multidão de primas alegres, e que os criados estavam preparando o jantar do dia ou o desjejum do dia seguinte. Então Miss Monro pôs tudo em ordem, discutindo cada detalhe e cada probabilidade como se ela fosse um ator principal, em vez de apenas um espectador distante e descuidado do evento vindouro. Ellinor estava cansada e agora que não havia nada interessante acontecendo. Ela voltou a costurar quando foi assustada pela exclamação de Miss Monro:

— Olhe, olhe! Lá estão dois cavalheiros vindo pelo caminho do limoeiro! Devem ser o noivo e um amigo.

Apenas por condolência e alguma curiosidade, Ellinor debruçou-se e viu, emergindo das sombras das árvores para a calçada iluminada pelo som da tarde alta, Mr. Corbet e outro cavalheiro. O primeiro, mudado, exausto, envelhecido, apesar de ostentar o mesmo semblante intelectual, apoiado no braço de um jovem alto e falando vivazmente. O outro cavalheiro era, sem dúvida, o noivo, Ellinor disse para si mesma, mas seu coração profético não acreditava em suas próprias palavras. Mesmo antes que a beldade do deado olhasse da sacada da sala de estar e corasse ao sorrir e beijasse a mão – um gesto respondido por Mr. Corbet com prontidão, enquanto o amigo apenas tirou o chapéu, quase como se a visse pela primeira vez –, o olhar sôfrego de Ellinor apenas o acompanhou até que estivesse fora de vista no deado, sem prestar muita atenção às frases incoerentes de Miss Monro, porém sinceras, lamentosas, reconfortantes e

repreensivas. Então, voltou os olhos penosos para o rosto de Miss Monro, abriu os lábios, mas nenhum som foi ouvido e desmaiou. Por toda a vida, nunca tinha se sentido assim e, lúcida, não era ela mesma.

Provavelmente, a persistência e voragem que ela, normalmente tão dócil e humilde, demonstrou nas próximas 24 horas foram consequência da febre. Resolveu fazer-se presente no casamento. Com tantas pessoas, ficaria invisível, despercebida na multidão, mas, o que quer que acontecesse, iria e nem as lágrimas nem as orações de Miss Monro puderam retê-la. Não deu nenhum motivo para esta determinação. Decerto, não tinha nenhum para dar, então não havia o que discutir. Estava inflexível a rogos e ninguém tinha nenhuma autoridade sobre ela, exceto, talvez, o distante Mr. Ness.

Miss Monro tinha todo o tipo de pressentimento sobre as cenas possíveis que viriam a se passar. Mas tudo correu tão calmamente como se a compaixão em sua plenitude impregnasse cada indivíduo da numerosa multidão. Ninguém adivinhou que aquela figura bem agasalhada e coberta, sentada à sombra de um dos grandes pilares, era aquela que outrora sonhou estar no altar com o mesmo noivo, que agora lançava olhares afáveis para a bela noiva. Seu véu branco como o de uma fada, o de Ellinor, preto e encoberto como o de uma freira.

O nome Mr. Corbet já era conhecido por todo o país como o de um excelente advogado. As pessoas discutiam seus discursos e reputação por todo o lado e alguém bem informado em assuntos jurídicos mencionava-o como certo para ocupar a próxima vaga na magistratura. Então ele, mesmo sério e de meia idade e um pouco grisalho, dividia atenção e comentários com sua linda noiva e sua série de primas e madrinhas elegantes. Miss Monro não precisava temer por Ellinor, que viu e ouviu todas as coisas como num nevoeiro, um sonho, como algo a ser enfrentado antes que pudesse despertar para uma realidade de alegria na qual sua juventude, com suas esperanças típicas, deveria ser restaurada, e todos esses anos desgastantes de quimera e angústia seriam revelados como nada além de um pesadelo noturno.

Sentada imóvel e quieta, Miss Monro ao seu lado, observando-a tão atentamente como um guarda vigia um louco e com o mesmo propósito: evitar qualquer irrupção mesmo com força física, caso tal repressão fosse necessária. Quando tudo terminou, quando os principais personagens da cerimônia se enfileiraram na sacristia para assinar seus nomes, quando a multidão de pessoas da cidade saiu rapidamente conforme a noção individual de restrições que a

edificação sagrada permitia, quando os memoráveis acordes da marcha nupcial ressoavam no órgão e os sinos majestosos ribombavam suspensos, Ellinor encostou a mão na de Miss Monro.

— Leve-me para casa — disse brandamente.

E Miss Monro a levou para casa como alguém guiando a um cego.

CAPÍTULO XII

Há pessoas que, sem perceber, passam gentilmente da juventude até a meia-idade e dali declinam em ritmo suave e delicado ao longo de anos felizes. Há outras que, contra sua vontade, são apanhadas no turbilhão vertiginoso de agonia que as leva, com um grande sobressalto, da juventude até a velhice, que surge com outro grande choque e dali segue até a calmaria de um vasto oceano onde não há marcadores de tempo.

Esta última, ao que parece, seria a sina de Ellinor. Sua juventude esvaeceu em uma única noite, há 15 anos, e agora sua aparência era a de uma idosa, comedida e desanimada em atos e fisionomia, mas tão dócil e gentil no falar e sorrir como nunca havia sido em seus dias mais felizes. Todos os jovens, quando a conheciam, adoravam-na, embora a princípio chamar-lhe-iam de grosseira e difícil de lidar. E para as crianças e os velhos sua empatia pronta e atenta com suas alegrias, mas também com suas tristezas, conquistavam de forma infalível seus corações.

Depois que o primeiro grande choque do casamento de Mr. Corbet passara, ela obteve mais paz que nos anos recentes. A última e leve esperança de felicidade evaporou-se, ou, melhor dizer, a felicidade conforme tinha planejado para si quando jovem. Sem perceber, ela estava desleitando o egoísmo de uma maneira ou de outra, e sua vida cotidiana se tornou, se possível, mais inocente, pura e sagrada. Um dos cônegos costumava fazer piadas de sua frequência a todos os cultos e de sua devoção às boas obras e sempre a chamava de irmã reverenda. Miss Monro ficava um pouco aborrecida com este tipo de humor eclesiástico. Ellinor sorria sem nada a dizer. Miss Monro reprovava os modos sérios de Ellinor e seu estilo austero de se vestir.

— Você pode ser boa o quanto quiser, minha cara, e ainda se vestir com belas cores em vez de preto e cinza sempre, e assim não haveria a necessidade constante de dizer às pessoas que só tem 34 (e não me creem, mesmo tendo que repetir até ficar irritada). Ou, se você usasse um bom gorro, em vez desse de

forma apertada que estava na moda quando você tinha 17 anos.

O velho cônego morreu e alguém seria indicado para o seu lugar. Esses cargos e indicações eram assuntos muito importantes para os habitantes da abadia, e a discussão de probabilidades surgia invariavelmente, caso dois se ajuntassem, na rua ou em casa ou até na catedral. Depois de longo período, foi decidido e anunciado pelos altos poderes. Um clérigo enérgico e trabalhador de uma parte distante da diocese, Livingstone era o nome, receberia o canonicato vago.

Miss Monro disse que o nome lhe soava familiar e aos poucos se lembrou do jovem pároco que visitara Ellinor quando estava terrivelmente doente em Hamley, no ano de 1829. Ellinor não sabia da visita e Miss Monro também não sabia o que se passara entre os dois antes daquela noite preocupante. Ellinor apenas pensou que seria possível ser o mesmo Mr. Livingstone e preferia que não fosse, pois não suportaria a relação frequente embora não íntima que devesse ter – caso fosse esse o caso – com alguém tão ligado com uma época de grande terror, a qual lutava para enterrar longe de vista, valendo-se de todo o esforço em seu poder. Miss Monro, pelo contrário, ocupava-se elaborando um romance para sua pupila. Pensou no interesse passional demonstrado pelo belo jovem clérigo 15 anos atrás e acreditava que, de vez em quando, os homens poderiam ser constantes. E esperava que, se Mr. Livingstone fosse o novo cônego, ele poderia provar que a *rara avis* existe mais que uma vez a cada cem anos.

O homem veio, e era ele mesmo. Um pouco mais robusto, um pouco mais velho, mas ainda tinha a aparência e o modo de andar de um jovem. Seu rosto liso e vistoso mal tinha rugas, nenhuma marca de preocupação. Os olhos azuis eram tão amenos e pacíficos que Miss Monro mal acreditou que eram os mesmos que ela viu se encherem de lágrimas. A serenidade branda do homem precisava do enobrecimento advindo da sua devoção evidente para ascender ao tipo de inocência sagrada a que alguns dos romanistas chamam “face sacerdotal”. Sua alma por completo estava em seu trabalho e era pouco provável que encarnasse o personagem tanto de herói do romance quanto de amante fiel que poderia ser imaginado. Mesmo assim Miss Monro não foi desencorajada. Recordava-se do sentimento caloroso e apaixonado que outrora vira emergir da sua calma exterior e acreditava que o que aconteceu uma vez poderia acontecer novamente.

Claro, enquanto todos os olhares eram dirigidos ao novo cônego, ele teve que conhecer os donos desses olhares um por um e foi provavelmente algum tempo antes que surgisse a ideia de que Miss Wilkins, a dama de preto, de semblante triste e pálido, tão constante nos cultos, uma visitante tão regular na escola, fosse a mesma Miss Wilkins de sua esplêndida juventude. Foi um doce sorriso para uma criança assídua que a traiu – se, de fato, traição é o que se chama quando não há desejo ou esforço em ocultar nada. O cônego Livingstone saiu da sala de aula quase que diretamente e, após algumas horas em casa, foi visitar Mrs. Randall, a senhora que mais sabia da vida dos vizinhos que qualquer um em East Chester.

No dia seguinte, ele foi visitar Miss Wilkins. Teria ficado bastante satisfeita se ele tivesse permanecido na ignorância. Era muito doloroso estar na companhia de alguém que, mesmo à distância, trazia à viva memória um passado de aflições. Quando soube da visita, como estava cosendo na sala de jantar, teve que tomar coragem para a conversa antes de subir as escadas para a sala de estar, onde o moço estava sendo entretido por Miss Monro com demonstrações afetuosas de boas-vindas. Uma pequena contração de sobrancelha, uma sutil compressão dos lábios e uma palidez crescente em Ellinor foram tudo o que Miss Monro pôde notar, embora tenha colocado os óculos por precaução e intenção de observar. Voltou-se para o cônego: seu rubor intensificou-se ao se aproximar e estender a mão a Ellinor. Foi só isso, mas no leve princípio daquele rubor, Miss Monro fez muitos planos e, quando se enfraqueceram, um após o outro, reconheceu que não passavam de sonhos sem fundamento. Costumava culpar pelo desapontamento a conduta invariável e monótona de Ellinor, que pode ter passado a ideia de frieza, além de nunca ter permitido que Miss Monro convidasse o cônego Livingstone para os chás já de costume eventual. Ainda assim, ele perseverou nas visitas: uma vez a cada quinzena vinha e sentava por mais de uma hora, a olhar discretamente seu relógio, como se Miss Monro observasse astutamente em segredo. Não ia embora em dado momento porque desejasse, mas porque deveria. Às vezes, Ellinor estava presente, às vezes não. Neste último caso, Miss Monro detectava certo olhar ávido para a porta a cada vez que um barulho era ouvido do lado de fora. Ele sempre evitava qualquer menção à época de Hamley e isso, temia Miss Monro, era um mau sinal.

Após longos e uniformes anos sem qualquer evento concernente à vida pessoal de Ellinor – exceto o casamento de Mr. Corbet –, aconteceu algo que muito a afetou. Mr. Ness faleceu de repente em seu presbitério e Ellinor soube em primeira mão de Mr. Brown, um clérigo que morava próximo a Hamley e

que foi chamado pelos criados tão logo descobriram que não era o sono, mas sim a morte que atrasava o levantar do patrão.

Mr. Brown foi indicado como executor por seu antigo amigo e escreveu para contar que, após algumas heranças serem pagas, ela receberia uma renda vitalícia do que sobrasse da pequena propriedade deixada por Mr. Ness, e que seria necessário, como legatária residual da herança, vir até o presbitério em Hamley o mais rápido possível, a fim de decidir o futuro da mobília, dos livros, etc.

Ellinor recuava diante desta jornada, que seu amor e respeito por seu amigo tornavam necessária. Quase nunca saía de East Chester desde que chegara lá pela primeira vez, há 16 ou 17 anos, e tinha medo da viagem. Além disso, voltar a Hamley, onde pensava nunca mais ter de pôr os pés!

Nunca falava de seus sentimentos, mas Miss Monro sempre conseguia entender seu silêncio e elucidou-o em palavras oportunas e impetuosas naquela tarde quando o cônego a visitou. Miss Monro gostava de falar sobre Ellinor com ele e suspeitava de que ele gostava de ouvir. Quase se incomodava com o conforto que ele insistia em lhe dar: não havia perigo em viajar pela estrada de ferro num vagão. Um pouco de cuidado com certas coisas seria preciso, só isso, e a média de mortes por acidentes em estradas de ferro não era maior do que a média de pessoas que viajavam de carruagem, se levado em consideração um número muito maior de viajantes.

Sim! Retornar às cenas abandonadas da juventude de alguém era muito doloroso… E Miss Wilkins tomara as providências para outra senhora ocupar seu lugar como visitadora na escola? Ele acreditava ser a semana dela. Miss Monro perdeu a paciência com a calma e razoabilidade do cônego. Mais tarde, no mesmo dia, fez as pazes com ele ao receber um pequeno e educado bilhete de Mrs. Forbes, uma grande amiga e mãe da família em que ela agora estava lecionando, dizendo que o cônego Livingstone a visitara e lhe contara que Ellinor teria que fazer uma viagem cansativa e que Mrs. Forbes tinha certeza de que a companhia de Miss Monro seria um grande conforto para ambas, e que poderia perfeitamente ter 15 dias ou mais de folga e seria compatível com o fato de que “Jeanie estava crescendo e o médico recomendou-lhe brisa marítima esta primavera, então um mês de férias cairia melhor agora do que depois”. *Procurar direto Mrs. Forbes, cujo nome nem ela mesmo pronunciava, seria um ato de um homem bom e zeloso ou de um apaixonado?*, questionava-se Miss Monro. Mas

nem ela sabia responder a sua própria pergunta e só ficou muito grata pelo ato, sem descobrir o motivo.

Uma carruagem esperava na estação de trem, a mais ou menos 16 quilômetros de Hamley, e Dixon estava na estalagem onde a carruagem parou, pronto para recebê-las.

O velho quase chorou ao vê-las de novo em um ambiente familiar. Vestiu suas roupas dominicais para fazer as honras e, a fim de esconder sua agitação, fingiu um alvoroço sobre as bagagens. Para indignação dos portadores da estalagem, que eram mais novos, ele mesmo transportou as malas para o presbitério, embora com ataques de fadiga ao longo do caminho, tendo que parar e descansar. As mulheres a seu lado comentavam as mudanças nos cavalos e nas árvores, a fim de lhe dar tempo suficiente para revigorar-se, visto que não haveria ninguém para dar as boas-vindas no presbitério, que seria a casa temporária das duas damas. Os criados respeitosos e em luto profundo prepararam tudo e deram a Ellinor um bilhete de Mr. Brown dizendo que ele se abstinha de perturbá-las naquele dia após tão longa jornada, mas que viria pela manhã para informá-las das providências que pensava em tomar, sempre sujeitas à aprovação de Miss Wilkins.

E essas eram bastante simples: certos formulários jurídicos a serem preenchidos, uma seleção de livros e móveis a ser feita e o restante a ser leiloado o mais rápido possível, visto que o sucessor do benefício poderia desejar fazer consertos e alterações no velho presbitério. Por alguns dias, Ellinor ocupou-se dos afazeres da casa, nunca saindo exceto para ir à igreja. Miss Monro, pelo contrário, passeava por todos os lugares, percebendo as mudanças nas praças e nas pessoas, que nunca melhoraram, na sua opinião. Ellinor recebeu muitas visitas (seus inquilinos, Mr. e Mrs. Osbaldistone entre eles), mas, senão em casos raros – a maioria sendo de vida humilde. Ela recusava em ver qualquer um, já que estava cheia de afazeres; 16 anos fazem uma grande diferença em qualquer tipo de pessoa. Os antigos conhecidos de seu pai estavam quase todos ou mortos ou morando longe. Dos que sobraram, havia um ou dois; a estes Ellinor recebeu. Alguns anciãos e enfermos, confinados em suas casas, planejou visitar antes de partir.

Toda noite, quando Dixon acabava seu trabalho na casa de Mr. Osbaldistone, vinha ao presbitério ostensivamente a fim de ajudá-la a arrumar e empacotar os livros, mas a verdade era que os dois estavam muito ligados, estavam vinculados

por um elo inefável. Ficou entendido entre eles que, antes que Ellinor fosse embora, era preciso ver a antiga casa Ford Bank. Não para entrar na casa – embora Mr. e Mrs. Osbaldistone tenham implorado para definir seu próprio tempo para revisitá-la quando a família estivesse ausente –, mas para ver todos os jardins e terrenos mais uma vez, uma visita solene e desagradável, que, por conta da própria infelicidade, parecia a Ellinor como um dever imperativo.

Numa noite, os dois amigos conversavam enquanto ela fazia um catálogo da velha biblioteca comum. As janelas de batente estavam abertas para o jardim e as chuvas de maio exalavam o perfume das moitas de rosas-amarela, recém-copadas bem ali embaixo. Além da cerca viva do jardim, os prados verdes formavam inclinações até o rio. O presbitério ficava tão alto que, sentado em casa, era possível ver além das cercas limítrofes. Homens com ferramentas estavam ocupados nos campos. Ellinor, interrompendo seu trabalho, perguntou a Dixon o que eles estavam fazendo.

— Estão fazendo a nova estrada de ferro — respondeu ele. — Nada mais agradaria o povo de Hamley do que ter uma estrada de ferro para eles… as carruagens não são tão boas hoje em dia.

Falou num tom de ofensa pessoal, típico para um homem que passara toda a sua vida em meio a cavalos e considerava essas locomotivas como rivais desprezíveis, dominando apenas por estratagema.

A certa altura, Ellinor mudou de assunto, falando de algo que ela repetidas vezes recomendava a Dixon com insistência, rogando-lhe para que viesse morar com elas em East Chester. Estava ficando velho, pensou ela, mais velho até em aparência e sentimentos do que em idade, e ela o faria fausto e confortável em seus últimos anos se ele ficasse sob seus cuidados. O acréscimo da herança de Mr. Ness a sua renda possibilitaria não apenas tal plano, mas aliviaria Miss Monro de sua ocupação como professora, a qual, com a sua idade, já vinha se tornando um peso. Ao propor a mudança para Dixon, ele meneou a cabeça.

— Não é que eu seja mal-agradecido, mas estou velho demais para mudar sempre de planos.

— Mas não seria uma mudança voltar a morar comigo, Dixon — insistiu Ellinor.

— Sim, seria. Nasci em Hamley e em Hamley é que devo morrer.

Como insistiu um pouco mais, ele respondeu dizendo que tinha o pressentimento de que se não vigiasse o local onde o defunto foi enterrado, tudo seria descoberto e que este temor com frequência estragava seu prazer em visitar East Chester.

— Não sei ao certo como é, pois às vezes penso que se não fosse pela senhorita, mocinha, ficaria satisfeito em deixar tudo às claras antes de partir. E, algumas vezes, sonho ou vem à minha mente quando deito acordado que alguém está lá, cavando, ou ouço cerrarem a árvore. E então me levanto e vejo através da janela do celeiro… lembra a janela acima dos estábulos que dava para o jardim, todo coberto com folhas do pé de pera? Ali era o meu quarto quando vim trabalhar pela primeira vez e, embora Mr. Osbaldistone tenha me oferecido um mais quentinho, eu sempre dizia que preferia o velho. E por vezes já me levantei cinco ou seis vezes à noite só para ter certeza de que ninguém estava trabalhando debaixo da árvore.

Ellinor sentiu um arrepio. Ele percebeu e conteve seu desafogo em compartilhar suas fantasias supersticiosas.

— Viu, mocinha, como não posso descansar uma noite sequer sem sentir que devo guardar o segredo com minhas mãos e segurando firme dia e noite, como se pudesse abrir a qualquer minuto e ver que está lá? Não! Minha queridinha vai me deixar vê-la sempre e sei que sempre posso pedir pelo que eu quiser, e se Deus quiser me guardar, devo dizer a ela, e verá que não quero nada. Mas, de alguma forma, nunca poderei sair de Hamley. Você precisa vir e me seguir até meu túmulo quando a minha hora chegar.

— Não fale assim, Dixon — rogou-lhe.

— Imagina, será uma misericórdia quando puder deitar e dormir em paz, embora, às vezes, receio que a paz não me virá até mesmo lá. — Saiu da sala, e agora estava mais falando sozinho do que com ela. — Dizem que a verdade sempre vem à tona e, se não fosse por causa dela, desejaria confessar tudo antes de morrer.

Ellinor não ouviu a última parte desta frase dita murmurada. Estava olhando a carta que acabava de chegar e que requeria resposta imediata. Era de Mr. Brown. Seus bilhetes eram diários, mas este continha uma carta aberta cuja caligrafia lhe era familiar – não precisava da assinatura “Ralph Corbet” para

saber quem era o remetente. Por alguns instantes, ela não conseguiu ler as palavras, que expressavam um pedido bastante simples, e foram endereçadas ao leiloeiro que venderia a valiosa biblioteca do finado Mr. Ness e cujo nome tinha sido publicado em relação à venda, no *Athenæum*, e outros jornais similares. Para ele que Mr. Corbet escreveu, dizendo que não poderia estar presente quando os livros fossem vendidos, mas que desejava recomprar, a qualquer preço a ser decidido, uma edição rara in-fólio de *Virgílio*, encadernado em pergaminho e com comentários em italiano. O livro foi descrito por inteiro. Embora não sendo uma estudiosa do latim, Ellinor conhecia bem o livro. Lembrava-se do seu aspecto naquela época e poderia facilmente pôr as mãos nele. O leiloeiro mandou o pedido para o seu empregado, Mr. Brown. E este cavalheiro o submeteu a Ellinor, para seu consentimento.

Ela percebeu que a futura venda era tudo o que Mr. Corbet sabia e que ele não poderia saber a quem os livros pertenciam. Pegou o livro, embalou e amarrou-o com mãos trêmulas. *Ele* seria a pessoa a desatar o nó. Era estranhamente familiar que seu amor, após tantos anos, tenha despertado assim com este contato com ele. Escreveu uma pequena mensagem para Mr. Brown, na qual lhe pedia para dizer, em seu nome e sem qualquer menção a ela, que ele, como executor, solicite o consentimento de Mr. Corbet em receber *Virgílio* como lembrança de seu antigo amigo e professor. Então tocou o sino e entregou a carta e o pacote ao criado.

Novamente sozinha, e a carta aberta de Mr. Corbet na mesa. Pegou-a e olhou até que as letras ficassem ofuscadas e vermelhas no papel branco. Sua vida andou para trás e ela era uma menina de novo. Enfim, levantou-se, mas em vez de destruir o bilhete – fazia anos desde que todas as cartas de amor dele tinham sido retornadas ao remetente –, abriu outra vez seu baú de escritos e pôs esta carta cuidadosamente no fundo, entre as folhas de rosa mortas que embalsamavam a carta do pai achada sob o travesseiro após a sua morte, o pequeno cacho loiro de sua irmã e a costura inacabada da mãe.

O bauzinho surrado foi presente do seu pai há muito tempo e desde então era levado com ela para todos os lugares. Para ser exata, as mudanças de lugar foram bem poucas, mesmo se fosse para Nova Zembla, a visão daquela caixinha de couro ao acordar lhe daria uma sensação de estar em casa. Trancou o baú novamente e sentiu-se mais rica naquela manhã.

Dois dias depois, ela foi embora de Hamley. Antes de ir, obrigou-se a dar

uma volta nos jardins e terrenos de Ford Bank. Fez com que Mrs. Osbaldistone entendesse que seria doloroso para ela entrar novamente na casa, mas Mr. Osbaldistone a acompanhou em sua caminhada.

— Veja como obedecemos literalmente à cláusula no contrato que nos impede de qualquer alteração — disse ele, sorrindo. — Estamos vivendo num emaranhado denso de mato. Devo confessar que gostaria de ter cortado um bocado, mas não fazemos nem o desbaste necessário sem o requerimento adequado e com a permissão de Mr. Johnson. Na verdade, seu velho amigo Dixon tem ciúmes de cada galho que o jardineiro corta. Nunca conheci companheiro mais fiel. Um bom servo também, a seu modo, mas de alguma forma um pouco antiquado para minha mulher e minhas filhas, que reclamam de ser rabugento de vez em quando.

— Não está pensando em se desfazer dele? — perguntou Ellinor, com ciúmes de Dixon.

— Ah, não. Nós somos amigos inseparáveis. E creio que Mrs. Osbaldistone nunca consentiria com sua partida. Mas algumas damas, a senhora sabe, apreciam maneiras mais subservientes que o nosso amigo Dixon pode ostentar.

Ellinor não respondeu. Estavam percorrendo o jardim de flores multicolorido que escondia a memória terrível. Ela não conseguiu falar. Apesar do esforço, sentia-se como se não conseguisse se mexer – assim como nos pesadelos –, mas tinha passado do lugar mesmo quando este terror atingiu seu ápice e, quando voltou a si, Mr. Osbaldistone continuava falando calmamente...

— É agora uma recompensa por nossa obediência a sua vontade, Miss Wilkins, pois se a estrada de ferro projetada passasse pelo meio do campo de freixos ali seríamos perpetuamente perturbados pelos trens. Decerto, o som teria sido ainda mais diferente do que o que vem dos galhos entrelaçados. Então, não vai entrar, Miss Wilkins? Mrs. Osbaldistone queria que eu dissesse como estamos felizes… Ah, entendo essa sensação… Claro, claro. É que é o caminho mais curto até a vila que os mais velhos sempre passam pela estrebaria. Para os mais moços, talvez não seja tão agradável. Ah! Dixon! — continuou ele. — Sempre vigiando tudo para uma Miss Ellinor que tanto ouvimos dizer! Esse velho — continuou para Ellinor — nunca está satisfeito com a montaria de nossas damas, sempre comparando o modo de cavalgar com o de uma certa mocinha... “Fazer o quê, senhor. Elas têm uma pegada diferente e montam de um

modo desajeitado. Agora, Miss Ellinor, lá...”

— Ah, Dixon — sussurrou, percebendo que o velho empregado não era popular com a patroa. — Acho que gostaria de passar algumas horas na companhia de Dixon. Temos algo a fazer juntos antes de partir.

Com o consentimento do senhor, os dois caminharam, conforme combinado previamente, em direção ao cemitério de Hamley, onde ele apontaria o local exato em que desejava ser enterrado. Pisando forte pela grama espessa e comprida, mas evitando passar diretamente por cima das covas espalhadas densamente, ele foi direto para um ponto – um espaço estreito de terreno desocupado ao lado, onde Molly, a bela ajudante de cozinha, jazia:

Consagrado em memória de

MARY GREAVES

1797-1818.

Partimos para nos encontrar novamente.

— Coloquei esta lápide aqui com minhas primeiras economias — disse ele, olhando para a pedra e, depois, com a faca, começou a limpar as letras. — Naquela época, eu disse que ficaria ao seu lado. E será um conforto pensar que você me verá aqui. Tenho certeza de que ninguém seria tão ranzinza de levar a sério um capricho até este ponto do chão.

Ellinor tirou proveito do único prazer que o dinheiro lhe possibilitou dar ao velho e prometeu que tomaria conta de tudo e compraria o direito daquele espaço específico. O que era, evidentemente, uma alegria para Dixon, pois sempre desejara isso. Vivia dizendo:

— Fico devendo um grande favor, Miss Ellinor. Sou seu devedor de verdade. — E quando as viu no vagão no dia seguinte, suas últimas palavras foram: — Não consigo expressar minha grande gratidão pelo assunto do cemitério.

Foi muito mais natural conceder a Miss Monro um conforto adicional. Mais contente que ela impossível. Ainda estudava línguas no tempo livre, mas admitiu estar cansada de ensinar, ocupação por toda uma vida nos últimos 30 anos. Ellinor agora podia conceder-lhe a liberdade e ela aceitou a generosidade de sua

ex-aluna com a mesma gratidão inocente de uma mãe que recebe um favor de uma filha.

— Se Ellinor se casasse com o cônego Livingstone, eu seria mais feliz como jamais fui desde que meu pai morreu — costumava dizer para si na solidão do seu quarto, pois pensar alto tinha se tornado um hábito nos primeiros anos de vida isolada como governanta. — Mas mesmo assim — continuou —, não sei o que faria sem ela. Sorte minha que as coisas não estão sob meu domínio, pois faria uma grande bagunça de um jeito ou de outro. Ah! Como a velha Mrs. Cadogan costumava odiar esta palavra "bagunça" e corrigir as netas a usá-la corretamente na minha frente quando eu mesma dizia um segundo antes! Bem, esses dias já se foram. Graças a Deus!

Apesar de agradecer o fato de que "as coisas não estão sob o seu domínio", Miss Monro fez todo o possível para persuadir Ellinor a deixar que convidasse o cônego para seus "pequenos chás sociáveis". O mais convidativo era saber que ele viria se fosse chamado, mas ela nunca conseguia permissão para fazê-lo.

— Claro, nenhum homem continuará assim para sempre sem encorajamento — confidenciava para si em tom queixoso e, conforme o tempo passava, muitas pessoas acreditavam que o cônego bacharel estava prestando muita atenção em Miss Forbes, a filha mais velha da família à qual a delicada Jeanie pertencia. Os Forbes eram talvez a família com quem tanto Miss Monro quanto Ellinor tinham mais intimidade em East Chester. Mrs. Forbes era uma viúva abastada, com uma extensa linhagem de filhas formosas e delicadas. Ela pertencia a uma das grandes mansões em certo condado, mas casou-se na Escócia. Então, após a morte do marido, o mais natural era instalar-se em East Chester. Suas filhas foram as primeiras alunas de Miss Monro e, posteriormente, viraram suas amigas. Mrs. Forbes sempre gostou muito de Ellinor, mas foi há um tempo antes que ela conquistasse a discrição tímida da qual Miss Wilkins se cercava. Foi Miss Monro, incapaz de sentir ciúmes, que perseverou em tecer elogios de uma para outra e fazê-las se conhecerem. E agora Ellinor sentia-se íntima com a família de Mrs. Forbes como nunca se sentiu com qualquer outra família que não fosse a dela.

Mrs. Forbes era tida como propensa a doença, não sem motivo, visto que perdeu muitas irmãs com tuberculose. Miss Monro reclamava, com frequência, das faltas das alunas por causas banais. Mas ninguém se espantou mais que ela quando, no outono depois da morte de Mr. Ness, Mrs. Forbes contou-lhe que

notara fragilidade no rosto de Ellinor e crescente falta de ar. A partir daquele dia, começou a importunar Ellinor (se alguém tão doce e paciente pudesse alguma vez importunar alguém) sobre a necessidade de respiradores e precauções. Ellinor cedeu aos desejos e cuidados da amiga antes que pudesse ficar ansiosa, permanecendo como prisioneira dentro de casa durante todo o mês de novembro. Em seguida, as preocupações de Miss Monro tomaram outro rumo. Ellinor já não possuía apetite e ânimo – uma consequência natural de tantas semanas confinada em casa. Um plano surgiu, de repente, numa manhã de dezembro e obteve o consentimento de todos menos de Ellinor. Porém, estava muito lânguida para oferecer qualquer resistência.

Mrs. Forbes e suas filhas viajariam para Roma por três ou quatro meses, a fim de evitar os ventos irritantes do leste da primavera. Por que Miss Wilkins não poderia ir junto? Elas queriam, Miss Monro queria, embora com o coração apertado com a ideia de separação longa daquela que era quase como uma filha. Ellinor, assim, foi levada e conduzida pela opinião unânime dos outros – incluindo o médico, que decidiu que tal passo era bastante desejável, se não absolutamente necessário. Sabia que apenas tinha uma renda vitalícia da propriedade do pai e a herança deixada por Mr. Ness. Até agora, nunca tinha se importado com isso, como deveria no curso natural dos acontecimentos em que sustentaria Miss Monro e Dixon, de quem cuidava como seus dependentes. Tudo o que podia deixar como herança eram pequenas economias, que não seriam suficientes para os dois propósitos, especialmente considerando que Miss Monro tinha parado de dar aulas e que ambos, ela e Dixon, já estavam avançados em idade.

Antes de Ellinor deixar a Inglaterra, tomou todas as providências que Mr. Johnson poderia sugerir para sua eventual morte no exterior. Escreveu e enviou uma carta longuíssima para Dixon; e uma menor deixada para o cônego Livingstone (não ousava sugerir a possibilidade de sua morte para Miss Monro) para ser enviada ao velho homem.

Ao saírem da estação King’s Cross, passaram pela carruagem de um cavalheiro. Ellinor avistou uma dama bela e elegante, uma ama-seca e um bebê dentro e um cavalheiro cujo rosto ela jamais esqueceria. Era Mr. Corbet levando sua mulher e filho para pegar o trem. Era Natal e estavam indo visitar o deado de East Chester. Estava encostado para trás, sem notar os transeuntes nem atentar para os outros ocupantes do veículo, provavelmente absorto refletindo sobre algum caso jurídico. Assim eram os relances casuais que Ellinor tinha daquele a

cuja vida ela pensara estar ligada.

Quem ficaria mais orgulhosa que Miss Monro quando uma carta do estrangeiro chegou? Sua correspondente não foi particularmente vívida em suas descrições, tampouco havia aventuras a ser relatadas, nem era um hábito de Ellinor fazer claras e precisas suas impressões do que via, e sua timidez natural não permitia que fosse eloquente em sua comunicação mesmo com Miss Monro. Mas aquela dama leria de bom grado em voz alta tais cartas para os deãos e cônegos e não teria ficado surpresa caso a convidassem para as reuniões eclesiásticas para tal fim. Para o seu círculo de senhoras que nunca haviam viajado, mas extremamente ávidas por informação, todas as reminiscências históricas e detalhes bastante formais eram bem curiosos.

Naquela época, não havia ferrovias entre as cidades de Lyon e Marseille, tornando a viagem vagarosa, e o vaivém de cartas, quando chegaram em Roma, demorava e era incerto. Mas tudo parecia bem. Ellinor disse que estava melhor de saúde e o cônego Livingstone (desde que Ellinor viajou, entre Miss Monro e ele surgira grande intimidade agora que Miss Monro podia convidá-lo para o chá) confirmou o bom estado de Miss Wilkins com uma carta que recebera de Mrs. Forbes. A curiosidade acerca desta carta foi um suplício para Miss Monro. O que poderiam ter para escrever um ao outro? Era muito estranho, apesar de terem parentes distantes, conforme os costumes da Escócia. Poderia ser que ele tenha proposto casamento a Euphenia, enfim, e que a sua mãe tenha respondido; ou, talvez, houvesse uma carta para Effie em anexo. Era uma lástima para a paz de espírito de Miss Monro o fato de não ter lhe perguntado diretamente. Depois, descobriu que o cônego Livingstone não tinha a menor intenção de ocultar que Mrs. Forbes lhe escrevera apenas para lhe dar orientações mais claras sobre doações que ela não teve tempo de pensar na pressa da viagem. Assim, um pouco mais tarde, ela o ouviu falar sobre a possibilidade de ir ele mesmo a Roma, assim que seu prazo de residência terminasse, a tempo para o Carnaval. Ela, desesperada, desistiu do seu plano tolo e sentiu-se como uma criança cujo castelo de areia se desfizera pela lufada de passante. Um puro azar.

Entretanto, a mudança total de cenário provocou um refrigério extraordinário e permitiu uma mudança total de pensamento. Ellinor não tinha sido capaz de esquecer o passado por muitos anos. Era como revigorar sua juventude, abreviada tão repentinamente pelas lâminas do destino. Desde aquela noite, ela tinha a obrigação de se levantar pela manhã consciente e com a completa compreensão do motivo real que tinha para tanto medo e tanta aflição. Agora,

quando despertava em seu quartinho, no quarto andar, número 36, Babuino, ela via coisas belas e diferentes ao seu redor e seus pensamentos voavam longe em maravilhas agradáveis e conjecturas, memórias felizes do dia anterior e boas expectativas do dia seguinte. Latente em Ellinor estava o temperamento artístico de seu pai. Tudo novo e exótico era como um quadro agradável; qualquer grupo na rua, um *facchino* romano com o capote sobre os ombros, uma menina indo ao mercado ou carregando uma cântara do chafariz, cada coisa e cada pessoa diante de seus sentidos dava-lhe um delicioso choque, como se fossem estranhamente familiares das pinturas de Pinelli, mas jamais vistas por seus olhos mortais.

Esqueceu-se do desânimo, de sua saúde frágil como por mágica. As Misses Forbes, que estavam pensativas, retraindo-se como companhia por pura gentileza, descobriram-se amplamente recompensadas pela melhora em sua saúde e seu vivo contentamento com tudo e as expressões, meio singulares, meio ingênuas de felicidade.

Então março chegou. A quaresma vinha tardia naquele ano. Os ramalhetes de violetas e camélias estavam à venda na esquina da rua Condotti e os farristas não encontravam dificuldades em granjear flores raras para as belas do Corso. As embaixadas tinham suas sacadas; os adidos da embaixada russa distribuíam velas e presentes adoráveis a cada moça formosa ou sob suspeita de formosura, que desfilavam em carretes, cobertas de mascarilhas brancas e portando outras máscaras de arame a fim de proteger o rosto das chuvas de *confetti* de gesso, que, do contrário, seriam suficientes para cegá-las.

Mrs. Forbes tinha sua própria sacada, já que era uma inglesa abastada e respeitável. As meninas com grandes cestas cheias de buquês davam saraivadas aos amigos que estavam na multidão lá embaixo. Um estoque de *moccoletti* ficava empilhado na mesa logo atrás, pois era o último dia do Carnaval e, tão logo anoitecia, os círios deveriam ser acesos para depois serem extintos rapidamente por qualquer meio ao alcance de todos. A multidão lá embaixo estava no auge da loucura: as fileiras dos *contadini* imponentes, sentados imóveis como seus possíveis ancestrais; os senadores que recebiam Breno e os gauleses. Antefaces e mascarilhas brancas, senhores estrangeiros e a escumalha da cidade, carretes que passavam devagar, expositores de flores – a maioria murcha a essa hora –, todos gritando e debatendo-se no clímax da excitação, que poderia em breve tornar-se fúria.

As irmãs Forbes deram lugar na janela a sua mãe e Ellinor, que pasmavam,

entretidas e apavoradas ao mesmo tempo com a multidão enlouquecida e colorida ali embaixo, quando um rosto familiar ergueu-se, sorrindo ao reconhecê-las e ouviu-se: “Como chego até vocês?”, em inglês, pela voz bem conhecida do cônego Livingstone. Viram-no desaparecer sob a sacada em que estavam, mas foi por um momento antes de se fazer presente na sala. E quando chegou, quase foi tomado de saudações de tão felizes que estavam ao ver um rosto de East Chester.

— Quando chegou? Onde está? Pena que não veio mais cedo! Faz tanto tempo que não sabemos de nada, conte-nos tudo! Há três semanas não recebemos nenhuma carta… aqueles navios têm sido muitos irregulares por causa do tempo. Como estão todos… Miss Monro em particular? — perguntava Ellinor.

Ele, sorrindo discretamente, respondia a todas as perguntas por etapas. Tinha chegado só na noite anterior e passou o dia todo caçando-as, mas ninguém lhe deu notícias do seu paradeiro naquele lugar barulhento e confuso, principalmente porque tinham apenas um criado inglês com elas e o seu italiano não era muito fluente. Não lamentava ter perdido tudo menos o último dia do Carnaval, pois estava meio cego e completamente surdo. Ele estava na “Angleterre”. Saiu de East Chester há uma semana, tinha cartas para todas, mas não ousou colocá-las em seu bolso, pois temia serem roubadas na multidão. Miss Monro estava bem, mas um pouco preocupada por não ter tido notícias de Ellinor por tanto tempo. A irregularidade dos navios deve ser de ambos os lados, pois seus amigos ingleses também imaginavam o porquê de não terem recebido cartas de Roma. Em seguida, houve algumas violações do correio de Roma e certa suspeita sobre o descuido de criados italianos postando cartas inglesas. Todas essas respostas foram satisfatórias, mas Mrs. Forbes notou certo desconforto nas maneiras do cônego Livingstone e certa hesitação, algumas vezes, ao responder às perguntas de Ellinor. Mas não tinha tanta certeza, já que a escuridão se alastrava, dificultando a visão de semblantes. Ainda por cima, em meio a constante interrupções e gritos que vinham do pequeno cômodo lotado, enquanto lenços volantes, golpes de vento ou mesmo extintores, presos a bastões longuíssimos, vindo sabe-se lá donde, apagavam um círio atrás do outro tão logo fossem acesos.

— Venha conosco para a casa — convidou Mrs. Forbes. — Só posso oferecer-lhe carne fria com chá. Nossa cozinheira já foi embora e esta é uma festa universal, mas não vamos desistir de um velho amigo por qualquer

escrúpulo com a comida.

— Obrigado. Deveria ter me convidado caso não fosse tão gentil em me perguntar.

Quando chegaram em seu apartamento em Babuino (cônego Livingstone tinha ido buscar as cartas que fora confiado a guardar), Mrs. Forbes estava correta em suas suspeitas de que ele tinha algo particular e não muito agradável para dizer a Ellinor, pela maneira bem séria e distraída na qual ele a esperou retornar ao buscar suas coisas para sair. De fato, interrompeu sua conversa com Mrs. Forbes e foi encontrar com Ellinor e a conduziu para a janela mais distante antes de lhe entregar sua correspondência.

— Com base no que disse na sacada antes, temo que não tenha recebido suas cartas de casa regularmente?

— Não — respondeu ela, assustada e trêmula, mal sabia o porquê.

— Nem Miss Monro tem recebido cartas suas, nem, acredito, alguém que esperava receber. Seu homem de negócios… esqueci o nome dele.

— Meu homem de negócios! Algo de ruim aconteceu, Mr. Livingstone? Conte-me… quero saber. Tenho esperado por isto… apenas conte-me. — Sentou-se de repente, branca como a neve.

— Querida Miss Wilkins, temo que seja deveras doloroso, mas está encarando isto da pior forma possível. Todos os seus amigos estão bem, mas um velho criado...

— Bem! — disse ela, vendo a sua hesitação, inclinando-se para frente e apertando o braço dele.

— Ele foi acusado de homicídio ou assassinato. Oh! Mrs. Forbes, venha aqui!

Ellinor tinha desmaiado, caindo sobre o braço em que se apoiara. Quando voltou a si estava parcialmente despida na cama. Tentaram dar-lhe chá a colheradas.

— Devo levantar — gemeu ela. — Devo ir para casa.

— Deve é ficar deitada — disse Mrs. Forbes em tom firme.

— A senhora não sabe, preciso voltar para casa — repetiu e tentou se sentar, mas tombou de costas impotente. Assim, não mais falou, mas ficou deitada pensativa. — Poderia trazer-me carne? — sussurrou. — E um pouco de vinho? — Trouxeram-lhe carne e vinho, ela comeu, porém sentia-se sufocar.

— Agora por favor, traga-me minhas cartas, deixe-me sozinha. Depois gostaria de falar com o cônego Livingstone. Não o deixe ir embora, por favor. Não vou me demorar, só meia hora, acho. Só deixe-me sozinha.

Falou em tom exaltado, com mescla de ardor e urgência, o que deixou Mrs. Forbes muito preocupada, mas julgou melhor aquiescer aos pedidos.

As cartas vieram, as luzes preparadas para que ela as lesse deitada na cama, e então saíram. Mais tarde, levantou-se e ficou de pé, bastante tonta, com os braços apertando o topo da cabeça, os olhos dilatados e fitos como se avistasse uma coisa repugnante. Depois de alguns minutos, sentou-se de repente e começou a ler. Faltavam algumas cartas evidentemente. Algumas tinham sido enviadas em uma ocasião que foi adiada na jornada e ainda não tinham chegado a Roma. Outras foram despachadas pelo correio, mas o tempo ruim, a neve incomum naqueles dias, antes de a estrada de ferro ser construída entre Lyon e Marseille, colocou um ponto final nos planos de muitos viajantes e tornara a transmissão do correio extremamente incerta. Então, muitas das informações que Miss Monro considerara como certas de ser conhecidas por Ellinor eram puramente conjecturas e só poderiam ser adivinhadas pelo conteúdo dessas cartas. Uma era de Mr. Johnson, uma de Mr. Brown, uma de Miss Monro; claro que esta última foi a primeira a ser lida. Ela falou do choque frente à descoberta do corpo de Mr. Dunster, encontrado nas escavações para a nova linha da ferrovia que partiria de Hamley para a próxima estação. O corpo fora enterrado de modo apressado há muito tempo com as roupas e por elas foi reconhecido, confirmado por mais algumas coisas pessoais e indestrutíveis, como o relógio e um brasão com suas iniciais. O choque foi geral, especialmente para os Osbaldistones, quando descobriram posteriormente uma lanceta de cavalo, com o nome de Abraham Dixon esculpido na manivela. Como há algumas semanas Dixon tinha ido resolver negócios de Mr. Osbaldistone numa feira de cavalos na Irlanda, e tinha quebrado a perna em virtude de um coice de uma égua bravia, ele mal pôde sair do lugar quando os oficiais de justiça foram detê-lo em Tralee.

Nesse exato momento, Ellinor gritou soltando grunhidos.

— Ah, Dixon. E eu aqui me divertindo.

Ouviram-na chorar e vieram até a porta, mas estava trancada por dentro.

— Por favor, vão embora — disse ela. — Ficarei quieta, só, por favor, vão embora.

Não suportou ler nem mais uma carta de Miss Monro; rasgou a de Mr. Johnson – a data era de 15 dias antes da de Miss Monro. Ele também expressou seu pesar por não ouvir notícias suas, em resposta a sua carta de 9 de janeiro, mas acrescentou que os fideicomissários julgaram bem; a boa soma que a companhia férrea oferecera pela terra quando seu inspetor decidira alterar a linha, Mr. Osbaldistone, etc, etc. Não conseguiu mais ler. Era o destino a perseguindo. Depois, tomou a carta e tentou novamente, mas tudo que alcançou seu entendimento era o fato de que Mr. Johnson tinha enviado sua carta a Miss Monro, na expectativa de que ela soubesse de alguma oportunidade privada mais segura do que o correio. A carta de Mr. Brown era apenas ordinária, parecida com a que ele eventualmente mandava de tempos em tempos: uma correspondência que surgiu em virtude da estima mútua que tinha pelo finado amigo Mr. Ness. Esta, também, tinha sido enviada para que Miss Monro a direcionasse. Ellinor estava a ponto de deixar os papéis de lado quando o nome Corbet chamou-lhe a atenção: “Você terá o interesse em ouvir que o antigo pupilo do nosso amigo que já se foi, que estava tão nervoso em obter o fólio de Virgílio com os comentários italianos, foi indicado como o novo juiz interino de Mr. Justice Jenkin. Pelo menos concluo que Mr. Ralph Corbet, conselheiro da rainha, seja o mesmo entusiasta ‘virgiliano’.”

— Sim — disse Ellinor, amargamente —, julgou bem. Isso nunca seria feito. — Essas foram as primeiras palavras em tom de reprovação que formara em pensamento durante todos esses anos. Lembrou por um momento dos velhos tempos; parecia-lhe acalmar a mente. Então pegou a carta de Miss Monro para terminar. Aquela ilustre amiga já tinha providenciado tudo que Ellinor desejara sem demora. Já havia escrito a Mr. Johnson e o encarregou de fazer todo o possível para defender Dixon sem poupar qualquer dispêndio. Ela pensava em ir à prisão daquela vila a fim de ver o velho, mas Ellinor percebeu que toda essa diligência e intento de Miss Monro tinham como fundamento seu amor por sua aluna, além do desejo de acalmá-la o máximo possível, em detrimento de

qualquer possibilidade de que Dixon fosse inocente. Colocou as cartas de volta no baú e foi até a porta, depois retornou e o trancou com mãos trêmulas. Depois, dirigiu-se à sala de estar, com o semblante que mais parecia a de um espectro do que a de uma mulher viva.

— Posso falar com o senhor a sós? — a voz estacionária e dissonante tornou suas palavras em comando. O cônego Livingstone levantou-se e a seguiu até a sala de jantar. — Diga-me tudo o que sabe, tudo que ouviu falar sobre… você sabe.

— Miss Monro foi minha informante, pelo menos no início, pois saiu no *Times* um dia antes da minha partida. Miss Monro disse que só pode ter sido em um momento de raiva, caso o velho criado seja mesmo culpado, porque ele era um homem bom e sóbrio e parecia não gostar de Mr. Dunster, que sempre dava a seu pai problemas desnecessários. Na verdade, ela deu a entender que o desaparecimento dele teria sido supostamente a causa da perda considerável do patrimônio de Mr. Wilkins.

— Não — disse Ellinor, impaciente, sentindo que deveria fazer justiça ao morto, mas logo parou abruptamente, temendo dizer algo que revelasse seu pleno conhecimento. — Quero dizer, Mr. Dunster era muito desagradável pessoalmente… e papai… nenhum de nós gostava dele, mas era muito honesto… por favor lembre-se disso.

O cônego inclinou-se e disse algumas palavras de acordo. Esperou por ela até falar novamente.

— Miss Monro disse que iria ver Dixon em…

— Ah, Mr. Livingstone, não consigo suportar!

Ele a deixou em paz, olhando-a com pena, enquanto torcia e retorcia as mãos na tentativa de recompor a postura calma a qual se empenhara em manter durante toda a conversa. Ergueu os olhos e forçou um sorriso de desculpas.

— É terrível pensar que tão boa pessoa esteja na prisão!

— Não acha que ele é culpado! — exclamou Livingstone, surpreso. — Receio que, de tudo o que ouvi dizer, há poucas dúvidas de que ele matara o homem. Deve ter sido em algum momento de irritação, mas sem qualquer

maldade premeditada.

Ellinor meneou a cabeça.

— Em quanto tempo chego à Inglaterra? — perguntou. — Preciso ir logo.

— Mrs. Forbes despachou uma encomenda enquanto você estava deitada. Lamento, mas não há nenhum barco que vá a Marseille até quinta-feira, depois de amanhã.

— Mas preciso ir logo — respondeu Ellinor, levantando-se. — Tenho que ir, por favor, me ajude. Talvez ele seja julgado antes que eu chegue lá!

— Ai de mim! Temo que sim, por mais apressada que esteja. O julgamento está previsto para acontecer no tribunal de Hellingford, e a cidade fica em primeiro lugar na lista de circuito do interior. Hoje é dia 27 de fevereiro, as sessões começam no dia 7 de março.

— Sairei amanhã cedinho para Civita. Talvez haja um navio lá de que não saibam aqui. De qualquer forma, devo seguir. Se ele morrer, também devo morrer. Oh, não sei o que estou dizendo, estou totalmente abatida! Seria de imensa gentileza de sua parte se fosse embora e não deixasse ninguém entrar. Sei que Mrs. Forbes é tão bondosa que vai me perdoar. Despedir-me-ei de todos antes de partir amanhã pela manhã, mas tenho que pensar agora.

Por um momento, ele parou com um olhar como se desejasse confortá-la com mais palavras. Pensou melhor, no entanto, e silenciosamente saiu do quarto.

Por um longo período, Ellinor permaneceu estática, por vezes pegando a carta de Miss Monro e relendo os poucos e terríveis detalhes. Depois, lembrou que possivelmente o cônego estaria com um exemplar do *Times* que continha a investigação de Dixon perante os magistrados e abriu a porta para perguntar a um criado que passava. Estava certa em sua conjectura. Dr. Livingstone estivera com o jornal no bolso durante a conversa, mas achou que a evidência era tão conclusiva que sua leitura atenta apenas lhe traria ainda mais sofrimento ao acelerar a convicção de que Dixon era culpado, que, conforme acreditava, chegaria cedo ou tarde.

Ele estava lendo a reportagem com Mrs. Forbes e suas filhas, após retornar ao quarto de Ellinor e todos compartilhavam da sua opinião sobre o assunto,

quando seu pedido pelo *Times* foi atendido. Com relutância, concordaram, dizendo que não parece haver sombra de dúvida acerca do fato de que Dixon assassinara Mr. Dunster, talvez sob circunstâncias atenuantes, assim esperavam, de que Ellinor provavelmente se lembraria e que desejava expor no julgamento que se aproximava.

CAPÍTULO XIII

Ellinor, após ler a matéria sobre a investigação acerca de Dixon no jornal, molhou os olhos e a testa com água fria, tentando acalmar seus batimentos cardíacos, a fim de clarear a mente e recobrar a importância das provas.

Cada linha era condenatória. Algumas das testemunhas falaram do visível desapreço de Dixon em relação a Dunster, um desapreço que Ellinor sabia que fora nutrida pelo velho criado a partir de uma espécie de lealdade ao mestre, além do desgosto pessoal. A lanceta, sem dúvida alguma, pertencia a Dixon. E um homem que tinha sido cavalariço a serviço de Mr. Wilkins jurou que, no dia em que Mr. Dunster desaparecera, quando a cidade inteira se perguntava sobre seu sumiço, um potro de Mr. Wilkins tinha sangrado e ele tinha sido enviado por Dixon para um ferrador para fazer uma lanceta de cavalo, uma incumbência bem lembrada, já que sabia que Dixon tinha sua própria lanceta.

Mr. Osbaldistone foi investigado. Sempre interrompia sua fala ao expressar surpresa pelo fato de que um homem tão sóbrio e organizado como Dixon fosse culpado de um crime tão abominável. E ele estava disposto a testemunhar a favor do excelente caráter que demonstrara durante os muitos anos a seu serviço. No entanto, parecia estar bastante convencido pela prova previamente dada da culpa do prisioneiro e reforçou o caso contra ele materialmente, atestando sua relutância persistente em realizar a menor interferência de cultivo naquela área específica do solo.

Ellinor estremeceu. Diante de si, naquele quarto romano, apareceu uma folha alongada – trazida pelo destino – que conhecia bem: um pequeno musgo ou líquen verde e folhas finas de grama que cobriam o solo duro e inalterado debaixo daquela velha árvore. Ah, se estivesse na Inglaterra quando os agrimensores da ferrovia entre Ashcombe e Hamley alteraram o percurso, teria suplicado, implorado, forçado os fiduciários a não venderem aquele pedaço de chão por qualquer quantia de dinheiro. Teria subornado os agrimensores, teria feito o que fosse preciso… mas agora era tarde demais. Não deixaria seus

pensamentos descaminharem sobre o que poderia ter sido feito.

Ela se obrigou a prestar atenção nas colunas dos jornais. Havia mais: perguntaram ao prisioneiro se poderia dizer algo em sua defesa e o avisaram de maneira apropriada a não dizer nada que o incriminasse. O coitado fora retratado em sua evidente emoção. “Notou-se que o prisioneiro agarrou as grades à sua frente para se estabilizar e sua cor mudou tanto nesta parte da prova que um dos carcereiros lhe ofereceu um copo de água, que foi recusado. Era um homem robusto, de forte compleição física e um olhar sombrio e taciturno.”

— Meu pobre, pobre Dixon! — lamentou Ellinor, devolvendo o jornal por um instante. Estava a ponto de chorar até que decidiu não derramar lágrimas até que tivesse terminado com tudo e pudesse pesar as oportunidades. Havia ainda mais algumas linhas: “O prisioneiro pareceu querer alegar algo em sua defesa, mas mudou de ideia, se este fosse o caso, e em resposta a Mr. Gordon (o magistrado) apenas disse: “Os senhores têm uma forte causa contra mim, cavalheiros e que parece ser suficiente, portanto, acho que não vou perturbá-los dizendo nada além disso.” Dessa forma, Dixon agora será julgado por assassinato na próxima a sessão do tribunal de Hellingford, que começará no dia 7 de março, perante o barão Rushton e Mr. Justice Corbet.”

— Mr. Justice Corbet! — As palavras trespassaram Ellinor como golpes a facadas, e em um movimento irreprimível ela permaneceu rígida. O rapaz, seu amor da juventude, o velho criado, que naquela época sempre estivera a seu favor; os dois que com tanta frequência travavam relações familiares, se não fraternas, agora um diante do outro como juiz e réu! Ela não saberia dizer o quanto Mr. Corbet deduzira da revelação parcial que lhe fizera sobre o escândalo iminente que pairava sobre ela e os seus. Há alguns dias, poderia ter se lembrado das palavras exatas que usara naquela conversa memorável, mas agora, por mais que tentasse, conseguia apenas recordar fatos, não palavras. Afinal de contas, o tal Mr. Justice Corbet poderia não ser Ralph. Havia uma chance em cem contra a identidade dos dois.

Enquanto pesava as probabilidades em sua cabeça nebulosa e esgotada, ouviu passos mansos do lado de fora da porta trancada e vozes baixas sussurrando. Era a hora de dormir para as pessoas felizes de coração em paz. Alguns dos passos seguiram adiante levemente, mas alguém bateu à porta de Ellinor delicadamente. Pressionou forte as mãos quentes nas têmporas um minuto antes de abrir a porta. Ali estava Mrs. Forbes em seu lindo vestido

noturno, segurando uma candeia acesa.

— Posso entrar, minha querida? — perguntou. Os lábios secos e retesados negaram-se a proferir palavras de assentimento que, de fato, não vieram prontamente do coração. — Estou tão triste com as péssimas notícias trazidas pelo cônego. Entendo perfeitamente o choque que deve ser para você. Estávamos comentando como deve ser ruim para você tanto quanto seria para nós se o nosso velho Donald fosse um assassino escondido durante todos esses anos que viveu conosco. Realmente poderia ter suspeitado logo de Donald, aquele ancião respeitável de cabelos brancos que costumava ir visitá-la em East Chester.

Ellinor sentiu que devia dizer algo.

— Foi um choque terrível… coitado! E sem amigos por perto, até Mr. Osbaldistone dando provas contra ele. Ah, meu Deus, por que fui vir a Roma?

— Agora, meu anjo, não se deixe levar por uma visão exagerada do caso. Ser enganada é triste e repugnante. É o que acontece com muitos de nós, embora não a um ponto tão drástico. E sobre sua vinda a Roma ter alguma coisa a ver com isso...

Mrs. Forbes sorriu com a ideia, de tão preocupada que estava em banir a autocensura da cabeça sensível de Ellinor, mas esta a interrompeu de forma abrupta:

— Mrs. Forbes! Ele… Mr. Livingstone lhe contou que devo ir embora amanhã? Tenho que ir à Inglaterra o mais rápido possível para fazer o que posso a favor de Dixon.

— Sim, ele nos contou que você estava pensando nisso e foi em parte o que me trouxe até aqui esta noite. Meu amor, acho que está enganada em se sentir obrigada a fazer mais do que, segundo o cônego, Miss Monro já fez em seu nome. Tomou o melhor aconselhamento jurídico e não poupou recursos em dar ao homem todas as chances. Que mais poderia fazer se estivesse lá? E é bastante possível que o julgamento já tenha acontecido quando chegar em casa. Sendo assim, o que pode fazer? Ele pode ser tanto absolvido quanto condenado. No primeiro caso, ele encontraria compaixão do público a seu favor; é sempre assim para o acusado injustamente. Caso seja culpado, minha querida Ellinor, será muito melhor para você ter todo o conforto que a distância pode proporcionar

diante de tão terrível fim de vida de um pobre homem a quem você respeitou durante tanto tempo.

Mas Ellinor falou novamente com um tipo de determinação irritadiça, bastante incomum a sua doçura habitual:

— Por favor, deixe-me que eu julgue por mim mesma desta vez. Não sou ingrata. Deus sabe que não quero importunar quem tem sido tão gentil comigo quanto a senhora, Mr. Forbes, mas tenho que ir… e cada palavra que diz a fim de dissuadir meus planos só me deixa mais convencida. Eu vou para Civita amanhã. Tenho que partir. Não consigo descansar aqui.

Mrs. Forbes a encarou séria em silêncio. Ellinor não suportou a consciência daquele olhar fixo. Mesmo assim tal fixidez só emergiu em virtude da perplexidade por parte de Mrs. Forbes para melhor assistir Ellinor, seja refreando-a com mais conselhos — dos quais a primeira dose mostrou-se inútil — seja acelerando sua partida. Ellinor interrompeu suas meditações:

— Você sempre fora tão amável e bondosa comigo, por favor continue a ser! Deixe-me sozinha agora, querida Mrs. Forbes, pois não aguento mais falar sobre isso, e me ajude a ir embora amanhã. Não imagina o quanto pedirei para que Deus multiplique suas bênçãos!

Tal súplica foi irresistível. Mrs. Forbes a beijou carinhosamente e voltou a ter com suas filhas, que estavam agrupadas no quarto da mãe aguardando seu retorno.

— Então, mamãe, como ela está? O que disse?

— Está muito agitada, pobrezinha! E acometeu-lhe tão forte a noção de que é sua obrigação voltar à Inglaterra e fazer todo o possível para ajudar esse velho desgraçado que receio não poder me opor a ela. Lamento, mas ela realmente deve partir na quinta-feira.

Embora Mrs. Forbes tenha garantido os serviços de uma criada para a viagem, Dr. Livingstone insistiu em acompanhar Ellinor até a Inglaterra. Combater uma resolução em que palavras e modos expressaram tenacidade exigiria mais energia do que Ellinor possuía naquele momento. Preferia viajar sozinha com sua própria criada; não sentia necessidade dos serviços adicionais oferecidos, mas ela estava completamente indiferente e magoada. Todo o seu

interesse estava centrado em Dixon e no julgamento iminente, além da perplexidade pela qual deveria cumprir seu dever.

Embarcaram tarde naquela noite no *Santa Lucia* e Ellinor imediatamente se dirigiu a sua cabine. Não estava mareada — o que possivelmente abrandaria seu sofrimento mental, que durante toda a noite a atormentava. Empoleirada na beliche de cima, ela não queria incomodar os outros ocupantes da cabine até o amanhecer. Então ela desceu, vestiu-se e foi ao convés. O navio estava passando pela costa rochosa de Elba e o céu rutilava em tom róseo, colorindo a sombra da ilha com um roxo extraordinário. O mar ainda se agitava por causa de tempestade de ontem, mas o movimento apenas somava à beleza da espuma branca que formava ondas em curvas na água azul. O ar estava revigorante após o claustro da cabine e Ellinor só imaginava quantas pessoas não estavam ali para apreciá-lo. Alguns passageiros apareceram e, aos poucos, começaram a perambular pelo convés. Dr. Livingstone veio após muito tempo, mas ele parecia ter criado uma regra de não importunar Ellinor, exceto quando pudesse ajudar. Após prosaicas saudações matinais, ele também começou a andar para lá e para cá, ao passo que Ellinor ficava sentada observando serenamente a incrível ilha desaparecendo de maneira veloz, uma linda paisagem que jamais seria vista novamente por aqueles olhos mortais.

De repente, um abalo repercutiu por toda a embarcação, o percurso foi interrompido e sentiu-se uma vibração galopante em toda parte. O tombadilho ficou repleto de fumaça, o que obscureceu tudo. Pessoas aflitas saíram correndo de suas cabines em trajes caseiros. Os passageiros do alojamento — um grupo heterogêneo e pitoresco, com seus trajes vistosos — tomaram refúgio no tombadilho, bradando em todas as variedades de dialetos em francês e italiano. Ellinor levantou-se em silêncio, prestes a desmaiar. Será que o *Santa Lucia* afundaria naquele oceano profundo e Dixon terminaria desamparado em sua jornada? Dr. Livingstone estava ao lado em minutos. Mal pôde vê-lo com o vapor, nem ouvi-lo com o estrondo da fumaça escapando.

— Não se assuste sem necessidade — repetiu ele, um pouco mais alto. — Deve ter acontecido um acidente no motor. Vou lá ver o que houve e volto o mais rápido possível. Confie em mim.

Voltou e a encontrou sentada, tremendo.

— Uma parte do motor quebrou, graças à imprudência desses engenheiros

napolitanos. Dizem ser possível chegar até o porto mais próximo… na verdade, retornar para Civita.

— Mas Elba não está a muitos quilômetros — redarguiu Ellinor. — Se a fumaça não estivesse atrapalhando, daria para ver.

— Mas se desembarcarmos lá poderemos ficar na ilha por muitos dias. Nenhum navio a vapor aporta ali, mas se retornarmos para Civita, teremos tempo de pegar o navio de domingo.

— Ah meu Deus! — disse Ellinor. — Hoje é o segundo… domingo será o quarto… as sessões começam no dia 7. Que azar terrível!

— É mesmo — concordou ele.— E essas coisas sempre parecem duplamente infelizes quando nos impedem de ajudar aos outros. Mas isso não vai se seguir porque as sessões começam em Hellingford dia 7. O julgamento de Dixon chegará logo. Podemos ainda chegar a Marseille na segunda à noite, seguir de carruagem a Lyon, será... deverá ser, temo eu, quinta-feira, o mais cedo possível, antes de chegarmos a Paris… quinta, dia 8 e… creio que saiba de alguma prova que tenha que ser procurada?

Acrescentou a pergunta sem querer. Notara que Ellinor tinha ficado preocupada com a discrição que mantivera até aqui em relação às razões por acreditar que Dixon era inocente. Contudo, ele não se furtava a pensar que ela, uma mulher educada e tímida, sem o costume da decisão ou dos negócios, exigiria alguma assistência que ele de bom grado daria, em especial porque esta adversidade aumentaria a urgência do tempo no qual o que precisava ser feito já teria sido feito.

Mas não. Ellinor mal respondeu a sua pergunta indireta quanto aos motivos de sua ida apressada para a Inglaterra. Ela submetia-se a todas as instruções, concordava com todos os planos dele, mas não lhe dava confidências. E ele teve que aceitar a falta de consideração no que diz respeito aos reais motivos de sua aflição.

Mais uma vez no lúgubre saguão, com o teto pintado e pomposo, com o chão sujo e vazio e os ruídos sem cessar de portas e janelas! Ellinor tinha conduta paciente e submissa, pois estava com o coração farto e desesperado. Sua criada demonstrava dez vezes mais seu aborrecimento e desgosto. Ela, que não tinha motivo algum para querer chegar à Inglaterra, mas que achou ser digno agir

como se tivesse.

Finalmente, o cansativo momento terminou e, mais uma vez, passaram por Elba e chegaram a Marseille. Agora Ellinor começou a perceber o quanto de auxílio foi para ela ter Dr. Livingstone como *courier*, como muitas vezes ele se autodenominou.

CAPÍTULO XIV

— Para onde agora? — perguntou o cônego, ao chegarem à estação London Bridge.

— Para o Oeste — disse ela. — Hellingford é naquela linha, veja. Mas, por favor, agora devemos nos separar.

— Então, não posso ir em sua companhia até Hellingford? Em todo caso, permita-me ir com você até a estação de trem e cumprir minha última tarefa como *courier* em dar-lhe a passagem e colocar as malas no vagão.

Assim foram juntos até a estação e souberam que não havia trem para Hellingford por duas horas. Não havia o que fazer a não ser ir a um hotel próximo e esperar passar o tempo da melhor forma possível.

Ellinor pediu as contas da criada e a dispensou. O cônego pediu uma rápida refeição, comeu e a mesa foi esvaziada. Começou a andar para lá e para cá no quarto, de braços cruzados e olhos abatidos. Vez por outra via as horas no relógio na cornija da lareira. Quando viu que faltavam apenas quinze minutos para o horário marcado para o trem sair, aproximou-se de Ellinor, sentada com a cabeça sobre a mão que estava apoiada na mesa.

— Miss Wilkins — começou, com algo de peculiar em seu tom que impressionou Ellinor —, tenho certeza de que não hesitará em me procurar caso eu possa ajudar de algum jeito nesse seu triste infortúnio?

— Não, certamente não — respondeu Ellinor, agradecida, estendendo a mão. Ele a pegou e segurou. Ela continuou um pouco mais apressada que antes. — Seria muito bondoso de sua parte ir direto ver Miss Monro e lhe contar tudo o que sabe e que lhe escreverei assim que possível.

— Posso ganhar uma linha? — continuou, ainda segurando sua mão.

— Certamente. Um amigo tão gentil como você deve ouvir tudo o que posso narrar, quer dizer, tudo o que eu tenha liberdade em contar.

— Um amigo! Sim, eu sou um amigo e não reivindicarei qualquer outro posto agora. Talvez...

Ellinor não conseguiu fingir um mal-entendido. Seu gesto sugeria muito mais que suas palavras.

— Não — disse ela, sem paciência. — Somos amigos. Só isso. Acho que deveremos ser amigos para sempre, embora eu vá contar-lhe agora… algo… isso… é um triste segredo. Meu Deus! Sou tão culpada quanto o pobre Dixon, se de fato ele for culpado… mas ele é inocente… tenho certeza de que é!

— Se não é mais culpado que você, tenho certeza de que é inocente! Permita-me ser mais que seu amigo, Ellinor… Conte-me tudo, deixe-me ajudar com o que posso, com o direito de um marido comprometido.

— Não, não — disse ela, assustada tanto pelo que revelara quanto pelo jeito suplicante, ávido e carinhoso dele. — Nunca dará certo. Não sabe a desgraça que pode pairar sobre mim.

— Se é isso, quero correr o risco… se é só isso… se seu único medo é que eu recue diante de partilhar qualquer perigo a que esteja exposta.

— Não é perigo… é vergonha e desonra... — murmurou.

— Tudo bem! Vergonha e desonra. Talvez, se eu soubesse o ocorrido, poderia defendê-la disso tudo.

— Por favor, não fale mais sobre isso agora. Caso contrário, direi “não”.

Ela não percebeu o encorajamento implícito naquelas palavras, mas ele sim e foram suficientes para lhe dar mais paciência.

Já era hora. Ele apenas conseguiu prestar-lhe seus últimos serviços como *courier* e nada, além de palavras necessárias, se passou entre eles.

No entanto, ele foi embora da estação com o coração animado, ao passo que ela, sentada solitária e quieta, aproximando-se enfim do local onde muitas coisas

seriam decididas, sentia-se cada vez mais triste, cada vez mais abatida.

Todo o conhecimento que ela adquirira desde que viu a livraria *Galignani*, em Paris, passou a vir do garçom do Grande Hotel Ocidental, que, após retornar de uma busca vã por um exemplar sem dono do *Times*, contara voluntariamente que havia uma demanda incomum pelo jornal por causa das sessões de Hellingford e o julgamento por assassinato que estava ocorrendo.

Naquela época, não havia telégrafo elétrico. Em cada estação, Ellinor colocava a cabeça para fora e perguntava se o julgamento por assassinato já havia terminado. Alguns porteiros diziam uma coisa, outros, outra coisa, com pressa. Sentia que não podia confiar neles.

— Vá até a casa de Mr. Johnson na rua principal… rápido, rápido. Dar-lhe-ei meia coroa se for rápido.

Pois, de fato, sua perseverança, sua paciência foi forçada até o limite. Ainda na estação de Hellingford, onde sem dúvida alguma poderiam ter-lhe dito a verdade, ela não ousou perguntar. Já passava das oito da noite. Em muitas casas naquele pequeno condado do interior notavam-se luzes e sons insólitos. Os moradores demonstravam hospitalidade a alguns dos estranhos que vieram para as sessões e ficavam por lá que o motivo que os levara até ali tivesse terminado. Os juízes partiram do vilarejo naquela tarde para concluir a visita por uma lista restrita de cidades vizinhas.

Mr. Johnson recebia advogados em um jantar quando foi avisado de que “uma dama queria falar-lhe de imediato e em particular”.

Foi para seu gabinete não de bom humor. Ali encontrou sua cliente, Miss Wilkins, pálida como um fantasma, em pé próxima à lareira, com o olhar fixo na porta.

— É você, Miss Wilkins! Fico feliz em…

— Dixon! — foi tudo o que conseguiu pronunciar.

Mr. Johnson meneou a cabeça.

— Ah. Foi muito triste e lamento que tenha abreviado sua viagem a Roma.

— Ele foi…?

— Aham, lamento, mas não havia dúvida da sua culpa. Afinal, o júri decidiu que ele era culpado e...

— E? — repetiu e velozmente sentou-se para ouvir melhor as palavras que ela sabia que viriam...

— Ele foi condenado à morte.

— Quando?

— No sábado, após os juízes terem deixado a cidade, acredito… É o de praxe.

— Quem o julgou?

— O juiz Corbet e, para um juiz novo, devo dizer que nunca vi alguém se dedicar ao assunto tão bem. Foi o máximo que pude suportar ouvi-lo condenar o prisioneiro à morte. Dixon era, sem sombra de dúvida, culpado, e tão teimoso… um sujeito velho e rabugento que não permitiu ajuda de ninguém. Tenho certeza de que dei meu melhor por ele conforme o desejo de Miss Monro e por sua causa. Ele não me provia de nenhum detalhe, não nos ajudava com nenhuma evidência. Tive um trabalhão em convencê-lo a não confessar tudo diante das testemunhas, que ficariam obrigadas a repeti-lo como prova contra ele. Aliás, nunca esperei que se declarasse inocente. Acho que foi só com o desejo de se justificar perante os olhos de velhos conhecidos de Hamley. Meu Deus! Miss Wilkins! O que houve? Não está desmaiando! — Ele tocou o sino até a corda sobrar em suas mãos. — Aqui, Esther! Jerry! Quem quer que seja, venha rápido! Miss Wilkins desmaiou! Água! Vinho! Peça para Mrs. Johnson vir aqui imediatamente!

Mrs. Johnson, uma mulher bondosa de jeito maternal, que fora excluída do “jantar dos cavalheiros” e dedicara seu tempo a supervisionar o jantar que seu marido havia solicitado, veio em resposta ao seu chamado por socorro e encontrou Ellinor caída na poltrona ruça e inconsciente.

— Bessy, Miss Wilkins desmaiou. Teve uma longa jornada e está preocupada com Dixon, o velho que foi condenado à forca por aquele assassinato, você sabe. Não posso me deter aqui, preciso voltar para os homens. Traga-a de volta à

consciência e leve-a até a cama. O quarto azul está vazio depois que Horner partiu. Ela pode passar a noite aqui, eu a verei pela manhã. Cuide dela e deixe seus pensamentos tranquilos como você pode fazer, por favor, pois ficar inquieta assim não lhe fará nada bem.

E sabendo que Ellinor estava em boas mãos e com plena assistência, retornou aos seus amigos.

Ellinor voltou a si não muito tempo depois.

— Foi tolice da minha parte, mas não pude evitar — disse ela, pedindo desculpas.

— Não, claro que não, querida. Aqui, beba isto, é um dos melhores vinhos do Porto que Mr. Johnson mandou abrir para você. Ou prefere sopa… ou outra coisa? Preparamos tudo que possa imaginar para o jantar, basta pedir e comer. Depois, precisa descansar, minha querida… Assim disse Mr. Johnson, e há um quarto bem arejado, pois Mr. Horner acabou de ir embora esta manhã.

— Eu tenho que ver Mr. Johnson de novo, por favor.

— Ora realmente não tem. Não perturbe sua cabecinha com problemas agora e Johnson apenas falaria de problemas. Não, vá para cama e durma descansada. Então acordará alegre, fortalecida e preparada para tratar de negócios.

— Não consigo dormir… não conseguirei dormir até ter feito a Mr. Johnson uma ou duas perguntas que, de fato, não consigo — alegou Ellinor.

Mrs. Johnson sabia que as ordens do marido em tais ocasiões eram peremptórias e que ela entraria numa baita discussão conjugal se, depois do que ele disse, ela se arriscasse a chamá-lo novamente. Mas Ellinor parecia tão suplicante e melancólica que Mrs. Johnson achou difícil negar-lhe algo. Uma brilhante ideia lhe acometeu.

— Aqui está caneta e papel, minha querida. Não poderia escrever as perguntas? E ele anotaria as respostas no mesmo pedaço de papel. Vou pedir ao Jerry. Ele está jantando com os amigos, sabe?

Ellinor cedeu. Sentou-se, descansando a cabeça fatigada na mão e imaginando quais seriam as perguntas que viriam prontamente à boca se

estivesse frente a frente com ele. Assim, apenas escreveu isto:

“Que horas posso vê-lo pela manhã? O senhor tomará todas as medidas necessárias para eu encontrar com Dixon o mais rápido possível? Seria permitido vê-lo esta noite?”

As respostas a lápis eram:

“Oito horas. Sim. Não.”

— Aposto que ele sabe o que é melhor — reagiu Ellinor, suspirando ao ler a última palavra. — Mas que perverso ir dormir… e ele tão perto, na prisão.

Quando se levantou e ficou de pé, sentiu a vertigem retornar e isso a fez conformar-se a buscar descanso antes de cumprir com seu dever que ficava cada vez mais claro diante de si, agora que ela sabia de tudo e estivera à cena do crime. Mrs. Johnson trouxe vinho branco com soro de leite em vez do chá que pedira e, talvez, graças à bebida, ela dormiu muito tranquilamente.

CAPÍTULO XV

Quando Ellinor acordou, a luz do amanhecer preenchia todo o quarto. Não conseguia se lembrar de onde estava, pois por muitas manhãs acordara em lugares estranhos e levou alguns minutos para decifrar o paradeiro geográfico das cortinas azuis de damasco, a gravura do Lord-Lieutenant do condado na parede e toda a poderosa mobília que enchia o cômodo.

Assim que recobrou a memória, levantou-se bruscamente. Tampouco voltou para a cama novamente, embora tenha visto que ainda não eram seis da manhã. Vestiu-se com a perfeição graciosa de sempre; já se tornara um hábito inconsciente. Depois — o instinto irreprimível — colocou a boina e o xale e desceu, passando pelos empregados que limpavam os degraus da entrada, lá fora no ar fresco, e assim seguiu para a rua principal que dava no castelo de Hellingford, prédio onde as sessões dos tribunais aconteciam, a prisão onde Dixon foi condenado à morte.

Ela meio que sabia que não poderia vê-lo. Mas precisava compensar o peso na consciência de ter dormido por muitas horas se pelo menos tentasse. Foi até a portaria e perguntou à menina que varria o lugar se poderia ver Abraham Dixon. A criança fitou-a e correu para dentro de casa a buscar o pai, um homem troncudo, que não trajava ainda nem casaco nem colete e que, por isso, sentia na manhã um frio cortante. Para ele, Ellinor repetiu a pergunta.

— Esse que vai ser enforcado no sábado à noite? Por que, Madame, tenho nada com isso. Pode ir à casa do governador e tentar, mas, com sua licença, terá que caminhar como burro. Ninguém vai às celas dos condenados sem as ordens do xerife. Pode ir lá à casa do governador e saudá-lo, mas só vão dizer a mesma coisa. Ali fica a casa dele.

Ellinor acreditou completamente no homem, mas mesmo assim seguiu para a casa indicada, como se ainda tivesse esperanças de que haveria alguma exceção à regra no seu caso e, agora se lembrava, numa época em que a possibilidade de

ver um prisioneiro condenado era tratada por ela como um desejo que algumas pessoas poderiam ter ou tiveram… pessoas até agora removidas de seu círculo de circunstâncias como os habitantes da lua. Claro que se deparou com a mesma resposta, de modo um pouco mais abrupto, como se todo mundo desde o nascimento fosse obrigado a ter ciência de uma regulação tão óbvia como essa.

Ela saiu e passou pelo porteiro, agora bem agasalhado. O homem lamentou sua decepção, mas não se furtou a dizer em leve tom de exultação:

— Viu, eu tinha razão, madame!

Caminhou ao redor do castelo tão próximo quanto pôde, tentando enxergar as poucas janelas gradeadas e imaginando em qual parte da edificação Dixon estava confinado. Depois seguiu para o cemitério ao lado, sentou-se em cima de uma lápide e olhou ociosamente para a vista estendida abaixo dela: a vista era considerada como o ponto principal do lugar, a ser mostrado a todos os visitantes pelos moradores de Hellingford. Mas Ellinor nem notou. Só via a escuridão daquela noite fatal, a pressa, as lanternas reluzindo em todas as direções. Só ouvia a respiração pesada daqueles que se encarregaram do trabalho inusitado, as poucas palavras sussurradas de forma áspera, o balançar dos galhos para lá e para cá. Tudo de uma vez só. O relógio da igreja acima dela bateu oito horas e então o clangor avisava os trabalhadores distantes para cessar o trabalho por um tempo. Assim era o velho costume da vila. Ellinor levantou-se e caminhou em direção à casa de Mr. Johnson na rua principal. O cômodo onde esperava por Mr. Johnson era estreito e reservado. Ele enviara um pedido de desculpas por ter dormido demais, mas finalmente apareceu açodado como se estivesse meio dormindo meio acordado, reflexo de sua hospitalidade tardia da noite anterior.

— Peço desculpas por toda a confusão que causei ontem à noite. Estava por demais cansada e muito impressionada com a notícia que ouvi — disse Ellinor.

— Que confusão, nada disso, tenho certeza. Nem Mrs. Johnson nem eu nos sentimos na menor das confusões. Muitas moças que conheço acham tais coisas muito penosas, embora haja outras que toleram o juiz colocando a capa preta mais que a maioria dos homens. Certamente vi algumas bem tranquilas com o discurso do juiz Corbet.

— Mas e quanto a Dixon? Ele não deve morrer, Mr. Johnson.

— Bem, isso não sabemos — disse Mr. Johnson, em um tom de voz que

poderia ser usado para acalmar uma criança. — O juiz Corbet mencionou algo sobre possibilidade de uma absolvição. O júri não o recomendou à clemência. Veja bem, um fator contra foi seu aspecto. Todas as provas eram muito contundentes, e não havia defesa, por assim dizer, pois ele não informava nada em que pudéssemos nos basear para sua defesa. Mas, a meu ver, o juiz deu sim alguma esperança, embora haja outros que pensem de forma diferente.

— Eu lhe digo, Mr. Johnson, ele não deve morrer, e não vai. A quem devo ir?

— Uau! Você tem uma prova adicional? — perguntou ele com o olhar penetrante de investigação profissional.

— Não importa — respondeu Ellinor. — Peço desculpas… apenas me diga nas mãos de quem passou o poder da vida e da morte.

— Do secretário de Estado para assuntos internos, Sir Phillip Homes, mas não pode ter acesso a ele nesta missão. É o juiz que julgou o caso que deve impelir uma moratória, o juiz Corbet.

— O juiz Corbet?

— Sim, ele estava bastante inclinado a ter uma visão compassiva de todo o caso. Reparei isso em seu ofício. Ele é a pessoa a quem deve procurar. Receio que não queira me contar sua confidência ou, do contrário, posso planejar e elaborar o que tem de ser dito?

— Não. O que devo dizer será dito ao árbitro… a ninguém mais. Lamento ter respondido sem paciência agora. Perdoe-me. Se o senhor soubesse de tudo, certamente me perdoaria.

— Não diga mais nada, minha querida. Admitimos que tenha alguma prova não apresentada no julgamento. Bem, vá ver o juiz, já que prefere não comunicar a ninguém, nem a mim. Sem dúvida, o juiz vai comparar sua versão com as anotações do julgamento e ver até onde há concordância. É claro que tem de estar preparada com algum tipo de evidência, pois o juiz Corbet deverá analisar sua prova.

— É estranho pensar que ele é juiz — disse Ellinor, quase para si mesma.

— Ora, pois sim. É apenas um jovem juiz. A senhorita o conheceu em

Hamley, creio eu? Lembro que ele ia lá estudar com Mr. Ness.

— Sim, mas não percamos tempo falando sobre aquela época. Diga-me quando posso ver Dixon? Já fui ao castelo, mas disseram que preciso ter a ordem do xerife.

— Com certeza. Queria que Mrs. Johnson tivesse lhe contado ontem à noite. O velho Ormerod estava jantando aqui. Ele é o escriturário dos magistrados e contei-lhe o seu desejo. Disse que veria Sir Henry Croper e mandaria a ordem para cá antes das dez. Mas todo esse tempo Mrs. Johnson nos aguardava para o desjejum. Vamos para a sala.

Foi complicado para Ellinor cumprir com seu dever de hóspede, demonstrar interesse e conversar sobre os assuntos locais com os anfitriões. Mas como sentia que tinha falado pouco e abruptamente com Mr. Johnson na conversa anterior, tentou fazer compensações, então ouviu sobre todos os detalhes da restauração da igreja, além da dificuldade de encontrar um professor de música para as três Misses Johnson, com toda a boa educação e paciência, embora ninguém soubesse como seu coração e mente estavam voltados para a conversa com o pobre e velho Dixon.

A certa altura Mr. Johnson foi solicitado a sair da sala para ver Mr. Ormerod e receber a ordem de admissão dada por ele. Ellinor apertava ambas as mãos enquanto ouvia, com compostura aparente, os elogios sem fim de Mr. Johnson ao sistema de Hullah[17]. Mas quando Mr. Johnson voltou, ela não conseguiu não interromper sua homenagem e disse:

— Então, posso ir agora?

Sim, a ordem estava ali. Ela poderia ir e Mr. Johnson a acompanharia para verificar que não houvesse qualquer dificuldade ou obstáculo.

Ao caminhar para lá, disse-lhe que alguém — um carcereiro ou alguma pessoa — teria de estar presente durante a conversa e que esta era sempre a regra para prisioneiros condenados, mas se esta terceira pessoa fosse “obrigatória”, ele faria ouvidos de mercador. Mr. Johnson silenciosamente tomou as providências para ver se o carcereiro que acompanharia Ellinor era de presença “obrigatória”.

O homem a levou por vielas de paredes altíssimas, passando por corredores de pedras e, depois de muitas portas trancadas, chegaram às celas dos

condenados.

— Já tive três de uma vez aqui — comentou ele, ao destrancar a última porta —, após o trabalho do juiz Morton. Sempre o chamávamos de “Juiz Forca”. Mas já faz cinco anos que ele morreu e agora nunca tem mais que um por vez. Um dia foi uma mulher que envenenou o marido. Mary Jones era o nome dela.

A passagem de pedra a partir da qual as celas se abriam era iluminada, gasta e cuidadosamente limpa. Acima de cada porta ficava uma janela gradeada e uma janela externa de mesma descrição no topo da cela, que o carcereiro agora abria.

O velho Abraham Dixon estava sentado no lado da cama sem fazer nada. Cabeça baixa, postura afundada, parecia não se importar em se virar para ver quem entrava.

Ellinor tentou conter os soluços enquanto o homem foi até ele e, colocando a mão em seu ombro, sacudindo-o de leve, disse:

— Uma amiga veio vê-lo, Dixon. — Depois, voltando-se para Ellinor, acrescentou: — Há uns que encaram a sentença deste modo atordoado e outros ficam agitados como um animal na gaiola. — Então, retirou-se pela passagem, deixando a porta aberta, a fim de ver tudo se fosse o caso, mas desviando os olhos de forma ostentosa e assobiando para si mesmo para não poder ouvir o que diziam.

Dixon ergueu o olhar para Ellinor, mas em seguida levou-o novamente ao chão. O tremor crescente de seu corpo atrofiado foi o único sinal de tê-la reconhecido.

Sentou-se ao lado dele e pegou sua angulosa mão cheia de calos. Quis superar a inclinação a soluçar histericamente antes de falar. Acariciou seus dedos ossudos e contraídos, nos quais suas lágrimas escaldantes teimavam em cair.

— Não faça isso — disse ele, enfim, com uma voz áfona. — Não assuma nada, é melhor assim, mocinha.

— Não, Dixon, não é melhor. Nem vai ser. Você sabe que não vai... que não pode ser.

— Estou é cansado de viver. Tem sido um grande esforço e sofrimento para

mim. Acho que prefiro estar com Deus a com os homens. Sabe, sempre gostei dele desde rapazinho, quando me contava os apuros por que passava na escola. Ele contava assim como se eu fosse seu irmão! Eu o amo quase como Molly Greaves. Nossa! Vou vê-la novamente, suponho, no próximo sábado! Vão gostar de mim lá em cima, tenho certeza, porém não posso dizer que fiz tudo o que deveria aqui embaixo.

— Mas, Dixon, você sabe quem fez… fez isso...

— O assassinato. É como chamam isso. Assassinato! E isso nunca aconteceu, seja quem for que cometeu o ato.

— Meu desgraçado pai que cometeu. Vou a Londres à tarde. Vou ver o juiz e contar-lhe tudo.

— Não se rebaixe àquele sujeitinho, mocinha. Foi ele que a deixou em apuros assim que a tristeza e a desgraça vieram sobre você.

Olhou-a nos olhos agora, pela primeira vez, mas ela prosseguiu como se não tivesse notado aquele olhar tristonho e exausto.

— Sim! Irei até ele. Sei quem ele é e estou decidida. No final das contas, ele pode ajudar mais que um estranho e eu não me lembrarei de mais nada… nada, quando pensar em você, meu bom e fiel amigo.

— Tinha a aparência de um velho enrugado naquela peruca grisalha. Mal pude reconhecê-lo. Lancei aquele olhar como se falasse: “Eu poderia contar suas histórias, meritíssimo, se eu quisesse”. Mas não sei se ele prestou atenção em mim. Acho que disse que me recomendaria para clemência em sinal de antigas relações. Mas em breve ganharei a morte não a misericórdia, é mais provável. O homem lá fora diz que a clemência significa ir para Botany Bay.[18] Seria como me matar, mas por pedaços. Prefiro mil vezes ir direto ao céu a viver entre os negros.

Começou a tremer novamente. A ideia de transporte, por seu próprio mistério, era mais aterrorizante para ele que a morte. Continuou dizendo em tom queixoso:

— Mocinha, nunca deixe que me mandem para Botany Bay. Não suportaria.

— Não, não! — disse ela. — Você vai sair desta prisão e vai para casa comigo em East Chester, eu prometo. Eu prometo. Não sei exatamente como, mas confie na minha promessa. Não se martirize com Botany Bay. Se for para lá, também irei. Tenho muita certeza de que não vai. E, sabe, se você fez algo ilegal em ocultar toda a faina daquela noite, eu também fiz. Se você deve ser punido, também devo ser. Mas tenho certeza de que ficaremos bem, quero dizer, tão bem quanto possível com o impacto da lembrança daquela época em nós, como sempre deve ser.

Quase falou essas últimas palavras para si mesma. Permaneceram sentados, de mãos dadas, por mais alguns minutos em silêncio.

— Achei que você viesse. Sabia que estava bem longe no estrangeiro. Mas eu sempre orava a Deus: “Bom Deus, permita que eu a veja de novo”. Disse ao capelão que eu começaria a orar por arrependimento e depois pediria para vê-la mais uma vez. Dizer aquelas palavras parecia levar todas as minhas forças enquanto falava. E pensei como Deus sabia mais do que eu podia contar a Ele o que estava dentro do meu coração, como eu estava arrependido por tudo o que fiz de errado, sempre estive, e depois de tudo feito, mas pensei que ninguém poderia saber como estava louco para te ver.

Afundaram-se no silêncio novamente. Ellinor sentiu que queria estar longe procurando a sua libertação de maneira ativa, mas também percebeu quão preciosa sua presença era para ele e não gostaria de ir embora antes do tempo que lhe era permitido. A voz dele tinha se transformado em um garganteio de ancião fraco e pipilante, e entre sua fala ele parecia recair em devaneio, mas por tudo isso apertava sua mão, como se estivesse com medo de que o deixasse sozinho.

Enfim o tempo expirou, sem mais palavras além dessas. De vez em quando as lágrimas de Ellinor caíam sobre seu colo. Não conseguia contê-las, embora pouco soubesse o motivo de seu choro naquele exato momento.

Em dado instante o carcereiro disse que o tempo permitido para a conversa terminara. Ellinor não disse uma palavra, mas levantou-se, curvou-se e beijou a testa do velho, dizendo:

— Voltarei amanhã. Que Deus o guarde e o conforte!

Então quase sem palavra articulada por ele em resposta – que também se

levantou com as pernas trêmulas ao vê-la dando adeus, com a mão na cabeça em um antigo sinal de respeito –, ela seguiu seu caminho rapidamente para fora da prisão, e depois de forma apressada para a casa de Mr. Johnson, pouco paciente ou forte o suficiente na pressa em explicar-lhe tudo o que pretendia fazer. Apenas fez perguntas absolutamente indispensáveis e informou-lhe sua intenção de ir direto para Londres ver o juiz Corbet.

Assim que o vagão em que ela estava sentada começou a se mover, ela inclinou-se para frente e estendeu o braço para fora mais uma vez para Mr. Johnson.

— Amanhã vou lhe agradecer por tudo. Agora não posso.

Foi mais ou menos há mesma hora em que ela chegou a Hellingford na noite passada que chegou à estação Great Western à noite: passava das oito. No caminho, aproveitou para lembrar e organizar muitas coisas. Uma questão importante ela se esquecera de perguntar a Mr. Johnson, mas isso foi facilmente sanado. Ela não perguntou onde poderia achar o juiz Corbet. Se sim, é provável que Mr. Johnson desse seu endereço profissional. Sendo assim, consultou a lista de endereços do correio no hotel e procurou por sua moradia: Hyde Park Gardens, número 128.

Chamou um garçom.

— Posso enviar uma mensagem para Hyde Park Gardens? — perguntou, com pressa, de tão cansada e esgotada que estava. — É só para perguntar se o juiz Corbet está em casa hoje à noite. Se assim for, devo ir encontrá-lo.

O garçom, um pouco surpreso, anotaria de boa vontade seu nome a fim de autorizar a mensagem, mas ela não suportou dizê-lo. Seria muito ruim para o primeiro encontro sem o sentimento de que ele também teria tempo para rememorar aquela época. Melhor deixá-lo despreparado e ir direto ao assunto.

O garçom voltou com a resposta enquanto ela, incansável, andava de um lado para o outro na sala, nervosa para a conversa.

— O mensageiro foi ao Hyde Park Gardens, madame. O senhor e a senhora Corbet saíram para jantar.

Senhora Corbet! Claro que Ellinor sabia que ele era casado. Não estava ela

presente no casamento na catedral de East Chester? Os últimos acontecimentos, porém, de alguma forma, a levaram de volta ao passado tão intensamente que a união íntima dos nomes “senhor e senhora Corbet” pareceu despertá-la de um sonho.

— Ah, pois bem — disse, quase como se esses pensamentos não estivessem passando velozmente por sua cabeça. — Por favor, me acordem às sete da manhã e chamem um táxi que esteja na porta do hotel para ir a Hyde Park Gardens às oito.

E então foi para a cama, mas mal conseguiu dormir. Durante a noite toda, cenas dos velhos tempos, dos dias felizes da sua mocidade, da noite terrível que abreviou sua felicidade vieram a sua mente. Conseguiu até imaginar que ouvia os passos silenciosos do seu pai, seu modo de respirar, o ruído do jornal conforme virava de modo precipitado a página, perpassando através dos anos; a quietude da noite. Sabia que tinha consigo na mala o pequeno baú da infância. Os tesouros dos mortos que estavam ali, um pedacinho de costura delicada, o cacho loiro da sua irmã mais nova e a carta não acabada para Mr. Corbet. Retirou as coisas e olhou cada uma em separado. Fitou-as por bastante tempo saudosamente.

— Isso me serve para quê? — perguntou para si, enquanto estava prestes a colocar a carta de seu pai de volta no recipiente. Leu as últimas palavras mais uma vez:

“Do meu leito de morte, imploro que permaneça amigo dela. Peço perdão de joelhos por tudo.”

— Vou levá-la — pensou alto. — Não preciso mostrar e é provável que não haja necessidade depois do que tenho a dizer. Tudo está tão alterado, mudado entre nós, como se nunca tivesse existido algo, que acho que não devo ter vergonha em mostrá-la pela minha parte nisso. Além disso, se ele vir o sofrimento de... o sofrimento humilde do pobre papai, isso pode fazê-lo pensar de forma mais gentil naquele que outrora o amava apesar de terem se separado com raiva um do outro.

Então levou a carta consigo ao se dirigir a Hyde Park Gardens.

Cada nervo de seu corpo estava em tal estado de tensão que poderia ter soltado um berro quando o taxista bateu à porta de forma rude. Saiu

abruptamente, antes que qualquer um estivesse pronto ou com vontade de atender a tal urgência em horário tão inapropriado. Pagou o dobro do que merecia o homem e ficou lá parada, febril, trêmula e humilhada.

Capítulo XVI

— O juiz Corbet está em casa? Posso vê-lo? — perguntou ao lacaio, que atendeu à porta depois de algum tempo.

Ele a encarou com curiosidade e um pouco de familiaridade antes de responder:

— Está, ora bolas! Com certeza está em casa a esta hora, mas se verá a senhora é outra coisa muito diferente.

— Poderia fazer a bondade de chamá-lo? É sobre um assunto particular.

— Pode me dar o seu cartão? Seu nome, talvez, caso não tenha cartão. Digo, Simmons — disse para a criada que passava pelo saguão —, o juiz já acordou?

— Ah, sim! Ele está no vestuário há uma meia hora. Minha senhora está descendo direto. Está na hora do desjejum.

— Não pode adiar o assunto e voltar novamente mais tarde? — disse ele, voltando-se para Ellinor, que estava pálida, trêmula!

— Não! Por favor, deixe-me entrar. Vou esperar. Tenho certeza de que o juiz Corbet me receberá se disser que estou aqui. Miss Wilkins. Reconhecerá o nome.

— Está bem. Espere aqui enquanto sirvo o desjejum? — perguntou ele ao conduzi-la pelo saguão e apontar o banco ali. A julgar pela sua vestimenta, achou tratar-se de uma criada de uma dona da casa ou uma governanta, ou, no máximo, a filha de um mercador. Ademais, ele estava atrasado com os preparativos. Ela entrou e sentou-se.

— Diga-lhe que estou aqui — disse vagamente.

— Oh, sim, não se preocupe. Vou avisá-lo, mas não acredito que virá antes do desjejum.

Chamou um mensageiro, que correu as escadas e, batendo na porta do juiz, disse que Miss Jenkins queria falar com ele.

— Quem? — perguntou o juiz lá dentro.

— Miss Jenkins. Diz que o senhor reconheceria o nome.

— Não reconheço. Diga-lhe que espere.

Então Ellinor esperou. Agora descia as escadas, com decoro intencional e vagaroso, a esplendorosa Lady Corbet, de roupa de seda com saia volumosa, carregando seu lindo menino, acompanhada de sua majestosa babá. Ficou desgostosa com o fato de alguém vir e tomar o tempo de seu marido quando estava em casa e, em tese, aproveitando o lazer doméstico. E sua natureza imperiosa e desatenta não a motivou a qualquer civilidade em relação à doce criatura sentada naquele lugar, exausta e agoniada. Pelo contrário, ela a examinou de cima ao descer vagarosamente até que Ellinor se retraísse embaraçada pelo olhar fixo daqueles grandes olhos negros. Depois ela, o bebê e a babá desapareceram dentro da ampla sala de jantar, onde ocorriam todos os preparativos.

A próxima pessoa a descer seria o juiz. Como por instinto Ellinor abaixou o véu. Ouviu seus passos rápidos e determinados, que conhecia bem há tempos.

Lançou um olhar incisivo e sagaz à pessoa sentada no saguão esperando para falar com ele e seu olho treinado reconheceu a mulher de uma vez, apesar de sua vestimenta gasta pela viagem.

— Acompanhe-me por esta sala? — disse ele, abrindo a porta de seu gabinete na parte da frente da casa; a sala de estar ficava atrás. A conexão era feita por meio de portas dobráveis.

O astuto advogado sentou-se com as costas para a janela — era a posição natural do chefe da casa, mas também lhe conferia a vantagem de ver o rosto de seu visitante em plena luz. Ellinor ergueu o véu. Foi apenas uma aversão a ser reconhecida do saguão que a forçou a abaixá-lo.

O semblante do juiz mudou mais que o dela. Ellinor tinha se preparado para o encontro, ele não. Mas, em geral, ele tinha o pleno comando da expressão em seu rosto.

— Ellinor! Miss Wilkins! É você? — E aproximou-se para segurar sua mão em um cumprimento cordial com certo embaraço que, se houve algum, foi cuidadosamente dissimulado. Ela não conseguiu falar tudo de uma vez como desejava.

— Aquele estúpido do Harry disse que era “Jenkins!”. Desculpe-me. Como a colocaram para esperar no saguão? Entre e tome o desjejum conosco. Lady Corbet ficará encantada, tenho certeza.

O desalinho em encontrar com a mulher que deveria ter sido sua esposa e a provável apresentação que se seguiria à mulher que era sua esposa efetiva avolumou-se sobre ele e tornou sua fala um pouco impaciente. As próximas palavras de Ellinor foram um alívio colossal e seu modo doce e meigo de falar era como um toque de bálsamo refrescante.

— Obrigada, queira me desculpar. Vim estritamente a negócios, do contrário jamais pensaria em vir a esta hora. É sobre o pobre Dixon.

— Ah! Já esperava por isso! — exclamou o juiz, pegando uma cadeira para a visita e sentando-se também. Tentou voltar sua atenção para o trabalho, mas, apesar da sua firmeza de caráter e os esforços evidentes, a memória dos velhos tempos retornara ao som da voz de Ellinor. Ficou imaginando se sua aparência também tinha mudado no momento em que ela lançou-lhe aquele primeiro olhar de reconhecimento. Depois daquele primeiro olhar, ele preferiu evitar encontrar com seus olhos.

— Sabia que isso pesaria em você. Alguém em Hellingford me contou que você estava no exterior, em Roma, acho. Mas não se preocupe de forma desnecessária. A sentença certamente será comutada para transporte ou algo equivalente. Estava conversando com o secretário de Estado de assuntos internos sobre isso ontem à noite. Lapso de tempo e bom comportamento subsequente quase sempre impedem qualquer ideia de pena capital.

Enquanto discorria, no fundo da mente havia outro tipo de pensamentos: certa curiosidade, um pouco de arrependimento, um toque de remorso, uma expectativa sobre como soaria o encontro (que obviamente aconteceria algum

dia) entre Lady Corbet e Ellinor. Foi, porém, claro no assunto em questão e nenhum sinal visível de distração apareceu.

Ellinor respondeu:

— Vim dizer-lhe o que deve ser dito a qualquer juiz, em confidência e em plena confiança de seu sigilo, que Abraham Dixon não é o assassino. — Parou abruptamente, com um pouco de falta de ar.

O juiz lançou-lhe um olhar perspicaz.

— Então sabe quem foi?

— Sim — respondeu ela, com a voz baixa e imperturbável, encarando-o com olhos tristes e sérios.

A verdade irrompeu na mente de Ralph. O rosto se tornou sombrio. Não falou por alguns minutos. Depois disse, sem olhar para cima, um pouco rouco:

— Era essa, portanto, a desgraça de que me falara há muito tempo?

— Sim.

Os dois ficaram imóveis, em silêncio por algum tempo. A cortar o silêncio, ouviu-se uma voz aguda e lúcida atrás das portas dobráveis.

— Leve o *kedgeree*[19] e diga à cozinheira para mantê-lo aquecido para o juiz. Que desagradável essas pessoas virem aqui a negócios, como se o juiz já não tivesse horas apropriadas para estar no escritório.

Levantou-se de modo repentino e se dirigiu à sala de estar, mas teve dificuldades audíveis em conter a irritação de sua esposa.

Quando retornou, Ellinor lamentou:

— Receio ter vindo em hora inoportuna.

— Oh! Que besteira! — respondeu ele, em um tom de aborrecimento. — Você fez bem. — Sentou-se onde estava antes e novamente cobriu metade do rosto com a mão.

— E Dixon sabia disso. Creio que devo falar abertamente… com você… seu pai foi o culpado? Ele assassinou Dunster?

— Sim. Se considera isso um assassinato. Foi um soco, no calor do momento. Ninguém sabe o quanto Dunster sempre irritava papai — disse Ellinor, de forma tola e dura, depois suspirou.

— Como sabe disso? — Havia um tipo de relutância tenra na voz do juiz ao colocar todas essas perguntas. Ellinor tinha decidido de antemão que, se algo assim fosse questionado, também deveria ser respondido, mas falava como uma sonâmbula.

— Fui até o gabinete de papai depois que ele tinha golpeado Mr. Dunster. Estava estirado inconsciente, como pensamos. Na verdade, estava morto.

— Qual foi a parte de Dixon? Ele deve saber uma boa parte da história. E a lanceta de cavalo que foi achada com o nome dele?

— Papai foi acordar Dixon e ele trouxe consigo a lanceta… acho que para sangrá-lo. Acho que disse além da conta, não disse? Estou tão confusa. Mas responderei qualquer pergunta para mostrar que Dixon é inocente.

O juiz estava anotando tudo. Ficou imutável sem responder a ela. Escrevia rapidamente, reportando-se às suas anotações anteriores, de tempos em tempos. Em mais ou menos cinco minutos leu os fatos que Ellinor tinha declarado, conforme organizara, em um formato jurídico e concatenado. Apenas fez algumas perguntas triviais enquanto tomava notas. Em seguida, leu-as novamente para ela e solicitou sua assinatura. Ela pegou a caneta e segurou-a hesitante.

— Isto nunca será público? — inquiriu ela.

— Não. Tomarei as providências para que ninguém além do secretário de Estado veja isso.

— Obrigada. Não pude evitar, agora que chegou a este ponto.

— Não há muitos homens como Dixon — afirmou o juiz, quase como para si mesmo, ao selar o papel em um envelope.

— Não — concordou Ellinor. — Jamais conheci alguém tão fiel.

E exatamente ao mesmo tempo, a reflexão sobre um alguém menos fiel que tais palavras pareciam insinuar caiu sobre ambos, e um instintivamente olhou para o outro.

— Ellinor! — disse o juiz após uma pausa. — Somos amigos, espero?

— Sim, amigos — respondeu ela, em voz baixa e triste.

Sentiu um certo desgosto na resposta. O porquê, não sabia dizer. Para cobrir qualquer sinal de seus sentimentos, ele puxou conversa.

— Onde está morando agora?

— Em East Chester.

— Mas costuma vir à cidade, não é? Avise-nos sempre… sempre que vier. E Lady Corbet deve conhecê-la. Na verdade, gostaria que me permitisse buscá-la agora para conhecê-la.

— Obrigada! Voltarei direto a Hellingford. Pelo menos, tão logo se dê o perdão de Dixon.

Ele deu um meio sorriso com sua ignorância.

— O perdão deve ser enviado ao xerife, que detém a ordem de execução. Mas, claro, você pode ter a certeza de que será enviado assim que possível. É o mesmo como se tivesse o perdão hoje.

— Muitíssimo obrigada — reagiu Ellinor, ficando de pé.

— Por favor, não vá sem o desjejum. Caso prefira não ver Lady Corbet neste momento, mandarei para o seu quarto, a menos que já tenha se alimentado.

— Imagine, obrigada. Prefiro assim. É muito gentil de sua parte e fico feliz em vê-lo mais uma vez. Há mais uma coisa — acrescentou ela, ruborizando um pouco e hesitando. — Este bilhete foi achado sob o travesseiro de papai após sua morte. Uma parte diz respeito a coisas passadas, mas ficaria contente se pudesse se lembrar do meu pobre pai da melhor forma possível… e então… se puder

ler...

Pegou o papel e leu, não sem emoção. Em seguida, colocou-o na mesa e disse:

— Que infeliz! Deve ter sofrido um bocado por causa daquela noite. E você, Ellinor, também sofreu.

Sim, ela tinha sofrido. E este que lhe falava tinha sido um dos instrumentos de sua miséria, embora pareça se esquecer disso. Assentiu sutilmente com a cabeça em resposta. Depois, olhou-o — os dois estavam de pé ao mesmo tempo — e concluiu:

— Acho que serei mais feliz agora. Sempre soube que isso seria descoberto. Mais uma vez, adeus e obrigada. Posso ficar com a carta? — perguntou ela, lançando um olhar adorável e invejoso para o bilhete do pai, que jazia desprotegido sobre a mesa.

— Oh claro, claro — disse ele, e então pegou sua mão, segurou-a enquanto fitava seu rosto. Achou-o mudado desde que a viu pela primeira vez, mas era agora quase o mesmo rosto para ele que de outrora. Os olhos meigos e tímidos, a covinha evidente na bochecha e algum tipo de febre tinha trazido um leve rubor rosa à suas bochechas geralmente sem cor. Juiz casado como era, não tinha certeza se aquela mulher, apesar de taciturna e maltrapilha, não o atraia mais que sua bela e digna esposa na sala ao lado e cuja aparência não era das mais agradáveis quando a deixou há poucos minutos. Suspirou um pouco arrependido enquanto Ellinor ia embora. Conquistara a posição pela qual tanto tinha batalhado e se sacrificado, mas agora não conseguiu não desejar que a criatura abatida no santuário de sua ambição estivesse viva novamente.

O *kedgeree* foi levado à mesa novamente, fumegante, mas não foi provado por ele. Embora parecesse que estava lendo *o Times*, não lia sequer uma palavra. Sua mulher, entretanto, continuou a reclamar do último visitante, cujo nome ele não lhe disse em sua forma correta, já que não estava ansioso para que sua mulher tivesse o nome em seu poder para identificar a visita desta manhã com um possível futuro conhecido.

Quando Ellinor chegou à casa de Mr. Johnson em Hellingford naquela tarde, encontrou Miss Monro lá, que, com muita dificuldade, foi impedida por Mr. Johnson de segui-la até Londres.

Miss Monro abraçou-a e murmurou frases inarticuladas por entre lágrimas que caíam sobre sua querida curada, antes que pudesse falar de modo inteligível o suficiente para lhe contar que o cônego Livingstone viera vê-la imediatamente ao retornar a East Chester e sugeriu sua ida a Hellingford, a fim de que servisse de consolo para Ellinor tanto quanto possível. De primeira, não deixou escapar que ele o acompanhara até Hellingford — ficou um pouco com receio de que Ellinor desaprovasse sua presença lá. Ellinor sempre se opunha bastante a qualquer avanço em matéria de intimidade com ele que Miss Monro desejasse propiciar. Mas Ellinor estava diferente agora.

— Como está pálida, Nelly! — espantou-se Miss Monro. — Tem viajado bastante e muito rápido, minha filha.

— Minha cabeça dói! — queixou-se Ellinor, muito cansada. — Mas devo ir ao castelo e dizer ao pobre Dixon que ele obteve o perdão… estou tão exausta! Veja se Mr. Johnson poderia conseguir uma permissão para ir até ele? Ele saberá de tudo.

No quarto de hóspedes, jogou-se na cama, a cama com as cortinas de azul intenso. Após uma objeção despercebida, Miss Monro obedeceu à ordem. No entanto, já era final de tarde e Mr. Johnson disse que seria impossível obter permissão do xerife naquela noite.

— Ademais — justificou ele, com cortesia —, ninguém sabe se Miss Wilkins não dará ao velho falsas esperanças… se ela mesma não estava agitada para ter falsas esperanças; seria uma gentileza cruel permitir que ela o veja sem mais segurança jurídica sobre qual será sua sentença, ou perdão. Amanhã de manhã, isso se eu tiver entendido de forma apropriada a sua história, que foi um pouco confusa...

— Ela está extremamente cansada, pobre criatura — interferiu Miss Monro, que nunca duvidou por um minuto da sabedoria de Ellinor, a qual era desempenhada da melhor forma possível em todas as relações e situações da vida.

Mr. Johnson continuou com uma reverência reprovativo:

— Bom, então… é realmente o único rumo para ela, além disso… convencê-la de descansar por esta noite. Até amanhã de manhã terei obtido a permissão do xerife e é provável que ele já tenha notícias de Londres.

— Obrigada! Darei o meu melhor.

— É o único jeito.

Quando Miss Monro voltou para o quarto, Ellinor estava em sono pesado e inconstante. Parecia tão agitada e desassossegada que, sem hesitar por um momento, Miss Monro não fez cerimônia em acordá-la.

Mas, ao que parecia, ela não entendia a resposta ao seu pedido. Nem lembrava que havia feito algum pedido.

A viagem à Inglaterra, os dissabores, as surpresas tinham sido demasiados para ela. O dia seguinte veio e, com ele, o perdão formal para Abraham Dixon. A permissão do xerife para que ela entrasse e visse o velho aguardava seu desejo em utilizá-la, mas ela de nada sabia.

Durante dias, ou melhor, semanas, ela oscilou entre a vida e a morte, como no passado, ao lado de Miss Monro, enquanto o bom Mr. Johnson estava sempre disposto a ajudar.

Em uma noite de verão, no início de junho, sua memória tinha voltado. Miss Monro ouviu uma vozinha débil e pipilante, visto que mantinha seu relógio ao lado da cama.

— Onde está Dixon? — perguntou ela.

— Na casa do cônego em Bromham. — Esse era o nome da paróquia do Dr. Livingstone.

— Por quê?

— Achamos melhor levá-lo logo para respirar o ar do campo e ver novas paisagens.

— Como ele está?

— Muito melhor. Fique forte e ele virá ver você.

— Tem certeza de que está tudo bem?

— Certeza, minha querida. Deu tudo certo.

Então, Ellinor foi dormir novamente por pura fraqueza e cansaço.

A partir daquele momento, recuperou-se de forma bastante estável. Seu maior desejo era voltar para East Chester o mais breve possível. As associações com mágoas, ansiedade e subsequente enfermidade conectadas a Hellingford fez crescer o desejo de estar novamente na abadia solene, calma e ensolarada de East Chester.

O cônego Livingstone veio ajudar Miss Monro a administrar a jornada com Ellinor inválida. Ele, porém, não ousou se jogar para cima de Ellinor, não mais do que tinha feito na volta para casa.

Na manhã depois de seu retorno, Miss Monro disse:

— Sente-se forte o suficiente para ver Dixon?

— Ele está aqui?

— Está na casa do cônego. Pedimos para que viesse de Bromham para que pudesse estar pronto para lhe ver quando desejasse.

— Por favor, permita-lhe que venha direto — disse Ellinor, corando e tremendo.

Foi até a porta para encontrar o velho cambaleante. Conduziu-o até a poltrona que foi colocada e arrumada por ela. Ajoelhou-se diante de Dixon e ele colocou as mãos em sua cabeça. Ele estava tremendo e se sacudindo por todo o momento.

— Perdoe-me por toda a desgraça e tristeza, Dixon. Diga-me que me perdoa e me dê sua bênção. E então nunca deixe que uma palavra do passado assombroso seja dita entre nós.

— Não sou eu quem deve perdoar, porque a mocinha nunca fez nenhum mal a ninguém...

— Mas diga que sim… vai acalmar meu coração.

— Eu a perdoo! — afirmou ele. E então ficou de pé com esforço e, ficando acima dela, a abençoou solenemente.

Depois disso ele sentou-se, ela ao seu lado, olhando-o demoradamente.

— Ele é um homem bom, mocinha — disse ele, por fim, erguendo os olhos vagarosos e olhando para ela. — Melhor que qualquer um.

— Ele é um homem bom — disse Ellinor.

Nada mais foi falado sobre o assunto. No dia seguinte, o cônego Livingstone fez sua visita formal. Ellinor manteria de bom grado Miss Monro no quarto, mas aquela mulher prestativa sabia a hora de ir embora.

Eles continuaram, forçando-se a conversar sobre assuntos indiferentes. Enfim, não mais conseguiu falar de outras coisas além do que estava em seu coração.

— Miss Wilkins! — levantou-se e estava agora de pé ao lado da lareira, aparentemente examinando os ornamentos que ficavam em cima dela. — Miss Wilkins! Há alguma chance de me dar uma resposta favorável agora… você sabe… sobre o que conversamos no hotel Great Western naquele dia?

Ellinor baixou a cabeça.

— Você sabe que já fui comprometida antes?

— Sim! Eu sei, com Mr. Corbet… ele que é agora o juiz. Não suponha, por favor, que isso vá fazer qualquer diferença. Eu amo você e somente você desde quando nos conhecemos, 18 anos atrás. Miss Wilkins… Ellinor... não me deixe esperar.

— Sim — disse ela, estendendo sua mãozinha fina e branca para ele pegar e beijá-la, quase com lágrimas de gratidão, mas parecia temerosa por sua impetuosidade e tentou contê-lo. — Espere… você não sabe de tudo… meu pobre pai, em um acesso de raiva, furioso além das suas forças, deu um soco que matou Mr. Dunster… Dixon e eu sabíamos, logo depois do soco… o ajudamos a esconder o corpo… mantivemos segredo… coitado de papai, morreu de angústia e remorso… agora que você sabe de tudo… ainda consegue me amar? Para mim, é como se eu tivesse sido cúmplice de algo horrível!

— Pobrezinha Ellinor! — disse ele, ao tomá-la em seus braços como um refúgio. — Como eu gostaria de ter sabido de tudo isso há anos. Eu poderia ter lhe ajudado e muito!

Aqueles que passam pela vila de Bromham e param para olhar por cima da cerca viva de louros que separa o jardim paroquial da estrada podem com frequência ver, em dias de verão, um homem muito velho, sentado em uma cadeira de vime, ali sobre o gramado. Ele se apoia na bengala e raramente suspende sua cabeça baixa, mas tudo porque seus olhos ficam no mesmo nível das duas crianças encantadoras que vêm até ele com todas as suas pequenas alegrias e dores, e porque aprenderam a cecear o seu nome, Tio Dixon, tão logo conseguiram o do pai e da mãe.

Miss Monro tampouco se faz ausente, e embora prefira se recolher à velha casa na abadia como alijamento de inverno, ela frequenta alegre a casa do cônego e de sua feliz esposa todas as noites.

Fim!

[1] Na aristocracia inglesa, o número de costados (de avôs nobres) poderia dar direito a títulos e honrarias. (N. do T.)

[2] O título de Lord-Lieutenant é atribuído aos representantes do monarca britânico, com jurisdição sobre um condado ou circunscrição semelhante. (N. do T.)

[3] Ou *College of Arms*. É uma instituição real especializada em pesquisa genealógica e registro de linhagens nobres. (N. do T)

[4] Estudo dos brasões. (N. do T.)

[5] Flor típica da Europa. É uma das primeiras plantas a surgir no final do inverno. (N. do T.)

[6] Terra onde a caça é proibida. (N. do T.)

[7] Conjunto de monarcas ingleses, também conhecido como dinastia Plantageneta ou Angevina (do Condado de Anjou, atualmente parte da França), que reinaram na Inglaterra entre 1154 a 1399. (N. do T.)

[8] Oficialmente chamado de The Honourable Society of the Middle Temple. É um instituição à qual devem pertencer todos os advogados do Reino Unido. (N. do T.)

[9] Rei da Escócia como Jaime VI e Rei da Inglaterra e Irlanda pela União das Coroas como Jaime I. (N. do E.)

[10] John Ruskin (1819-1900), escritor do Romantismo que deu ênfase à sensibilidade subjetiva e emotiva em contraponto à razão. (N. do T.)

[11] Dante Alighieri, escritor, poeta e político italiano. (N. do T.)

[12] Instrumento usado em pequenas cirurgias dotado de lâmina dupla, curta, larga e com ponta afiada.

[13] Personagem de *O Conto do Inverno*, peça teatral composta por William Shakespeare no início do século XVII, que fala sobre o triunfo do Tempo, o "pai da verdade". (N. do T.)

[14] Trilogia de peças teatrais do dramaturgo grego Ésquilo. (N. do T.)

[15] Estipulação testamentária em que o testador constitui uma pessoa como legatário ou herdeiro, mas impõe que, uma vez verificada certa condição, deverá transmitir a outra pessoa, por ele indicada, o legado ou a herança; substituição, fideicomissória. (N. do T.)

[16] Poeta e romancista inglês (1716 – 1771). (N. do T.)

[17] John Pyke Hullah (1812 –1884) foi um compositor inglês que pesquisou sistemas para ensinar música a um grande número de pessoas. (N. do T.)

[18] Localizado em Sydney, na Austrália, foi o lugar utilizado pelo império britânico como colônia penal. (N. do T.)

[19] Prato britânico com origem indiana. (N. do. T.)